

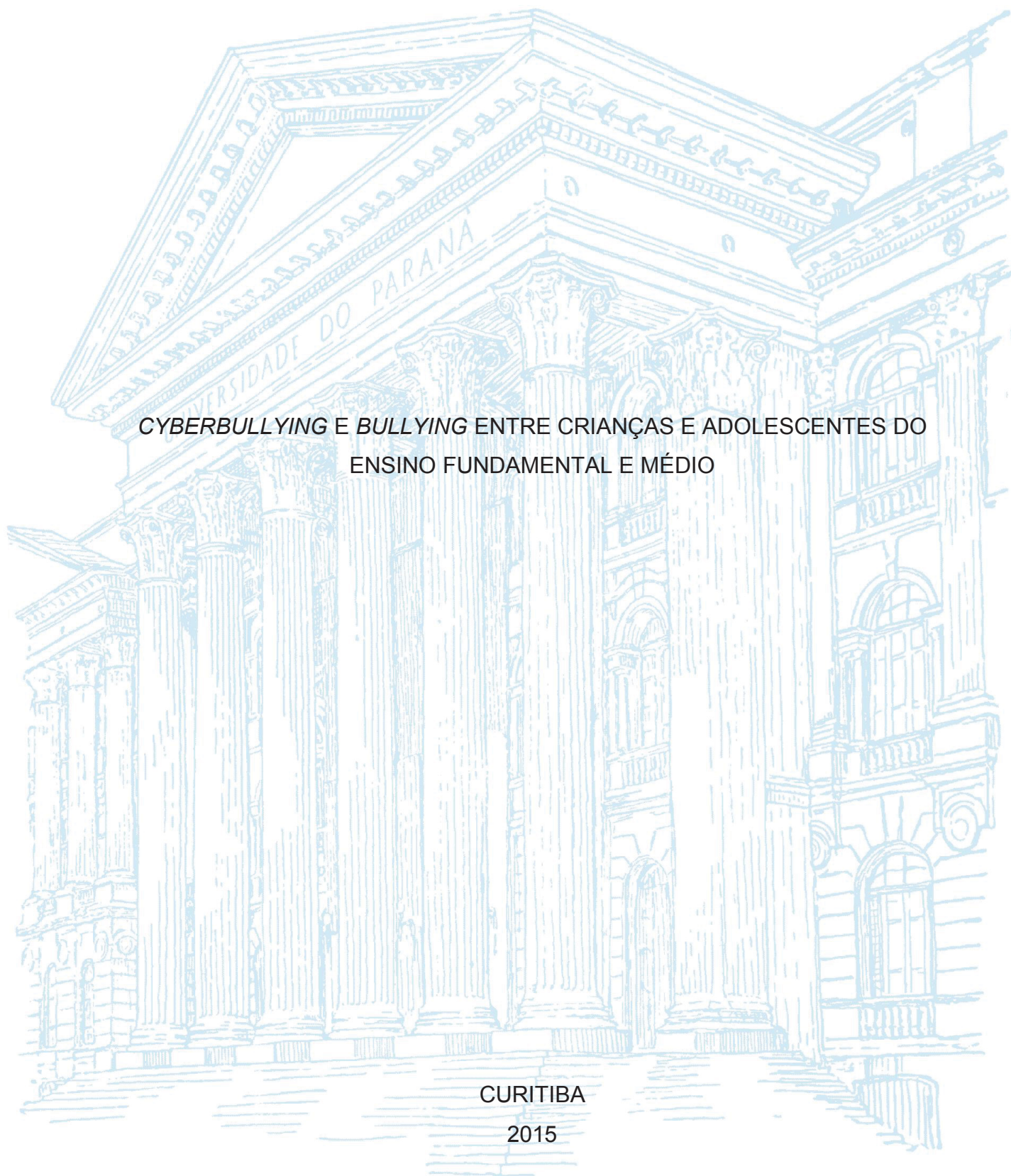
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RITA DE CÁSSIA SPRÉA UHLE

**CYBERBULLYING E BULLYING ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

CURITIBA

2015



RITA DE CÁSSIA SPRÉA UHLE

CYBERBULLYING E BULLYING ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Saúde da Criança e do Adolescente.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Antônio Antoniuk
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Suzane S. Löhr

CURITIBA

2015

U31 Uhle, Rita de Cássia Spréa

Cyberbullying e bullying entre crianças e adolescentes do ensino fundamental e médio [recurso eletrônico] / Rita de Cássia Spréa Uhle – Curitiba, 2015.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente. Setor de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Antônio Antoniuk

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Suzane S. Löhr

1. Bullying. 2. Violência. 3. Instituições acadêmicas. 4. Criança. 5. Adolescente. I. Antoniuk, Sergio Antônio. II. Löhr, Suzane S. III. Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente. Setor de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Paraná. IV. Título.

NLMC: WM167

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE, BIBLIOTECÁRIA: RAQUEL PINHEIRO COSTA
JORDÃO CRB 9/991



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

*Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado
em Saúde da Criança e do Adolescente*



Parecer

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - Mestrado e Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente**, do Setor de Ciências Saúde, da Universidade Federal do Paraná, após arguir a Mestranda

Rita de Cássia Spréa Uhle,

em relação ao seu trabalho de Dissertação de Mestrado intitulado:

“CYBERBULLYING E BULLYING ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO”

é de parecer favorável à *Aprovação* da acadêmica, habilitando-a ao título de *Mestre em Saúde da Criança e do Adolescente*, Área de concentração em *Neurologia Pediátrica*.

Curitiba, 31 de julho de 2015.

Professor Sérgio Antonio Antoniuk

Professor Adjunto do Departamento de Pediatria da UFPR; Presidente da Banca Examinadora e Orientador do Trabalho.

Professora Giovana Veloso Munhoz da Rocha

Professora Adjunta a Universidade Tuiuti do Paraná - UTP; Primeira Examinadora.

Professor Gustavo Manoel Schier Doria

Professor Adjunto do Departamento de Medicina Forense e Psiquiatria da UFPR; Segundo Examinador.

Professora Mônica Nunes Lima Cat

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

*Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado
em Saúde da Criança e do Adolescente*



Ata Sessão de Defesa de Dissertação de Mestrado

Ata da Sessão Pública de Exame de Dissertação para obtenção do grau de **Mestre em Saúde da Criança e do Adolescente**, área de concentração em **Neurologia Pediátrica**.

Aos trinta e um dias do mês de julho do ano de dois mil e quinze, às nove horas, realizou-se no **Auditório Professor Homero Braga, 14º. andar do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná**, a sessão pública de Defesa da Dissertação de Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente da Candidata **Rita de Cássia Spréa Uhle**, intitulada **"CYBERBULLYING E BULLYING ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO"**, sob a orientação dos Professores: **Doutor Sérgio Antonio Antonuk - UFPR - Orientador do Trabalho** e o **Doutora Suzane Schmidlin Löhr - UFPR - Co-Orientadora do trabalho**; e a Banca Examinadora composta pelos Professores: **Doutor Sérgio Antonio Antoniuk - UFPR - Presidente da Banca Examinadora**; **Doutora Giovana Veloso Munhoz da Rocha - UTP - Primeira Examinadora**; **Doutor Gustavo Manoel Schier Doria - UFPR - Segundo Examinador**; e a **Doutora Márcia Regina Machado Santos Valiati - UFPR - Suplente**, Para obtenção do grau de **Mestre em Saúde da Criança e do Adolescente**. O desenvolvimento dos trabalhos seguiu o roteiro de sessão de defesa estabelecido pela coordenação do curso, com abertura, condução e encerramento da sessão solene de defesa feita pela **Doutora Mônica Nunes Lima Cat**. Após haver analisado o referido trabalho e arguido a candidata, os membros da Banca Examinadora deliberaram pela **Aprovação** da acadêmica, habilitando-a ao **Título de Mestre em Saúde da Criança e do Adolescente**, área de concentração em **Neurologia Pediátrica**. **A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE ESTÁ CONDICIONADA AS CORREÇÕES SUGERIDAS PELOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA E AO CUMPRIMENTO INTEGRAL DAS EXIGÊNCIAS ESTABELECIDAS NAS NORMAS INTERNAS DESTES CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO.**

Professor Sérgio Antonio Antoniuk

Professor Adjunto do Departamento de Pediatria da UFPR; Presidente da Banca Examinadora e Orientador do Trabalho.

Professora Giovana Veloso Munhoz da Rocha

Professora Adjunta da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP; Primeira Examinadora.

Professor Gustavo Manoel Schier Doria

Professor Adjunto do Departamento de Medicina Forense e Psiquiatria da UFPR; Segundo Examinador.

Professora Mônica Nunes Lima Cat

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente

Dedico especialmente a minha filha Carolina Spréa Uhle, que abriu espaço em seu coração para que eu pudesse estudar e ajudar as pessoas que sofrem de Bullying e Cyberbullying e que com nosso amor incondicional me mantém perseverante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, proteção e sabedoria despendida. Aos meus pais, que me ensinaram o caminho a seguir. Especialmente ao meu pai, que sempre garantiu estudo e alimentação, e minha mãe, que defendia e acolhia. Ambos afirmavam que para melhorar de vida neste país tem-se que estudar.

Ao meu dedicado orientador e professor excepcional Professor Doutor Sérgio Antônio Antoniuk, meus sinceros agradecimentos por seu constante apoio, conselhos, sabedoria, estímulo à pesquisa científica e a incansável disponibilidade de ensinar e aprender. Pelo exemplo de vida, dedicação à medicina, ética e respeito pelo paciente.

A minha Coorientadora, Professora Doutora Suzane S. Löhr, pela paciência, dedicação, intervenções, incansáveis correções e apoio em todas as circunstâncias desta pesquisa, indo além da orientação acadêmica, incluindo também orientações éticas profissionais.

Ao Doutor Gustavo Dória, pela referência profissional, incentivo, atenção e pela imprescindível colaboração na realização deste trabalho.

Ao profissional Cesar Romero Silva, analista de sistemas e programador, pelo apoio e ajuda no assessoramento para criar planilhas online de aplicação e coleta de dados.

Ao Centro de Neuropediatria do Hospital de Clínicas UFPR (CENEP) e seus integrantes pelo incentivo e por viabilizar o desenvolvimento e a concretização desta pesquisa. À equipe do CENEP por sua amizade gratificante com quem tive grande prazer de conviver nos anos de voluntariado antes do mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, em nome de sua coordenação, Professora Doutora Monica Lima e ao Professor Doutor Nelson Augusto Rosário Filho, exemplo de dedicação e incentivo nas atividades acadêmicas.

Aos meus colegas de pós-graduação e agora amigos – Claudia Dias, Jandira Kundera, Joyce Fischer, Larissa Bitar, Larissa Guimarães, Marcia Valiati, Marilza Modesto, Rodrigo Carvalho, Alberto Vellozo Machado, Yuri Sica e Nadia Mohamad Amer – que me ajudaram com sua amizade e companheirismo. Profissionais em áreas distintas, suas diferentes personalidades, mas a alegre convivência e o constante estímulo de que todos somos capazes em muitos momentos, tornaram inesquecível e regada de múltiplas aprendizagens, minha passagem pelo curso de mestrado.

À amiga de infância Psiquiatra Cláudia Paola pelas incansáveis leituras e releituras e incentivo para a conclusão deste trabalho.

À Clara Lara Freitas, por sua generosidade, paciência, dedicação no apoio às atividades docentes e discentes e seu auxílio nesta fase final.

Aos Colégios que aceitaram participar da pesquisa por cederem o espaço, tempo e o laboratório de informática para a realização das escalas, incentivando a pesquisa científica e possibilitando a execução desta dissertação.

Aos alunos, seus pais e aos membros dos Colégios da pesquisa por sua aquiescência e disponibilidade para a realização de todos os procedimentos necessários para a realização deste trabalho.

A todos aqueles que, embora não nomeados, me ajudaram com seus inestimáveis apoios em distintos momentos, o meu reconhecido e carinhoso muito obrigado!

MUNDO DA CRIANÇA

A criança e seu mundo

Árduo e desafiador

Ser pequeno demorar para crescer

Futuro adulto? E o hoje?

Bullying Cyberbullying desproteção!

Para o adulto maduro grandão

Tudo bobagem, pois experiência sofrida

Faz parte da vida.

Ajuda ajuda me escuta

Mamãe Papai Professor Doutor

Sou criança, da realidade insegurança

Quero apenas estar criança

Não sou pequeno adulto

Diferente é meu reduto

Não tenho respostas me mostra

Me ensina me protege

Desse mundo maluco

Que não me vê quando mais preciso

Quando me assustam me exploram e castigam e causam dor

Sou criança apenas eduque cuide e me dê amor.

RESUMO

O *Bullying* é uma ação de violência repetida que ocorre em ambiente escolar, praticada por um agressor (*Bullie*) ou um grupo deles, com intenção de causar mal a uma ou mais vítimas. O *Cyberbullying* é uma forma virtual do *Bullying* que se caracteriza por usar a internet, em mídias sociais, para a agressão. O *Bullying* e o *Cyberbullying* divergem em relação à presença do agressor, da vítima e do público espectador, já que o *Cyberbullie*, assim como o público, pode permanecer anônimo. Ambas são práticas incômodas e causam constrangimento moral e psicológico. Compreende-se que é necessário aprofundar os estudos relativos a esta temática, para elucidar este subcapítulo da violência e de suas consequências visando melhorar a qualidade de vida da população infanto-adolescente. **Objetivos:** Os objetivos foram verificar a prevalência de *Bullying*, *Bullie*, *Cyberbullying* e *Cyberbullie* entre estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio de Curitiba e como esta problemática se manifesta. **Método de análise de dados:** Foi realizado um estudo observacional e analítico, com coleta de dados para avaliação da prevalência de *Bullying* e *Cyberbullying* em âmbito escolar, caracterizando uma pesquisa exploratória e explicativa. Os dados foram levantados por meio de questionários respondidos *on-line* pelos participantes. O questionário com 38 questões fechadas e 2 abertas foi elaborado e aplicado, cujos dados foram exportados para o Programa *Statistica* v.8.0 (*Statsoft*®). Para avaliar a associação entre as variáveis foram usados o teste exato de Fisher e o teste de Qui-quadrado. Para análise multivariada foram ajustados modelos de Regressão Logística e usado o teste de Wald; valores de *odds ratio* (OR) com intervalos de confiança de 95%. Valores de $p < 0,05$ indicaram significância estatística. **Resultados:** A amostra foi composta por 478 estudantes da 6.º a 9.º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, destes, 210 estudavam em escola pública (43,9%) e 268 de escola particular (56,1%). A faixa etária dos estudantes foi de 8 a 19 anos, com média de idade $12,7 \pm 1,9$ anos. As prevalências encontradas foram *Bullying* 64,0%, *Bullie* 36,62% de *Cyberbullying* 52,1% e *Cyberbullie* 15,3%. O *Bullying* do tipo verbal declarado foi o mais utilizado em 74,0% dos casos (apelido, humilhação, xingamento, ameaça, risadas e apontar). Verificou-se aumento da possibilidade de sofrer *Cyberbullying* em vítimas de *Bullying* ($p < 0,01$; OR: 8,2; IC95%: 5,3 – 12,7). O *Bullie* foi associado à *Cyberbullie* ($p < 0,01$; OR: 10,8; IC95%: 5,8 – 20,0). Foi identificada maior prevalência do *Cyberbullying* em escolas particulares: (OR: 1,9 IC 95%: 1,1 - 3,2). **Discussão:** A prevalência de *Bullying* e de *Cyberbullying* encontrada foi equivalente à literatura. Foi encontrada associação entre sofrer *Bullying* e sofrer *Cyberbullying*. Os estudantes de sexo masculino apresentaram duas vezes mais chance de praticar *Bullying* (*Bullie*) do que os de sexo feminino. A prática de *Cyberbullying* foi significativamente associada aos estudantes de escolas particulares. A maioria da amostra estudada contou para alguém que sofre *Bullying*. O sentimento do *Bullie* e do *Cyberbullie* associado com maior frequência em relação à prática desta violência foi indiferença enquanto as vítimas mencionaram sentimentos de tristeza, raiva, medo e revolta.

Palavras-chave: *Bullying*. Vítimas. Escola. Violência. *Cyberbullying*.

ABSTRACT

Bullying is a repeated violent action that occurs in the school environment, practiced by an aggressor (Bullie) or a group of them, with intent to cause harm to one or more victims. Cyberbullying is a virtual form of bullying which is characterized by using the internet, social media, for aggression. Bullying and Cyberbullying differ regarding the presence of the offender, the victim and the viewing public, since the Cyberbullie, as well as the public, can remain anonymous. Both practices are uncomfortable and cause moral and psychological embarrassment. It is understood that it is necessary to deepen the studies on this subject, to elucidate this subchapter violence and its consequences to improve the quality of life of children and adolescents. **Objectives:** The objectives were to determine the prevalence of bullying, Bullie, Cyberbullying and Cyberbullie between students from Elementary and High School from Curitiba and how this problem manifests itself. **Method of data analysis:** An observational and analytical study was conducted, with data collection to assess the prevalence of bullying and cyberbullying in the school setting, featuring an exploratory and explanatory research. Data were collected through questionnaires answered online by the participants. We developed and implemented online questionnaire with 38 closed questions and 2 open, whose data were exported to the program Statistica v.8.0 (Statsoft®). To evaluate the association between variables were used the Fisher exact test and the chi-square test. For multivariate analysis were adjusted logistic regression models and used the Wald test; odds ratios (OR) with 95% confidence intervals. P values <0.05 were considered statistically significant. **Results:** The sample consisted of 478 students from 6th to 9th grade of elementary school and high school, of whom 210 were studying in public schools (43.9%) and 268 from private schools (56.1%). The age range of students was 8-19 years, mean age 12.7 ± 1.9 years. Prevalence rates were 64.0% Bullying, Cyberbullying Bullie 36.62% to 52.1% and 15.3% .The Cyberbullie Bullying declared verbal type was the most used in 74.0% of cases (name, humiliation, name calling, threatening, laughing and pointing An increase of the possibility of suffering Cyberbullying victims of bullying ($p < 0.01$; OR: 8.2; 95% CI: 5.3 to 12.7). The Bullie was associated the Cyberbullie ($p < 0.01$; OR: 10.8; 95% CI: 5.8 to 20.0). It was identified higher prevalence of cyberbullying in private schools: (OR: 1.9; 95% CI: 1.1 ... - 3.2) **Discussion:** The prevalence of Bullying and Cyberbullying found was equivalent to literature significant association was found between suffering Bullying and Cyberbullying The suffering of male students were twice as likely to practice Bullying (Bullie) than the female. The practice of Cyberbullying was associated with students from private schools. Most of the study population told someone that was suffering Bullying. The feeling of Bullie and Cyberbullie associated most frequently with regard to practice this violence was indifference while the victims mentioned feelings of sadness, anger, fear and anger.

Keywords: Bullying. Victims. School. Violence. Cyberbullying.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	CARACTERÍSTICAS GERAIS DA AMOSTRA DO ESTUDO EM CURITIBA – 2011-2012	47
Tabela 2	FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES QUE TIVERAM EXPERIÊNCIA DE <i>BULLYING</i> , <i>BULLIE</i> , <i>CYBERBULLYING</i> E <i>CYBERBULLIE</i> EM CURITIBA – 2011-2012	48
Tabela 3	FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS DO USO DE MÍDIAS DIGITAIS EM CURITIBA – 2011 – 2012	48
Tabela 4	COMPARAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA COM A ESCOLA PARTICULAR EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE MAUS-TRATOS NO <i>BULLYING</i> E NO <i>BULLIE</i> EM CURITIBA – 2011-2012	48
Tabela 5	AVALIAÇÃO DOS FATORES SEXO, FAIXA ETÁRIA E TIPO DE ESCOLA COM <i>BULLYING</i> E <i>BULLIE</i> – ANÁLISES UNIVARIADA E MULTIVARIADA EM CURITIBA – 2011-2012	51
Tabela 6	COMPARAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA COM A ESCOLA PARTICULAR EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE MAUS-TRATOS NO <i>CYBERBULLYING</i> E NO <i>CYBERBULLIE</i> EM CURITIBA – 2011-2012	52
Tabela 7	AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS FATORES SEXO, FAIXA ETÁRIA E TIPO DE ESCOLA COM <i>CYBERBULLYING</i> E <i>CYBERBULLIE</i> – ANÁLISES UNIVARIADA E MULTIVARIADA EM CURITIBA - 2011-2012	53
Tabela 8	FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS DO <i>BULLYING</i> : QUANDO, COM QUE FREQUÊNCIA OCORREU, LOCAL E TIPOS DE MAUS-TRATOS, EM CURITIBA - 2011-2012	54
Tabela 9	FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS DO <i>BULLYING</i> : SENTIMENTOS, SE CONTOU PARA ALGUÉM, IDADE NO INÍCIO DAS OCORRÊNCIAS E QUEM MALTRATOU, EM CURITIBA - 2011-2012	56
Tabela 10	FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DAS CARACTERÍSTICAS DO <i>BULLIE</i> : FREQUÊNCIA COM QUE MALTRATA OS COLEGAS DA ESCOLA, TIPOS DE MAUS-TRATOS PRATICADOS, LOCAL DA OCORRÊNCIA E SENTIMENTOS DO <i>BULLIE</i> EM RELAÇÃO À VÍTIMA, EM CURITIBA – 2011-2012	57
Tabela 11	FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS DO <i>CYBERBULLIE</i> : QUANDO OCORREU, IDADE QUANDO COMEÇOU A SOFRER AGRESSÕES, TIPOS DE AGRESSÕES E COMO FICOU SABENDO, EM CURITIBA – 2011-2012	58

Tabela 12	FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS DO <i>CYBERBULLYING</i> (VÍTIMA): SENTIMENTOS E IMPLICAÇÕES NA VIDA SOCIAL DO ESTUDANTE, EM CURITIBA – 2011-2012	60
Tabela 13	FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DAS CARACTERÍSTICAS DO <i>CYBERBULLIE</i> : FREQUÊNCIA DA PRÁTICA, TIPOS DE MAUS-TRATOS PRATICADOS, LOCAL DA OCORRÊNCIA E SENTIMENTOS DO <i>BULLIE</i> EM RELAÇÃO À OCORRÊNCIA, EM CURITIBA – 2011-2012	61
Tabela 14	AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE <i>BULLYING</i> E <i>BULLIE</i> , EM CURITIBA – 2011-2012	62
Tabela 15	AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE <i>CYBERBULLYING</i> E <i>CYBERBULLIE</i> , EM CURITIBA – 2011-2012	62
Tabela 16	AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE <i>BULLYING</i> E <i>CYBERBULLYING</i> , EM CURITIBA – 2011-2012	62
Tabela 17	AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE <i>BULLIE</i> E <i>CYBERBULLYING</i> , EM CURITIBA – 2011-2012	63
Tabela 18	AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE <i>BULLYING</i> , <i>CYBERBULLYING</i> , <i>BULLIE</i> E <i>CYBERBULLIE</i> E A QUANTIDADE DE BONS AMIGOS NA ESCOLA, EM CURITIBA – 2011-2012	63
Tabela 19	FREQUÊNCIA E PERCENTAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS ATITUDES, OS SENTIMENTOS FRENTE AO TESTEMUNHO DE <i>BULLYING</i> E A OPINIÃO DOS ESTUDANTES SOBRE OS MOTIVOS DESSA PRÁTICA, EM CURITIBA – 2011-2012	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPIA	- Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência
<i>Blog</i>	- <i>Weblog</i> (é resultante da justaposição das palavras da língua inglesa <i>web</i> e <i>log</i>)
BPI	- <i>Bullying Prevention Institute</i>
CCJC	- Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania
MSN	- <i>Microsoft Service Network</i> (que significa “Rede de Serviços da Microsoft”).)
NCH	- <i>National Children's Home</i>
NTC	- Novas Tecnologias de Comunicação
PDT/RS	- Partido Democrático Trabalhista / Rio Grande do Sul
TALE	- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	- Tecnologia de Informação e Comunicação
<i>Vlog</i>	- <i>Videoblog</i> (vídeo + blog, os conteúdos predominantes são os vídeos)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	OBJETIVOS	18
1.1.1	Objetivo geral	18
1.1.2	Objetivos específicos	18
2	REVISÃO DA LITERATURA	20
2.1.	<i>BULLYING</i>	20
2.1.1	Definição de <i>Bullying</i>	20
2.1.2	Características do <i>Bullying</i>	21
2.2.	<i>CYBERBULLYING</i>	24
2.2.1	Definição de <i>Cyberbullying</i>	25
2.2.2	Características do <i>Cyberbullying</i>	26
2.3.	ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE <i>BULLYING</i> E <i>CYBERBULLYING</i>	27
2.4.	CONSEQUÊNCIAS DO <i>BULLYING</i> E <i>CYBERBULLYING</i>	30
2.4.1	<i>Bullying</i> e <i>Cyberbullying</i> têm consequências jurídicas?	31
2.4.2.	O desenvolvimento moral	36
2.4.3	<i>Bullying</i> e <i>Cyberbullying</i> – a psicopatologia	39
3	MATERIAL E MÉTODOS	42
3.1	TIPO DE ESTUDO	42
3.2	LOCAL E PERÍODO DE ESTUDO	42
3.3	POPULAÇÃO DE ESTUDO	43
3.4	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	43
3.5	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	43
3.6	AMOSTRA E TÉCNICA DE AMOSTRAGEM	43
3.7	PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	44
3.8	INSTRUMENTO DE PESQUISA	45
3.9	ANÁLISE ESTATÍSTICA	46
3.10	ÉTICA EM PESQUISA	46
3.10.1	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	47
3.10.2	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)	47
3.11	FOMENTO E INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES	47
4	RESULTADOS	48
4.1	CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA	48
4.2	PREVALÊNCIA DE <i>BULLYING</i> , <i>BULLIE</i> , <i>CYBERBULLYING</i> E <i>CYBERBULLIE</i>	48
4.3	PERFIL DO ESTUDANTE QUANTO AO USO DE MEIOS DIGITAIS	49
4.4	<i>BULLYING</i> , <i>CYBERBULLYING</i> , <i>BULLIE</i> E <i>CYBERBULLIE</i> NAS ESCOLAS PESQUISADAS	50
4.4.1	Comparação dos tipos de escola em relação aos tipos de maus-tratos no <i>Bullying</i> e no <i>Bullie</i>	50
4.4.2	Avaliação da associação de sexo, faixa etária e tipos de escola com a prática do <i>Bullying</i> e <i>Bullie</i>	51
4.4.3	Comparação dos tipos de escola em relação aos tipos de maus-tratos no <i>Cyberbullying</i> e no <i>Cyberbullie</i>	53
4.4.4	Avaliação da associação de sexo, faixa etária e tipo de escola com a prática do do <i>Cyberbullying</i> e <i>Cyberbullie</i>	53

4.5	AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS RELATIVOS AO <i>BULLYING</i>	54
4.5.1	Identificação dos estudantes que sofrem ou sofreram <i>Bullying</i>	54
4.5.2	Descrição das características do <i>Bullie</i>	57
4.6	AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS RELATIVOS AO <i>CYBERBULLYING</i>	58
4.6.1	Descrição das características do <i>Cyberbullying</i>	58
4.7	AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS RELATIVOS AO <i>CYBERBULLIE</i>	59
4.7.1	Descrição das características do <i>Cyberbullie</i>	59
4.8	AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE <i>BULLYING</i> , <i>BULLIE</i> , <i>CYBERBULLYING</i> E <i>CYBERBULLIE</i>	60
4.9	AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE <i>BULLYING</i> , <i>BULLIE</i> , <i>CYBERBULLYING</i> E <i>CYBERBULLIE</i> E A QUANTIDADE DE BONS AMIGOS	62
4.10	PREVALÊNCIA DE ESTUDANTES QUE PRESENCIAM MAUS- TRATOS E SUAS REAÇÕES	63
4.11	ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	64
5	DISCUSSÃO	66
5.1	PREVALÊNCIAS DE <i>BULLYING</i> , <i>BULLIE</i> , <i>CYBERBULLING</i> E <i>CYBERBULLIE</i>	66
5.2	PERFIL DO USO DO MEIO DIGITAL PELOS ESTUDANTES	67
5.3	<i>BULLYING</i> , <i>CYBERBULLING</i> , <i>BULLIE</i> E <i>CYBERBULLIE</i> NAS ESCOLAS PESQUISADAS	68
5.3.1	Descrição das características do <i>Bullying</i>	68
5.4	DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DO <i>BULLIE</i>	70
5.5	CARACTERÍSTICAS DO <i>CYBERBULLYING</i>	72
5.6	CARACTERÍSTICAS <i>CYBERBULLIES</i>	74
5.7	AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE <i>BULLYING</i> E <i>BULLIE</i> E ENTRE <i>CYBERBULLYING</i> E <i>CYBERBULLIE</i>	75
5.8	ASSOCIAÇÃO DE <i>BULLYING</i> , <i>BULLIE</i> , <i>CYBERBULLYING</i> , <i>CYBERBULLIE</i> E QUANTIDADE DE BONS AMIGOS	76
5.9	PREVALÊNCIA DE ESTUDANTES QUE PRESENCIAM MAUS- TRATOS E SUAS REAÇÕES	76
6	CONCLUSÃO	79
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	84
	APÊNDICES	98
	ANEXOS	110
	PRODUÇÃO ACADÊMICA	114

1 INTRODUÇÃO

Comportamentos de opressão, perseguição e gozação fazem parte do dia a dia de crianças, as quais, muitas vezes, competem entre si. Atitudes agressivas, intencionais e repetidas envolvendo relação de poder em que um é vítima e outro é o abusador, que podem ocorrer ocasionalmente em escolas e na vizinhança (proximidade da escola) são reconhecidas como *Bullying* (OLWEUS, 1993; FANTE, 2005; MALTA *et al.*, 2010).

Atualmente são reconhecidos dois tipos de *Bullying*: o *Bullying* tradicional, também identificado apenas como *Bullying*, frequente, em que o agressor está presente durante a ação e reação da sua vítima; e o *Cyberbullying*, produto do rápido desenvolvimento tecnológico das mídias sociais, no qual a agressão se dá online. O *cyberbullying* pode ser compreendido como um tipo específico de *bullying* que ocorre por meio de instrumentos tecnológicos, como celulares e a internet (Slonje & Smith, 2008). Outra definição bem aceita na literatura é a dos autores Hinduja e Patchin (2009), que descrevem este fenômeno como um processo no qual alguém realiza, proativa e repetidamente, ações como piadas sobre outros em contextos virtuais ou quando um indivíduo “assedia alguém através de *e-mails* ou mensagens de texto ou ainda através de postagem de tópicos sobre assuntos que a vítima não aprecia” (HINDUJA & PATCHIN, 2009).

Estas duas modalidades divergem quanto à presença do agressor quando do agir abusivo (no *Cyberbullying* este não vê a reação de sua vítima) e também ao público espectador (a internet facilita o acesso às informações relacionadas ao incidente). Ambos causam sofrimento às vítimas e provocam reações diversas que prejudicam o bom desenvolvimento da criança/adolescente afetada, seus relacionamentos e emoções (OLWEUS, 1993; FANTE, 2005; MALTA *et al.*, 2010; SOURANDER *et al.*, 2010).

No Brasil (BORSA e SOUSA, 2014), ainda são poucas as escolas que adotam políticas de prevenção dos atos de *Bullying* com o objetivo de diminuir ou inibir atitudes de violência (FANTE, 2005). Considerando que a infância e adolescência são períodos importantes para o desenvolvimento tanto

neurobiológico, quanto emocional, cognitivo e espiritual, os atos violentos podem gerar prejuízos que, sem o tratamento adequado, tem o potencial de afetar seus relacionamentos sociais, profissionais e acadêmicos, podendo persistir na vida adulta (SOURANDER *et al.*, 2010).

Crianças e adolescentes são expostos todos os dias ao risco de sofrer violência gratuita e frequente, uma vez que os sintomas do *Bullying* e *Cyberbullying* demoram a ser considerados (SMITH *et al.*, 2008). Os agressores também deixam de receber a atenção e cuidado devidos para que aprendam a lidar com suas ações e com as consequências destas. Compreende-se que é necessário aprofundar os estudos relativos a esta temática, para elucidar este subcapítulo da violência e de suas consequências — pois as diversas formas de violência sofridas por crianças e adolescentes ainda são desconhecidas ou subestimadas no mundo todo — e também para que seja possível elaborar estratégias de intervenção visando melhorar a qualidade de vida da população infanto-adolescente (SOURANDER *et al.*, 2010; CALHAU, 2011).

A primeira etapa para a elaboração de propostas de intervenção em alguma problemática consiste em mapeá-la, avaliando sua prevalência. Este estudo teve como objetivo determinar a prevalência de casos de *Bullying* e *Cyberbullying* entre alunos do Ensino Fundamental e Médio de Instituições de ensino privadas e públicas, em Curitiba, visando compreender a forma como tais situações se manifestam, quais os meios utilizados e suas motivações, avaliar as consequências para a vida social da vítima de *Bullying* e *Cyberbullying*, e as implicações emocionais que as agressões, físicas e psicológicas, ocasionam; como também avaliar a prevalência e motivação das crianças agressoras (HAWKER; BOULTON, 2000; SMITH *et al.*, 2006; PERREN *et al.*, 2010; SOURANDER *et al.*, 2010). Incluiu ainda a avaliação das testemunhas, compreendidas como um terceiro personagem no cenário do *Bullying* e *Cyberbullying*, diretamente envolvido com a problemática do *Bullying*, ainda que seu envolvimento seja de uma maneira passiva, silenciosa (DAWKINS, 1995; VALLE, 2011).

Nos países onde existem pesquisas em larga escala sobre *Bullying*, a maior parte dos estudos tem tratado determinados tipos de violência em detrimento de outros. As práticas violentas do *Bullying* e *Cyberbullying* têm despertado crescente atenção

em países europeus, nos Estados Unidos da América, no Canadá, no Japão, na Austrália entre outros (RASKAUSKAS; STOLTZ, 2007; SMITH *et al.*, 2008; SOURANDER *et al.*, 2010). No Brasil (BANDEIRA e HUTZ, 2010 e 2012), surgem os trabalhos pioneiros, que tratam deste problema de importância dentro do capítulo das violências na infância (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2005; MALTA *et al.*, 2010).

Neste estudo, busca-se elucidar como o *Bullying* e o *Cyberbullying* acontecem na população estudada, como se manifesta em seus diferentes atores, para que, a partir da análise das informações coletadas, venha a ser possível traçar estratégias de prevenção dentro do ambiente familiar e escolar.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Verificar a prevalência do *Bullying*, *Bullie*, *Cyberbullying* e *Cyberbullie* entre estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio de Curitiba e como esta problemática se manifesta.

1.1.2 Objetivos específicos

- Estimar a prevalência de comportamento *Bullie* e *Cyberbullie* e suas características; comparando entre estudantes de escola pública e escola particular;
- Verificar a correlação entre agressor e vítima. Se o agressor, seja *Bullie* ou *Cyberbullie* também é alvo de *Bullying* ou *Cyberbullying*;

- Identificar as características do *Bullying* e *Cyberbullying*: como esta problemática se manifesta, quando e onde ocorre, quais os meios utilizados pelos agressores, os sentimentos em relação a sofrer tais violências;
- Identificar as características do *Bullie* e *Cyberbullie*: tipo de maus-tratos que pratica, frequência, local e sentimentos em relação a sua conduta.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 BULLYING

2.1.1 Definição de *Bullying*

O *Bullying* começou a ser estudado na Europa, pelo professor de psicologia norueguês Dan Olweus, na década de 1970, que é considerado o pioneiro e especialista em pesquisas sobre problemas de *Bullying*. A partir de seus estudos, ele pôde chegar aos critérios que identificavam este fenômeno de forma mais específica. De acordo com Olweus (1993), *Bullying* é uma ação de violência sistemática, desigual e recorrente no âmbito escolar na qual se identifica um agressor ou grupo deles que tem a intenção de causar dano a alguém (vítima), que se encontra, normalmente, com pouco ou nenhum recurso de revidar.

Segundo Smith *et al.* (2002), o termo *Bullying* deriva do verbo inglês *bully*, que significa valente, brigão. Essa palavra, sem uma tradução no português, descreve o comportamento agressivo característico das diferenças de força moral e/ou física entre o agressor e o ofendido observado em escolas e salas de aula e que preocupa professores e familiares.

Segundo Malta *et al.* (2010), o *Bullying* pode ser definido como um comportamento violento entre crianças e adolescentes. Compreende atitudes agressivas, intencionais, repetidas e sem motivações aparentes que vão desde chateações, apelidos até agressões físicas. Fante (2005) define o *Bullying* como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, sem motivação evidente, por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento, com potencial de causar danos físicos, morais e materiais, além de levar as vítimas à exclusão.

Nas situações envolvendo *Bullying* as relações de poder são desiguais, uma vez que a vítima apresenta dificuldade para se defender, o que a leva a sofrimento

psicológico associado à segregação, humilhação e discriminação vivenciados. O agressor, por sua vez, tende a manifestar um comportamento agressivo, ou seja, infligir ou incomodar outro estudante por meio de palavras, ações, contato físico, caretas, gestos obscenos e exclusão (SMITH, 2010). Em qualquer um dos idiomas, o conceito de *Bullying* não consegue definir a totalidade da violência, por estes motivos, a grande maioria dos pesquisadores e especialistas no mundo todo emprega consideravelmente o termo inglês.

2.1.2 Características do *Bullying*

Para Lopes Neto (2005), a agressividade nas escolas é um problema universal. A vitimização no *Bullying* representa os diferentes tipos de envolvimento com a violência durante as fases da infância e adolescência. Entretanto, nem sempre a agressividade pode ser considerada como sinônimo de *Bullying*.

De acordo com Calhau (2011), o *Bullying* pode ser dividido em direto e indireto. Apelidos, agressões físicas como chutes, socos empurrões; ameaças; extorsão (tomar para si lanches, mesadas, exigir valores ou bens), ofensas; xingamentos e provocações são considerados *Bullying* direto. Já o indireto compreende práticas de indiferença, difamação, isolamento e fofocas. O gênero dos agressores está relacionado ao tipo de *Bullying*. Os meninos são responsáveis pelos atos mais agressivos e hostis e as meninas utilizam-se da agressão indireta, como as intrigas, mentiras e ofensas, isolamento e exclusão social.

Calhau (2011) afirma também ser possível classificar o *Bullying* pela natureza das agressões: física, verbal declarada, psicológica e psicológica dissimulada. Como exemplos de agressão física pode-se citar: bater, chutar, empurrar, derrubar e ferir. Dentre as agressões verbais são comuns comportamentos como: xingar, ameaçar, intimidar, colocar apelidos e hostilizar. Já o *Bullying* com repercussões no âmbito psicológico, envolve práticas como: amedrontar, apelidar, humilhar, excluir e difamar.

O *Bullying* pode ser realizado além das condutas comissivas; trata-se do *Bullying* por omissão, com efeitos tão devastadores quanto às demais condutas, como diz o promotor Lélío Braga Calhau (2011, p.32):

Ele pode ser produzido com atos de ignorar, "dar um gelo" ou isolar a vítima. Se provocados por um grupo de alunos numa sala de aula podem ser devastadores para a autoestima de uma criança, por exemplo. Em geral, o *Bullying* praticado com omissão é mais afeto ao praticado por meninas e é bem sutil. É quase invisível. Se você analisar o ato isolado ele pode não significar nada, mas são como pequenas agressões, que pouco a pouco vão minando a integridade psicológica da vítima.

Salmivalli (2010) afirma que frequentemente o *Bullying* é um "processo de grupo" e que as intervenções devem ser orientadas para os grupos de pares em vez de agressores e vítimas individuais. Embora a ideia de um episódio de *Bullying* sempre remeta a um grupo de crianças ou adolescentes contra um indivíduo (a vítima), percebe-se que tal perspectiva não reflete a realidade. Ao invés de um grupo agindo em bloco, com todos os seus componentes movidos pela mesma motivação, ou com emoções similares, o que se verifica na atualidade é que diferentes fatores podem levar ao envolvimento com o *Bullying*.

Os três personagens principais que vivenciam os atos de *Bullying* (agressor, vítima e testemunha), cada um à sua maneira, faz parte de um triste processo de violência (LI, 2007). Ainda que não se caracterizem como vítimas de *Bullying*, as testemunhas sofrem com os ataques e provocações causados por agressores que se veem como superiores e até agem como líderes de grupos e que os incentivam a serem violentos (DAWKINS, 1995).

Estas crianças são controladas pelo medo de retaliação caso denunciem os agressores, podendo vir assim a se tornar alvos de *Bullying*. O silêncio, o se calar por medo, passa certa sensação de proteção para elas.

Em um estudo, de 2003, feito pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) com mais de cinco mil alunos, mais de 40% dos entrevistados descreveu algum envolvimento com práticas de *Bullying*, ao menos uma vez, seja como agressor, vítima ou espectador (LOPES NETO, 2005).

A prevalência de *Bullies* em crianças e adolescentes é tipicamente entre 5-15% (PELLEGRINI, BARTINI; BROOKS, 1999; CRAIG; HAREL, 2004). Salmivalli (2010), ao realizar revisão de estudos sobre violência e agressão, afirmou que em grupos sociais onde o *Bullie* (o líder que provoca o *Bullying*) toma a iniciativa, ele tende a ser identificado, diferenciando de situações em que o agressor age de forma velada, como no *Cyberbullying*. Prognósticos a respeito do comportamento de *Bullies*

ênfatizaram o padrão agressivo de sua personalidade (OLWEUS, 1978), que os levou a agredir diversas pessoas em diferentes contextos.

Os agressores (*Bullies*) mantêm suas ações violentas muitas vezes por acreditarem que são melhores que suas vítimas e por encontrar incentivo e até apoio entre os colegas. Na adolescência, a aceitação pelo grupo é muito importante e para alcançá-la, muitos agem violentamente procurando se estabelecer e ocupar uma posição de destaque dentro de um grupo (SALMIVALLI, 2010). As vítimas tendem a apresentar traços de insegurança, introspecção, passividade e falta de reação às agressões sofridas, altos índices de depressão, solidão, ansiedade social generalizada e baixa autoestima (HAWKER; BOULTON, 2000).

Não podem ser excluídos os espectadores que são as testemunhas silenciosas do *Bullying* e que sempre estão no ambiente dos agressores e/ou das vítimas, mantendo algum grau de relação com eles (CALHAU, 2011, p.11).

Mas há, ainda, outro grupo: das vítimas-agressoras. São pessoas que foram vitimizadas pelo *Bullying* e passaram a ser agressoras de outras pessoas. Aprenderam o comportamento do *Bullying* e, por algum motivo (ex.: deixarem de ser alvos) passaram a reproduzir o comportamento e atacar outras pessoas (CALHAU, 2011, p.11).

Couto Valle (2011), destacou algumas características para cada personagem envolvido nesse cenário:

- O agressor — é uma pessoa que demonstra não ser capaz de "transformar sua indisposição, raiva, ressentimento; reanalisar os fatos; conversar, viver a situação de diálogo" (VALLE, 2011, p.22);
- A vítima — "É geralmente 'escolhida' por ser tímida ou por demonstrar pouca sociabilidade, e por ser insegura, o que a leva a ficar retraída e a sofrer muito quando agredida, e esse conjunto de traços faz dela um alvo ainda mais fácil". Dentre os comportamentos, Valle (2011) ressalta: "fazer a vontade do agressor na esperança de que a violência pare [...]"; "concordar com a agressão" (p.21-22); reagir alternando ansiedade e agressividade; e, a vítima se torna também em agressor. A autora refere-se ao efeito dominó:

Reagir agredindo o outro: é o que estamos chamando de "efeito dominó", ou seja, o indivíduo percebe que seus agressores ficaram impunes, e para mostrar que não é covarde, então, também a vítima resolve fazer outras vítimas, assim, repete-se o círculo: "escolhe" outra pessoa mais indefesa e passa a provocá-la, com isso tornando-se agressor e alvo ao mesmo tempo (VALLE, 2011, p.21-22).

- O espectador — esse é um personagem nem sempre estudado: muitos consideram que o *Bullying* se esgota na relação agressor-vítima. Entretanto, esse é um personagem quase fundamental para que o agressor atinja seu objetivo. Valle (2011) divide-os em duas categorias:
 - o espectador passivo — aquele que só observa, sem tomar nenhuma atitude, pode até considerar uma injustiça, porém "o máximo que consegue fazer é ficar quieto, passivo [...] não consegue dar vazão à sua indignação" com esse comportamento "seus valores ficam em conflito, e [...] também sofre por isso" (p.24).
 - o espectador ativo – é o do tipo "torcida", estimula e reforça os atos dos agressores, com isso torna-se coautor e corresponsável.

As vítimas de *Bullying* não têm muitos amigos, são prejudicadas em seus estudos, optam por trocar de escola e até mesmo abandonam os estudos (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011). A presença de transtornos mentais em vítimas de *Bullying* é evidente; ainda segundo Moura, Cruz e Quevedo (2011), as crianças podem apresentar risco maior de suicídio, depressão, ansiedade e problemas de relacionamento.

Com a intenção de prevenir e minimizar ações de *Bullying* nas escolas, o Centro para Promoção de Saúde e Prevenção de Doenças, nos EUA, criou o Instituto de Prevenção de *Bullying* (*Bullying Prevention Institute* – BPI). O objetivo do instituto é reduzir os incidentes de comportamentos de *Bullying* no ambiente escolar. Para isso trabalha a fim de promover práticas para desenvolvimento profissional e educacional, ajudando as escolas a instalar programas de prevenção contra o *Bullying* (SCHROEDER *et al.*, 2012).

2.2 CYBERBULLYING

2.2.1 Definição de *Cyberbullying*

O termo *Cyberbullying*, assim como o *Bullying*, carece de uma tradução formal em Português. É uma palavra composta, tendo sido o termo: "Cyber" relativo ao uso de novas tecnologias de comunicação (NTC), correio eletrônico, e-mails, *smartphones*, redes e mídias sociais acrescido ao termo: "*Bullying*", indicando que se trata de um "*Bullying cibernético*".

Segundo Olweus citado por Smith *et al.* (2008), o *Cyberbullying* pode ser definido como um ato agressivo, intencional, movido por um grupo ou indivíduo, utilizando meios eletrônicos de comunicação, repetidamente e ao longo do tempo contra uma vítima que não pode facilmente se defender.

Salgado (2010) define a agressão virtual como o ato de “depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.”

No *Cyberbullying*, as agressões determinam a exclusão social da vítima, com mensagens provocativas, rumores, xingamentos e o uso de imagens que complementam a violência, que ocorre de modo indireto e com frequência de forma anônima. Essa é uma forma de intimidação com pontos em comum com o *Bullying*, porém muito mais abrangente, uma vez que a internet (meio em que as agressões são realizadas) pode ser acessada por inúmeras pessoas, gerando uma maior audiência para esses acontecimentos (PERREN *et al.*, 2010). Mesmo com as diversas definições propostas, o *Cyberbullying* é considerado como o *Bullying que ocorre por meio das tecnologias digitais*, veiculadas por telefones celulares (*smartphones*), *tablets*, computadores e equipamentos digitais em redes sociais, das quais as mais comuns são o *MSN Messenger*®, o *Facebook*®, *Twitter*® e *YouTube*®. Igualmente são utilizados vídeo, vídeo-mensagem, foto, *vlog*, *blog*, grupo de discussão fechado, aberto, aplicativos de comunicação digital os 'APPS' (*app* é uma abreviação para "*application*", do inglês, que significa aplicativo, programa, *software*).

As vítimas de *Cyberbullying*, em sua maioria adolescentes e crianças, tendem a sofrer as agressões do *Bullying*, de forma equivalente à decorrente dos

métodos mais tradicionais (FLEMING; JACOBSEN, 2010). Tanto o *Bullying* quanto o *Cyberbullying* provocam desequilíbrio em um indivíduo não tão forte quanto seu agressor, que, de maneira intencional, abusa dele física ou psicologicamente.

As consequências do *Cyberbullying* são muito semelhantes ao *Bullying* tradicional (MASON, 2008; GRADINGER; STROHMEIER; SPIEL, 2009). E ambos apresentam danos físicos e psicológicos. Atualmente, entre os pesquisadores, novas características definidoras de *Cyberbullying* foram elencadas, como o possível anonimato do agressor, o elevado número de potenciais espectadores, a exposição ao risco de vitimização a qualquer hora, perversão moral e pouca interação do agressor e vítima (VILLÉN, 2011).

2.2.2 Características do *Cyberbullying*

O *Cyberbullying* é uma das vertentes do *Bullying* tradicional, tendo ambos a mesma intenção: molestar, agredir, infernizar. O *Cyberbullying* é uma agressão psicológica contínua, produzida através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), tendo como resultados perturbações sociais, comportamentais, psicológicas, acadêmicas, não só para as vítimas, mas para todos os protagonistas: vítima, agressor, testemunhas deste tipo de agressão (WILLIAMS; STELKO-PEREIRA, 2013).

As novas tecnologias de comunicação, gerando conceitos e possibilidades inovadoras de existirmos num mundo virtual/digital, acarretam novos papéis sociais, novas maneiras de estar e de ser. O “eu” passou a ser coletivo (nós ou ninguém). As TIC possibilitam inovações em papéis sociais que normalmente desempenhamos: filho, aluno, namorado, pai, professor... E a pessoa no meio virtual constrói novas identidades do seu “eu”, para desempenhar papéis virtuais, surgindo assim multifacetadas para multimundos. A personificação — definida como criação de personagens para os vários papéis desempenhados on-line — é construída com o objetivo de esconder a verdadeira identidade ou fazer se passar por alguém diferente (não real). No *Cyberbullying* cria-se a imagem de terror que se quer transmitir, personalizando e

personificando uma figura aterradora para a vítima, diferente do real agressor (SHARIFF, 2008).

As vítimas do *Cyberbullying*, ainda que distantes de seu agressor, sofrem danos que precisam ser avaliados e, se necessário, tratados. Difamação, invasão da privacidade, exposição são alguns dos problemas que enfrentam. A *cyber*-vitimização emergiu como um fator de risco para sintomas de depressão em adolescentes envolvidos em *Bullying* (PERREN *et al.*, 2010). Para este autor há uma sobreposição conceitual e prática entre os dois tipos de *Bullying* tanto que a maioria dos jovens que sofrem de *Cyberbullying* tendem a ser intimidados por *Bullying*.

O autor de *Cyberbullying* se protege muitas vezes pelo anonimato viabilizado por recursos das tecnologias, tornando esta forma de violência um grande atrativo. Smith *et al.* (2006) mostram que não há limitação quanto à faixa etária, ou formação sociocultural para que alguém aja como "*cyberbullie*". Por não presenciarem a reação da vítima, os *cyberbullies* demonstram redução da culpa, como citam Li (2007) e Hetzel-Riggin e Pritchard (2011).

O *Cyberbullying* tem recebido mais adeptos em curto espaço de tempo – tal qual a rapidez do avanço da tecnologia –, devido à possibilidade de esconder a real identidade do agressor. E, também, por tratar-se de um fenômeno atemporal, pode iniciar hoje e retornar após anos com uma nova postagem em rede social. O *Cyberbullying* acontece a qualquer hora e em qualquer lugar, extrapolando os muros da escola (TROLLEY; HANEL; SHIELDS, 2006; KOWALSKI; LIMBER; AGATSTON, 2008; LI, 2008; SHARIFF, 2008).

2.3 ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE *BULLYING* E *CYBERBULLYING*

No ano de 2011, um estudo feito pelo Programa para Aprender Melhor, da Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, entrevistou cerca de mil e cem alunos de escolas públicas, frequentando do 1.º ao 8.º ano do Ensino Fundamental. O intuito era avaliar a prevalência do *Bullying* e as características comportamentais das vítimas. A prevalência do *Bullying* encontrada foi 17,6%. E, desse total, as

agressões prevalentes foram verbais, com 75%, seguidas das agressões físicas, com 63%. Dentre as vítimas, cerca de 50% relatou já ter provocado *Bullying* (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011).

Em 2005, na Inglaterra, a *National Children's Home* (NHC) realizou um estudo com 770 jovens com idade entre 11 e 19 anos. Um em cada cinco jovens (20%) admitiu que já havia sido vítima de *Cyberbullying*, sendo que as mensagens de texto configuraram ser a forma mais prevalente, correspondendo a 14% dos estudantes. Além disso, 11% responderam que já haviam enviado uma mensagem ou ameaça a alguém (SLONJE; SMITH, 2008).

Na Austrália, Campbell (2005), relata que mais de 15% dos 120 alunos no 8.º ano conheciam alguém que havia sido vítima de *Cyberbullying*, enquanto 11% admitiu já ter praticado *Cyberbullying* no último ano (SLONJE; SMITH, 2008).

Li (2006), realizou uma pesquisa no Canadá com 264 alunos de três escolas do ensino fundamental. Um em cada quatro alunos (25%) revelou já ter sido vítima de *Cyberbullying*. Cerca de 50% conhecia alguém que já havia sido vítima e 17% já havia praticado *Cyberbullying* ao menos uma vez (SLONJE; SMITH, 2008).

Smith *et al.*, em 2008, realizaram uma pesquisa em escolas de Londres. Noventa e dois alunos com idades entre 11 e 16 anos de quatorze escolas participaram do estudo. Os pesquisadores dividiram o *Cyberbullying* em sete categorias: mensagens de texto, foto ou vídeo através de telefones celulares/*smartphones*, telefonemas (através de telefones fixos ou celulares), e-mail, *chat*, mensagens instantâneas (ex. *MSN*) e *web sites*. Neste estudo, a incidência de *Cyberbullying* foi de 6,6% para aqueles que receberam as agressões com frequência (duas ou três vezes por mês, uma vez por semana ou várias vezes na semana), 15,6% já haviam recebido uma única vez ou duas vezes e 77,8% nunca (SMITH *et al.*, 2008). Outra parte da pesquisa realizada por Smith *et al.* (2008) envolveu 533 alunos de cinco escolas inglesas para testar a generalização dos resultados encontrados no primeiro estudo e verificar a relação entre *Cyberbullying* e uso geral da internet. Ambos demonstraram que o *Cyberbullying* era menos frequente do que o *Bullying* tradicional, mas com incidência importante, e também que o *Cyberbullying* é mais comum fora da escola (SMITH *et al.*, 2008).

Raskauskas e Stoltz (2007) pesquisaram 84 alunos de duas escolas do Ensino Médio nos EUA, com idades entre 13 e 18 anos; 49% relataram serem vítimas de *Cyberbullying*, enquanto 21% admitiram ser "*cyberbullies*". Muitas das *cyber*-vítimas também eram vítimas de *Bullying* tradicional, e muitos dos "*cyberbullies*" eram também "*Bullies*" tradicionais (SMITH *et al.*, 2008).

Em 2009, Varela realizou um estudo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFC) – Campus Araquari/SC com 28 professores e servidores e 60 alunos do Ensino Médio. Dos entrevistados, 49% responderam que haviam sido vítimas de algum constrangimento por meio de ferramentas digitais, sendo a maior fonte as mensagens instantâneas (33%); 55% afirmaram já ter tido contato com alguma forma de brincadeira de "mau gosto", dentre as quais as mais citadas foram: apelidos, piadas constrangedoras, xingamentos, humilhações e divulgação de fotos não autorizadas; destes, 16% afirmaram já ter praticado alguma "brincadeira" do tipo (VARELA, 2009; VARELA; MÁXIMO, 2012).

Na Finlândia, Sourander *et al.* (2010) realizaram um estudo com 2215 adolescentes com idades de 13 a 16 anos com o objetivo de delinear as associações entre *Cyberbullying* e problemas psiquiátricos e psicossomáticos entre adolescentes. 4,8% descreveram-se como apenas vítimas de *Cyberbullying*, 7,4% relatavam desempenhar apenas o papel de "*Cyberbullies*" e 5,4% eram tanto vítimas quanto "*Cyberbullies*"; 22,8% daqueles que eram vítimas de *Cyberbullying* relataram sentirem-se inseguros, indicando possível trauma.

Os adolescentes, estudados por Sourander *et al.* (2010), vítimas de *Cyberbullying*, comumente não possuíam a estrutura familiar nuclear tradicional, apresentavam problemas psicossomáticos (dores de cabeça, dores abdominais ou alterações do sono), problemas emocionais e de relacionamento e sentiam-se inseguros na escola e não cuidados pelos professores. "*Cyberbullies*" apresentavam transtornos de conduta, hiperatividade, tabagismo e alcoolismo frequentes e algum grau de comportamento antissocial. Além disso, o estudo encontrou relação com depressão entre as vítimas de *Cyberbullying*, dado já comprovado em outros estudos (CRAIG, 1998; YBARRA, 2004; YBARRA; MITCHELL, 2004; KLOMEK *et al.*, 2008).

2.4 CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING* E *CYBERBULLYING*

Segundo Moura, Cruz e Quevedo (2011), os estudantes que sofrem os abusos do *Bullying* e *Cyberbullying* têm maior probabilidade de retraírem-se e interiorizar seus problemas. As consequências dessas agressões são a curto e longo prazo e trazem prejuízos ao aprendizado e desenvolvimento escolar. A não aceitação em grupos, o sofrimento psíquico e diminuição da autoestima excluem ainda mais a criança vitimizada, podendo apresentar risco de suicídio, depressão, ansiedade e problemas de relacionamento (CRAIG, 1998; YBARRA, 2004; YBARRA; MITCHELL, 2004; KLOMEK *et al.*, 2008; SOURANDER *et al.*, 2010).

Os agressores também sofrem consequências negativas relacionadas ao seu comportamento, ainda que a percepção destas não seja tão visível. Parece fazer parte do padrão de comportamento de vários *bullies* mesmo antes do envolvimento com o *Bullying*, a presença de transtornos de conduta, hiperatividade, tabagismo e alcoolismo e algum grau de comportamento antissocial. Com a frequência do *Bullying*, seus hábitos tornam-se cada vez mais inadequados e eles não aprendem a interagir ou comunicar-se socialmente, o que contribui para a manutenção do padrão comportamental inapropriado e persistente (PERREN *et al.*, 2010).

Vários autores (SMITH *et al.*, 2006; PERREN *et al.*, 2010; SOURANDER *et al.*, 2010) sugerem que as consequências para as vítimas de *Cyberbullying* sejam semelhantes ao *Bullying* tradicional. Ambos estão correlacionados aos problemas físicos (agressões) e psicológicos e ocorrem concomitantemente no interior dos mesmos indivíduos. As consequências podem ser gravíssimas para a vítima e seus familiares. As vítimas geralmente desenvolvem algum grau de rebaixamento de sua autoestima, podendo ocorrer grande influência sobre o processo de desenvolvimento. O sentimento de insegurança pode ser ainda maior do que no *Bullying* tradicional, pois já que o primeiro fica circunscrito ao espaço escolar, enquanto o *Cyberbullying* não tem limites territoriais, estando a vítima acessível 24 horas por dia, em qualquer local, mesmo em sua residência (SOURANDER *et al.*, 2010).

Escolas que adotam programas e providências de prevenção ao *Bullying* são mais propensas a ter o corpo docente e discente apresentando posições mais

efetivas de combate ao problema, já que tanto os professores como os estudantes aprendem a lidar melhor com as questões de vitimização na escola (BOLTON, 2011).

Além da vítima e do agressor, há outros personagens que participam destes incidentes violentos — os incentivadores, assistentes, defensores das vítimas e outros que presenciam ou testemunham as agressões. A reação desses espectadores pode tanto contribuir para a solução de problemas assim como também na direção oposta, fazer com que eles se mantenham ou intensifiquem (LI, 2007).

Os estudantes que presenciam atos de *Bullying* podem ocupar diferentes papéis, a partir de sua participação no episódio, podendo agir como: assistentes dos "Bullies" (agressores); reforçadores de violência; indiferentes; defensores da vítima. Os assistentes são aquelas crianças que apoiam as ações do "líder" do grupo (os Bullies); os reforçadores incentivam as agressões com risos, concordância, xingamentos; já as crianças indiferentes mantêm-se distantes dessas situações e não reagem a elas, enquanto os defensores tomam partido da vítima, oferecendo suporte e conforto (SALMIVALLI, 2010).

2.4.1 *Bullying* e *Cyberbullying* têm consequências jurídicas?

Bullying e *Cyberbullying*, como visto anteriormente, são comportamentos agressivos que podem produzir efeitos que extrapolam a esfera escolar e as respectivas medidas pedagógicas voltadas à sua prevenção ou contenção.

O Brasil ainda não tem uma lei federal para o combate ao *Bullying* e *Cyberbullying*. Um projeto de lei propõe que ações ao combate ao *Bullying* / *Cyberbullying* sejam detalhadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (SALGADO, 2010). O Projeto de Lei n.º 5.369-E/2009 ainda aguarda retorno da votação na Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal.

De fato, conquanto seja correto afirmar que no âmbito escolar há sérias consequências decorrentes de condutas violentas entre alunos, poucas ações são identificadas nas instituições de ensino para compreender o problema, evitá-lo, corrigi-lo ou lidar com os resultados ocorridos.

Independentemente das questões individuais submetidas aos regimentos escolares e as tomadas de providências educativas/sancionatórias no ambiente de ensino, os comportamentos agressivos podem repercutir para além da escola, na vida privada das vítimas, e esse cenário é administrado pela legislação nacional criada para reger os atos dos cidadãos.

Pode-se dizer que atos agressivos que causam ofensas físicas e/ou morais, perturbam a vida escolar, as relações sociais e redundam em quebra de harmonia dos ambientes onde se manifestam; são considerados atos infracionais porque são ações reprovadas nos diversos estatutos comportamentais (normas escolares, normas civis e/ou normas penais) e que reclamam uma reação regimental ou legal capaz de fazer cessá-las e, principalmente devem reprimir/evitar novos agires – esta deve ser função principal de qualquer norma, regulamento ou lei.

As normas são de observância obrigatória, mesmo as escolares, inclusive para as crianças e adolescentes. Quando descumpridas infringem as regras de convivência social e, seus agentes sujeitam-se às consequências do comportamento infracional.

Tanto *Bullying* como *Cyberbullying* são comportamentos que produzem consequências na sociedade onde são praticados e que devem evocar ações de reparação dos efeitos do comportamento agressivo. As ações agressivas do *Bullying* e do *Cyberbullying* podem constituir infração escolar, infração civil e mesmo penal.

A responsabilidade civil decorre de todo ato que, cometido com ou sem o dolo do autor do fato, gera um prejuízo a alguém. Sobre o tema, ensina Salvo Venosa (2009, p.1):

Em princípio, toda atividade que acarreta um prejuízo gera responsabilidade ou dever de indenizar. Haverá, por vezes, excludentes, que impedem a indenização [...]. O termo responsabilidade é utilizado em qualquer situação na qual alguma pessoa [...] deva arcar com as consequências de um ato, fato, ou negócio danoso. Sob essa noção, toda atividade humana, portanto, pode acarretar o dever de indenizar [...].

Nos casos de *Bullying* / *Cyberbullying*, o dano causado pelo agressor à vítima atinge a sua psique. Este dano não é patrimonial, mas sim moral, e pode ser caracterizado como:

[...] a privação ou diminuição daqueles bens que têm valor precípuo na vida do homem e que são a paz, a tranquilidade de espírito, a liberdade individual, a integridade individual, a integridade física, a honra e os demais sagrados afetos (CAHALI, 2005, p.22).

No campo de maior repercussão jurídica – o criminal – é impróprio dizer que o *Bullying* e o *Cyberbullying* constituem crime. A legislação atual não reconhece nessas expressões nenhum crime. Por outro lado, os atos e/ou as práticas dos *Bullies* podem ser associadas a crimes previstos no Código Penal, por exemplo: o crime de ameaça, de acordo com o artigo 147; o de calúnia, artigo 138; o de difamação, artigo 139; o de injúria, artigo 140; dentre outros mais graves, como o previsto no artigo 122: "Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça [...]" (Decreto-Lei n.º 2.848/1940).

Os graus de violência do *Bullying* são muito amplos, uma vez que as condutas são muito diversas. As leis que buscam reprimir o *Bullying* no Brasil apresentam uma classificação que parece pouco útil, mas que é interessante por explicitar algumas ações praticadas no *Bullying*. Grande parte dessas ações é considerada crime na legislação estatal (SALGADO, 2010).

Como o *Bullying* e o *Cyberbullying* tem repercussões em diversas esferas, vem se manifestando a necessidade de maior apropriação legal do temário e, pois, existem leis estaduais que visam abordar o problema. Existem leis nos Estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro, bastante semelhantes e que servem de referência nacional.

Na cidade de São Paulo, a Lei n.º 14.957, sancionada em 2009 pelo prefeito Gilberto Kassab, determina que as escolas públicas de ensino básico deverão incluir, em seu projeto pedagógico, medidas de prevenção e combate ao *Bullying*. A lei prevê a promoção de ações de prevenção e combate ao *Bullying*, capacitação dos professores e orientação das vítimas 'visando à recuperação da autoestima' (G1, 2011).

O Rio Grande do Sul teve a lei que prevê políticas públicas contra o *Bullying* nas escolas estaduais e privadas de ensino básico e de educação infantil sancionada no ano passado. A lei não prevê punições aos estudantes, apenas ações educacionais.

Em Santa Catarina, a lei de combate ao *Bullying* foi sancionada em janeiro de 2009 pelo governador Luiz Henrique da Silveira. O projeto de autoria do deputado Joares Ponticelli (PP) obriga às escolas a criar uma equipe multidisciplinar, com a participação de docentes, alunos, pais e voluntários, para a promoção de atividades didáticas, informativas, de orientação e prevenção. [...]

Em Belo Horizonte, a Câmara Municipal aprovou em segundo turno dois projetos de lei que têm como objetivo impedir trotes violentos e *Bullying*. Segundo a Câmara, o Programa BH Trote Solidário e Cidadão também prevê a conscientização das famílias e das escolas quanto ao problema.

A subsecretária de Desenvolvimento da Educação Básica da Secretaria de Educação de Minas Gerais, Raquel Elizabete de Souza Santos, disse que não existe nenhum programa específico voltado para o combate à prática de *Bullying* no estado, mas que está em fase de implementação um grupo de trabalho entre as secretarias de Educação, de Defesa Social, de Saúde e de Esporte e Juventude para discutir alternativas (G1, 2011).

No Rio de Janeiro, uma lei aprovada em 2010

prevê punição das escolas que não denunciarem funcionários e alunos que praticarem o *Bullying*. A Assembleia Legislativa aprovou, em março de 2011, outra lei de caráter mais educativo para a promoção do combate a esta prática nas escolas (G1, 2011).

Do mapeamento dos Projetos de Lei e Leis Estaduais sobre *Bullying*, realizado por Tudisco (2011), pode-se verificar que em todos os Estados existe a preocupação em legislar sobre o *Bullying* (Anexo A).

O projeto de lei nacional, proposto por Vieira da Cunha (PDT/RS), em 04 de junho de 2009, para regulamentar o "Programa de Combate ao *Bullying*", já tem a sua Redação Final aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) e aguarda aprovação no Senado Federal, desde 17 de setembro de 2013 (Projeto de Lei n.º 5.369-E/2009).

Os artigos da proposta de lei em trâmite no Congresso Nacional, cujo âmbito de incidência será o escolar, altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei das diretrizes e bases da educação nacional) para incluir entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino a promoção de ambiente escolar seguro e a adoção de estratégias de prevenção e combate ao *Bullying*.

O texto legal descreve o que é o *Bullying*, dando sua definição (§ 1.º, art. 1.º), destacando características do que se caracteriza como ato de *Bullying*, tanto direto como indireto (art. 3.º) e também trata das agressões virtuais – classificadas como *Cyberbullying* – (Parágrafo único do art. 2.º).

O projeto de âmbito nacional institui uma política anti-*Bullying* ligada ao Ministério da Educação e entende que este é o órgão competente para estabelecer as regras, procedimentos e diretrizes para concretização dessa política. No âmbito estadual, o artigo primeiro fala de um programa de combate ao *Bullying* que tem participação do Estado e da comunidade e que é interdisciplinar. A lei estadual aponta para a complexidade do *Bullying* e que para seu combate é preciso de uma série de profissionais em diferentes áreas (SALGADO, 2010).

As leis estaduais conferem caráter multidisciplinar às medidas voltadas para coibir as práticas de *Bullying*, indicando programas anti-*Bullying* com o apoio de psicólogos e outros profissionais para a prevenção e orientação sobre o transtorno, visando garantir um ambiente seguro, saudável e que promova o respeito.

A resposta às agressões, sejam elas diretas ou indiretas, pode caminhar para a reparação de danos morais (infração civil, art. 927, do Código Civil), e paralelamente para enquadramento das ações como infrações penais se o ofendido sofreu alguma lesão corporal (art. 129, CP), ou foi ameaçado (art. 147, CP).

Mas os desdobramentos jurídicos são ainda mais profundos.

Como o agressor, no *Bullying* e *Cyberbullying*, destacadamente é criança ou adolescente, aplica-se o Estatuto da Criança e Adolescente (Lei n.º 8.069/1990). Nessa normativa é afirmado que corresponderão a atos infracionais aquelas condutas que são previstas como crimes ou contravenções no Código Penal e outras leis criminais (art. 103).

Essa lei prevê medidas protetivas e socioeducativas (essas últimas só se aplicam a adolescentes, arts. 112 a 114), que têm a finalidade de fazer cessar a prática de abusos.

Além das medidas de proteção, partindo da premissa de que se trata de ato agressivo que encontrou previsão na normativa penal, poderá ocorrer, pelo ato infracional cometido por adolescente (pessoa entre doze e dezoito anos de idade, art. 2.º), a aplicação de medida socioeducativa (que não se aplica a crianças – pessoa até doze anos de idade, art. 2.º), que pode se constituir, de acordo com os incisos do artigo 112, em advertência, reparação do dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, inserção em regime de semi-liberdade, internação, além das previstas no artigo 101, que são:

- I – encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade;
- II – orientação, apoio e acompanhamento temporários;
- III – matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental;
- IV – inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente;
- V – requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial;
- VI – inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos.

Os comportamentos agressivos provenientes do *Bullying* e *Cyberbullying* já fazem parte de um leque de previsões comportamentais que produzem sérios efeitos e que são providas de consequências sancionatórias ao agressor. Essas consequências jurídicas, entretanto, não tratam de *Bullying* ou *Cyberbullying*, porque embora essa agressão física ou psíquica sempre tenha existido, o fenômeno *Bullying* e suas consequências na vida do ofendido e, até mesmo na vida de terceiros é de percepção mais recente e, logo, as leis emitidas pelo Estado Brasileiro e seus estados membros aos poucos vem plasmando a relevância do tema, havendo propostas para que o *Bullying* e *Cyberbullying*, não sejam apenas associados a outras infrações, mas eles mesmos se tornem figuras típicas de atos infracionais, com descrição e sanções próprias. É o que pretende o Projeto de Lei n.º 5.369-E/2009.

A classificação das condutas incrimináveis no meio virtual é uma das maiores dificuldades dos estudiosos do direito. O *Cyberbullying* é um capítulo dentro dos *cyber-crimes*, com um aumento impressionante no número de casos com a difusão da internet (NOGUEIRA, 2009).

O ambiente, ao exigir respostas de reparação do dano, estimular a empatia, pode contribuir para a mudança comportamental, levando o *Bullie* a se sensibilizar com a vítima e a desenvolver outros padrões de comportamento que façam com que ele seja aceito e valorizado na turma (aspectos que muitas vezes move o agir do *Bullie*) (STEPHAN *et al.*, 2013).

2.4.2 O desenvolvimento moral

Os comportamentos do *bullie* ou do *cyberbulie* levam a questionar o processo de desenvolvimento moral dos mesmos e a responsabilidade da sociedade, especificamente da escola e da família, em tal processo. Há um interesse constante e já de longa data em se descobrir como os indivíduos assumem os valores que orientam seu comportamento e como ocorre o desenvolvimento moral. Woolfolk (2000) menciona algumas perspectivas para a compreensão do desenvolvimento moral, descrevendo os estudos realizados por pesquisadores como Piaget, Kohlberg, Eisenberg dentre outros.

Piaget estudou o desenvolvimento moral através de entrevistas com crianças e a observação destas com jogos de regras. Concluiu que existem diferenças no respeito às regras em crianças de idades diferentes. Nas variadas fases, as crianças tendem a perceber as regras de acordo com suas perspectivas de contexto e de realidade. Na fase por ele denominada de realismo moral, para a criança "A regra é considerada como sagrada, intangível, de origem adulta e de essência eterna; toda a modificação proposta é considerada pela criança como uma transgressão" (PIAGET, 1994, p.34). Mais adiante, a criança passa para o estágio da moralidade de cooperação.

Com base em seus estudos, Piaget (1994, p.23) afirma: "Toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras". Para ele: "Agir moralmente significa agir em conformidade com o código moral de determinado grupo social, apesar da existência de graus de liberdade" (2003, p.122). Segundo esse autor, a moralidade se desenvolve a partir da relação do indivíduo com o meio e o grupo social ao qual está inserido. La Taille (2000), adotando o referencial piagetiano, vai além ao afirmar que através das diversas experiências a criança tem seu início no universo moral aprendendo diversos valores e deveres impostos a ela pelos pais ou outros adultos; e assim ela vai desenvolvendo ou formando a sua consciência ou juízo moral.

À medida que a criança vai se desenvolvendo, adquirindo conhecimento, compreende que as regras são um consenso coletivo e, deste modo, essenciais para o convívio social. Piaget (1994) acredita que a criança se desenvolve socialmente ao interiorizar os valores e regras que antes não lhe pertenciam. Ocasionalmente reflexões que geram atitudes de respeito e situações de cooperação. No entanto, para pensar

coletivamente (pensamento autônomo), a criança precisa ter consciência do sistema de regras em que está inserida; reconhecendo a regra e dando uma resposta a ela ao avaliar o seu contexto.

Em síntese, as pesquisas de Piaget sobre o desenvolvimento moral da criança destacam que a relação de cooperação entre os alunos é muito importante para que eles alcancem o pensamento autônomo, pois através dessa relação, as regras não são cumpridas por coação autoritária, antes decorre de maneira colaboradora sendo decorrência de um processo colaborativo entre colegas. Tal compreensão leva a refletir onde o processo de desenvolvimento moral foi prejudicado no caso dos *bullyes* e *cyberbullies*, os quais agem de forma coercitiva em relação a alguns colegas.

Kohlberg redefiniu os estágios de julgamento moral propostos por Piaget, fazendo estudo com crianças e jovens de diversas classes sociais, com uma amostra bem diversificada, apresentando dilemas morais hipotéticos, para chegar aos raciocínios morais dos entrevistados. Ele concluiu que havia uma tendência quanto ao uso de tipos de raciocínio moral nas respostas. O que o possibilitou organizar um conjunto de aspectos de julgamento moral e definir estágios com base nas respostas recebidas. Mesmo com divergências quanto à idade em que as crianças alcançavam os estágios e davam diferentes respostas, Kohlberg concluiu que há uma sequência universal de estágios e para ele, não havia distinção de respostas entre classes sociais, culturas e afins (BLATT; KOLHBERG, 1975).

Para Kohlberg a pessoa avança nos níveis de desenvolvimento moral de acordo com as vivências partilhadas com outros que se encontram em diferentes níveis, quando instigados a resolver dilemas morais que lhe são apresentados. Assim, a criança que, no primeiro estágio de desenvolvimento (nível pré-convencional), tende a solucionar os dilemas baseados na compreensão de que as regras são respeitadas para evitar a punição, uma atitude auto-centrada portanto, mais tarde, na vida adulta, quando encontra-se no sexto estágio (pós convencional), é capaz de centrar suas ações no respeito ao outro, raciocinando com base em uma ética universal, que respeite a justiça, a dignidade humana e a igualdade.

Estudos de Eisenberg citados por Woolfolk (2000) mencionam a empatia como importante aspecto para o desenvolvimento moral. Uma pessoa empática é

capaz de colocar-se no lugar do outro, avaliar o sofrimento do outro e, com base neste sentimento, moldar sua ação. A empatia é uma habilidade social que pode ser desenvolvida, especialmente quando valorizada pelos adultos do convívio da criança, seja na família, na escola, ou na comunidade. Em revisão de literatura, Salvo, Mazzarotto e Löhr (2005) descrevem passos de uma proposta para diminuir o *bullying* na escola, a qual destaca, em um dos passos do programa, a necessidade de desenvolvimento da empatia.

Um olhar direcionado para o desenvolvimento moral das crianças na escola, pode auxiliar na identificação de valores que influenciam e até determinam o comportamento da criança e do adolescente que podem culminar em episódios de indisciplina em sala, conflitos entre colegas de classe, chegando, num nível mais intenso, à violência e agressão entre eles. Se as condições para o desenvolvimento moral e social das crianças são fortemente negativas e adversas, os resultados podem ser catastróficos (RIGBY, 2004).

Como tem sido recorrente em sala de aula e até fora dela, a violência entre estudantes, como *Bullying* e *Cyberbullying*, pode ser um dos indicadores para o estabelecimento de diagnóstico de transtornos mentais dos envolvidos, especialmente do Transtorno de Conduta em *Bullies* e *Cyberbullies*.

2.4.3 *Bullying* e *Cyberbullying* – a psicopatologia

Os conflitos, as disputas, ou até mesmo as agressões entre estudantes são ocorrências que ocorrem em todas as escolas, porém, normalmente são situações resultantes do ambiente competitivo ou provocativo entre colegas (VOLK *et al.*, 2012). Mas em um caso clássico de *Bullying* o objetivo não é apenas a vitória sobre os rivais, fama ou uma sensação de segurança para a apresentação ou a aquiescência dos outros. O objetivo é se divertir com o sofrimento da(s) vítima(s), e a experiência de causar tanto sofrimento dá prazer ao agressor (SALMIVALLI, 2010).

Melim (2011) remete aos estudos de Kim *et al.* (2006), os quais destacam a associação entre o *Bullying* escolar e o comportamento psicopatológico dando origem a duas hipóteses causais:

- O comportamento psicopatológico é a causa para as subseqüentes ações de *Bullying* – fazendo com que crianças com problemas internalizantes ou externalizantes tenham maior risco de envolvimento no *Bullying*, quando comparados com crianças sem estas características; e,
- As situações de *Bullying* podem desencadear futuros comportamentos psicopatológicos – hipótese suportada por relatórios que evidenciavam uma degradação do comportamento e do funcionamento emocional e psicossocial da criança que experimentava uma vitimização pelos pares.

Melim (2011) faz menção a outros estudos, como o de Glew *et al.* (2005), que aponta que crianças que vivenciavam sensação de tristeza em grande parte dos dias, tinham 1,8 vezes mais chances de sofrer *Bullying* e 1,5 a 2,5 mais chances de se tornarem *Bullies*. Conclui dizendo que quanto mais o estudante adolescente apresenta um desenvolvimento psicoafetivo harmonioso, mais tolerante será à frustração e menos atos de violência apresentará, incluindo os de *Bullying* e de *Cyberbullying*.

Os comportamentos agressivos e a ausência de remorso ou culpa presentes nos *Bullies* e *Cyberbullies* podem preencher critérios diagnósticos descritos no DSM-5 para Transtornos Disruptivos, em especial para o Transtorno de Conduta. Este transtorno mental se caracteriza como um padrão de comportamento repetitivo e persistente no qual são violados direitos básicos de outras pessoas ou normas ou regras sociais relevantes e apropriadas para a idade (DSM-5, p. 470, 2014). Ainda segundo o DSM-5, o Transtorno de Conduta geralmente se inicia na infância ou adolescência e tem maior prevalência entre indivíduos do sexo masculino.

Dória (2011), descreve que no Transtorno de Conduta observa-se o comportamento antissocial, quando este comportamento persiste após os 18 anos de idade, indica o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Antissocial. Comportamentos disruptivos como agressão, impulsividade e violência também são encontrados em outros transtornos como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, Transtorno Opositor Desafiante, com grande risco destes transtornos existirem simultaneamente (comorbidade). O autor também observa que as crianças e adolescentes com estes

transtornos apresentam risco de desenvolver Transtornos Relacionados a Substâncias e Transtornos Aditivos, o que eleva a persistência dos comportamentos antissociais após os 18 anos de idade.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo observacional, analítico, transversal, retrospectivo, com coleta de dados para avaliação da prevalência de *Bullying* e *Cyberbullying* em âmbito escolar em alunos do 6.º ao 9.º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio, em Curitiba, Paraná.

A classificação da pesquisa foi determinada a partir dos seus objetivos gerais, caracterizando uma pesquisa exploratória e explicativa. A pesquisa exploratória tem a finalidade de explicitar o assunto de forma a obter uma maior familiaridade para que se possam construir hipóteses e, principalmente, permitir o aprimoramento de ideias. A pesquisa explicativa se assemelha à exploratória, entretanto, este método têm por finalidade aprofundar o conhecimento da realidade, explicando o porquê das coisas (GIL, 2007). Os dados foram levantados por meio de questionários, que foram respondidos *on-line* pelos alunos participantes (Apêndice B).

3.2 LOCAL E PERÍODO DE ESTUDO

O estudo foi realizado em Curitiba em cinco escolas, particulares e estaduais, de médio e grande porte, que comportam o ensino fundamental e médio, localizadas em diferentes bairros da cidade, no período de maio de 2011 a dezembro de 2012, obedecendo ao calendário escolar.

Vinte e cinco escolas foram informadas do estudo. Aquelas que demonstraram interesse em participar, enviaram ofício para a pesquisadora. Cinco escolas públicas responderam, mas apenas duas concretizaram a disponibilização para o estudo. Fez-se, então, contato com as escolas particulares de porte equivalente ao das escolas públicas e três aceitaram participar.

3.3 POPULAÇÃO DE ESTUDO

Constituiu a população de estudo 3200 estudantes do 6.º ao 9.º ano do Ensino Fundamental e dos três anos do Ensino Médio, que aceitaram o convite para o estudo.

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Os seguintes critérios foram observados:

- Ser aluno regular do 6.º ao 9.º ano do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio das escolas privadas e públicas, localizadas em Curitiba-PR, que se disponibilizaram para a pesquisa;
- Ter domínio básico de informática;
- Assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)

3.5 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Os critérios de exclusão foram:

- Questionários incompletos ou inconsistentes (com respostas que não se adequam às questões);
- Estudantes cujos responsáveis assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mas não concordaram com o TALE; (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido)

3.6 AMOSTRA E TÉCNICA DE AMOSTRAGEM

A amostra foi constituída por 478 estudantes de 5.º ao 9.º Ano do Ensino Fundamental e dos três anos do ensino médio, que receberam o convite para participar da pesquisa e entregam espontaneamente o termo de consentimento livre esclarecido assinado pelos responsáveis.

3.7 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Escolas públicas estaduais e privadas do município de Curitiba foram contatadas. Participaram do estudo duas escolas estaduais e três escolas particulares, totalizando cinco escolas.

Após palestra explicativa para os professores e alunos sobre o estudo, em dia e hora marcados com cada escola, foi enviado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) explicando o projeto aos pais das crianças dos anos letivos selecionados para compor a amostra. Foram enviados 3.200 TCLE (Apêndice A). Os pais que autorizaram a inclusão de seus filhos no estudo reenviaram à escola o TCLE, devidamente preenchido e assinado.

Os estudantes autorizados pelos pais à participação no estudo receberam então o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) *online* no momento que antecedia o responder ao questionário da pesquisa (Apêndice B).

Cada estudante respondeu o questionário de avaliação *online* de *Bullying*, disponibilizado via internet, com 40 questões referentes ao seu conhecimento e/ou envolvimento com *Bullying* e/ou *Cyberbullying*. Das 40 questões, 38 eram perguntas fechadas, algumas com múltiplas escolhas e duas perguntas abertas.

O questionário foi respondido pelos estudantes, de forma individual e sigilosa, no computador da sala de informática disponibilizada pela escola participante, seguindo um programa delineado especialmente para o estudo que preservava em termos de sigilo os dados do respondente.

O tempo para ler e concordar com TALE-*online* e responder ao questionário variou de 12 a 20 minutos. A pesquisadora compareceu à escola para assessorar os alunos na leitura e no preenchimento do questionário na sala de informática.

3.8 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para identificar as situações de *bullying* nas escolas, existem algumas estratégias disponíveis. Uma opção bastante utilizada refere-se à escolha de instrumentos administrados pelos pesquisadores para aferir as respostas por parte dos alunos (Seixas, 2005). O projeto foi desenvolvido por alguns instrumentos e aplicado um ano da pesquisa. O instrumento para avaliar o *Bullying* em contexto escolar foi o de Cléo Fante (2005) e o de Dan Olwe (1994).

O questionário (Apêndice B), composto por 40 questões, foi dividido em quatro grandes categorias: dados de identificação; dados sobre *Bullying*; dados sobre *Cyberbullying*; sugestões.

Todas as perguntas foram agrupadas em blocos de conteúdo, com questões relacionadas aos maus-tratos associados ao *Bullying* e *Cyberbullying*: (a) caracterização da amostra quanto a sexo, idade e tipo de escola; (b) identificação da existência de *Bullying*; (c) Identificação e caracterização do *Bullie*; (d) identificação da existência de *Cyberbullying*; (e) Identificação e caracterização do *cyberbullie*; (f) sentimentos e emoções vivenciadas pela pessoa no papel tanto de agressor quanto de vítima; (g) levantamento de ações sugeridas que poderiam ser implementadas pelo estudante e/ou escola para minimizar o problema; (h) caracterização do uso do computador pelo estudante (tempo de uso do computador / acesso aos meios digitais).

A identificação do *Bullying* (sofre ou não sofre) foi feita a partir das questões de 4 a 10 e da questão 20 do questionário aplicado. Se o estudante apontou características de *Bullying* sofrido em pelo menos três dessas questões então foi definido que esse estudante sofre *Bullying*. Não foi possível utilizar as questões 1 e 2 para essa identificação, pois observou-se que vários estudantes responderam “não” a essas questões e apontaram detalhes do *Bullying* nas questões de 4 a 10.

A identificação do *Bullie* (praticou ou não praticou *Bullying*) foi feita a partir das questões de 12 a 15 do questionário. Se o estudante apontou características de *Bullie* em pelo menos três dessas questões então foi definido que esse estudante praticou *Bullying*. Não foi possível utilizar a questão 11 para essa identificação, pois

observou-se que vários estudantes responderam "não" a essa questão e apontaram detalhes do *Bullie* nas questões de 12 a 15.

A identificação do *Cyberbullying* (sofre ou não sofre) foi feita a partir das questões de 28 a 34 do questionário. Se o estudante apontou características de *Cyberbullying* sofrido em pelo menos três dessas questões então foi definido que esse estudante sofreu *Cyberbullying*. Não foi possível utilizar a questão 27 para essa identificação, pois observou-se que várias estudantes responderam "não" a essa questão e apontaram detalhes do *Cyberbullying* nas questões de 28 a 34.

A identificação do *Cyberbullie* (praticou ou não praticou *Cyberbullying*) foi feita a partir das questões de 35 a 38 do questionário. Se o estudante apontou características de *Cyberbullie* em pelo menos três dessas questões, então foi definido que esse estudante praticou *Cyberbullying*.

3.9 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Os dados da planilha eletrônica foram conferidos e exportados para o Programa *Statistica v.8.0 (Statsoft®)*. A idade dos participantes foi descrita por média e desvio padrão. Variáveis qualitativas foram descritas por frequências e percentuais. Para as estimativas das prevalências de *Bullying*, *Bullie*, *Cyberbullying* e *Cyberbullie* foram apresentados intervalos de confiança de 95%. Para avaliar a associação entre o *Bullying*, *Bullie*, *Cyberbullying* e *Cyberbullie* e os fatores sexo, faixa etária e tipo de escola (pública ou particular), foram ajustados modelos de Regressão Logística e considerado o teste de Wald para os testes estatísticos. Após o ajuste do modelo foram estimados os valores de *odds ratio* (OR) com respectivos intervalos de confiança de 95%. Para avaliar a associação entre variáveis qualitativas foi usado o teste exato de Fisher ou o teste de Qui-quadrado de Pearson. Valores de $p < 0,05$ indicaram significância estatística.

3.10 ÉTICA EM PESQUISA

Esta pesquisa recebeu seu registro na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná , foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas envolvendo Seres Humanos (HC-UFPR) - CAAE: 0329.0.208.000-10. Registro CEP: 2366.260/2010-11.

3.10.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) foi enviado para a casa dos estudantes via agenda escolar ou entregue pessoalmente em reunião explicativa sobre o projeto. O responsável pelo estudante que concordou com a sua inclusão no estudo, assinou o TCLE e o devolveu para a pesquisadora.

3.10.2 Termo Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Como a pesquisa tem por população-alvo crianças e adolescentes, o Termo Assentimento Livre e Esclarecido é indispensável, uma vez que oportuniza a liberdade de expressar sua concordância, ou não, em participar do estudo. Todos os participantes leram *online* o TALE, deram o aceite e receberam uma cópia em seu *e-mail* pessoal.

3.11 FOMENTO E INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

Os recursos para a pesquisa foram arcados pela pesquisadora, foram pagos os materiais gráficos (fotocópias para os termos de consentimento livre e esclarecido e folhetos explicativos sobre o *Bullying* e convites para a participação na pesquisa). A pesquisadora recebeu auxílio financeiro através de bolsa de estudos da Capes.

4 RESULTADOS

4.1 CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

A amostra, estudantes do 6.º a 9.º ano do Ensino Fundamental e Médio, foi homogênea quanto ao gênero, faixa etária e tipo de escola (pública ou particular). A média de idade dos estudantes foi de $12,7 \pm 1,9$ anos. Composta por 478 estudantes do Ensino Fundamental e Médio, dos quais 210 estudavam em escola pública (43,9%) e 268 em escola particular (56,1%). A faixa etária dos estudantes foi de 08 a 19 anos, com média de idade $12,7 \pm 1,9$ anos. Quanto ao gênero, 222 estudantes eram do sexo masculino (47%) e 250 eram do sexo feminino (53%).

O número de estudantes que participaram da pesquisa, de acordo com o sexo, faixa etária e tipo de escola, são apresentados na tabela 1. Não se observou diferença significativa entre os tipos de escola quanto à distribuição de sexo ($p=0,93$) ou faixa etária ($p=0,12$).

TABELA 1 - CARACTERÍSTICAS GERAIS DA AMOSTRA DO ESTUDO, EM CURITIBA - 2011-2012

VARIÁVEL/ CLASSIFICAÇÃO	n	%
Sexo ⁽¹⁾		
Feminino	250	53,0
Masculino	222	47,0
Idade (anos)		
Até 11	141	29,5
12 a 14	248	51,9
15 ou mais	89	18,6
Tipo de escola		
Pública	210	43,9
Particular	268	56,1

FONTE: O autor (2015)

NOTA: n = 478.

(1) Dado perdido (n=1); "Outros" (n=5).

4.2 PREVALÊNCIA DE *BULLYING*, *BULLIE*, *CYBERBULLYING* E *CYBERBULLIE*

Os valores estimados da prevalência de *Bullying*, *Bullie*, *Cyberbullying* e *Cyberbullie*, considerando-se todos os estudantes da amostra, indicou que um grande número de estudantes sofre *Bullying* (64,0%) e *Cyberbullying* (52,1%). O comportamento *Bullie* e *Cyberbullie* foi observado em 36,2% e 15,3% dos participantes respectivamente (Tabela 2).

TABELA 2 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES QUE TIVERAM EXPERIÊNCIA DE *BULLYING*, *BULLIE*, *CYBERBULLYING* E *CYBERBULLIE*, EM CURITIBA - 2011-2012

VARIÁVEL	n	%	IC95% ⁽¹⁾
<i>Bullying</i>	306	64,0	59,7 – 68,3
<i>Bullie</i>	173	36,2	31,9 – 40,5
<i>Cyberbullying</i>	249	52,1	47,6 – 56,6
<i>Cyberbullie</i>	73	15,3	12,1 – 18,5

FONTE: O autor (2015)

NOTA: n = 478.

(1) IC95%: intervalo de confiança de 95%.

4.3 PERFIL DO ESTUDANTE QUANTO AO USO DE MEIOS DIGITAIS

O uso da internet é feito por 443 dos 478 estudantes, correspondendo a 92,7% com intervalo de confiança de 95% dado por 90,3% a 95,0%. O perfil dos estudantes em relação ao tempo de uso diário, às tecnologias usadas e à divulgação de fotos, vídeos e dados pessoais é apresentado na tabela 3.

TABELA 3 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS DO USO DE MÍDIAS DIGITAIS, EM CURITIBA - 2011-2012

CARACTERÍSTICA/CLASSIFICAÇÃO	n	%
Tempo diário de uso do computador ⁽¹⁾		
1 a 2h	176	39,7
3 a 5h	93	21,0
6 a 8h	102	23,0
9h ou mais	72	16,3
Tecnologias utilizadas ⁽²⁾		
Redes sociais	301	63,0
E-mails	211	44,1
Mensagens instantâneas (MSN)	178	37,2
Mensagens de celular	167	34,9
Telefonemas	149	31,2
Simuladores virtuais (jogos)	147	30,8
Blogs	66	13,8

FONTE: O autor (2015)
NOTA: n=478
(1) Restrito aos 443 estudantes que afirmaram usar a internet.
(2) A pergunta admitiu mais de uma opção de resposta.

4.4 *BULLYING*, *CYBERBULLYING*, *BULLIE* E *CYBERBULLIE* NAS ESCOLAS PESQUISADAS

4.4.1 Comparação dos tipos de escola (pública e particular) em relação aos tipos de maus-tratos no *Bullying* e no *Bullie*

Ao comparar escola pública com escola particular em relação aos tipos de maus-tratos observados no *bullying*, foi encontrada uma diferença entre as escolas quanto a sofrer isolamento por parte dos colegas. Entre os 172 estudantes de escola particular que afirmaram sobre *Bullying*, 29 (16,9%) relataram ser isolados pelos colegas.

O *Bullying* verbal declarado no *Bullying* teve distribuição semelhante entre as escolas pública e particular (76,8% e 72,7%, respectivamente; $p=0,43$). Da mesma forma, não há diferença significativa entre os tipos de escola quanto ao *Bullying* verbal não declarado (27,6% e 31,4% para escola pública e particular, respectivamente; $p=0,53$). Em relação à agressão também não há diferença significativa entre os tipos de escola (11,9% e 13,4% para escola pública e particular, respectivamente; $p=0,73$).

Ao comparar escola pública com escola particular em relação aos tipos de maus-tratos do *Bullie*, foi encontrada diferença significativa entre as escolas quando comparadas em relação à prevalência de estudantes que dão risadas e apontam para os colegas. Diferenças significativas também foram encontradas em relação a humilhação e xingamentos. Dos 76 estudantes de escola pública que praticam *Bullying* (*Bullie*), 4 (5,3%) afirmaram dar risadas e apontar para os colegas. Já dos 97 estudantes de escola particular que praticam *Bullying* (*Bullie*), 20 (20,6%) relataram esse tipo de agressão ($p<0,01$). Em relação a xingamentos, na Escola Pública este

tipo de agressão foi declarado por 28 (36,8%) dos estudantes e, na escola particular, por 21 (21,7%), com significância estatística ($p=0,04$).

Quanto aos demais tipos de maus-tratos analisados, não foi encontrada diferença significativa entre escola pública e escola particular (Tabela 4).

O *Bullying* verbal declarado no *Bullie* teve distribuição semelhante entre as escolas pública e particular (78,9% e 70,1%, respectivamente; $p=0,22$). Da mesma forma, não há diferença significativa entre os tipos de escola quanto ao *Bullie* verbal não declarado (19,7% e 25,8% para escola pública e particular, respectivamente; $p=0,37$). Em relação à agressão também não há diferença significativa entre os tipos de escola (14,5% e 11,3% para escola pública e particular, respectivamente; $p=0,65$).

TABELA 4 - COMPARAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA COM A ESCOLA PARTICULAR EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE MAUS-TRATOS NO *BULLYING* E NO *BULLIE* EM CURITIBA - 2011-2012

TIPOS DE MAUS-TRATOS	GERAL (%)		ESCOLA PÚBLICA (%)		ESCOLA PARTICULAR (%)	
	<i>Bullying</i> n=306	<i>Bullie</i> n=173	<i>Bullying</i> n=134	<i>Bullie</i> n=76	<i>Bullying</i> n=172	<i>Bullie</i> n=97
Apelidar	46,4	45,7	49,3	46,1	44,2	45,4
Humilhar	24,8	9,8	21,6	⁽¹⁾ 4,0	27,3	⁽¹⁾ 14,4
Xingar	34,6	28,3	36,6	⁽²⁾ 36,8	33,1	⁽²⁾ 21,7
Dar socos, pontapés, empurrões	12,7	12,7	11,9	14,5	13,4	11,3
Ameaçar	13,4	7,5	15,7	6,6	11,6	8,3
Espalhar mentiras	25,2	8,7	26,1	5,3	24,4	11,3
Isolar, não deixar fazer parte do grupo	11,8	5,8	⁽³⁾ 5,2	4,0	⁽³⁾ 16,9	7,2
Ficar de mal	8,2	7,5	5,2	5,3	10,5	9,3
Dar risadas e apontar	17,3	13,9	16,4	⁽⁴⁾ 5,3	18,0	⁽⁴⁾ 20,6
Esconder, estragar ou tomar materiais	11,8	7,5	9,7	6,6	13,4	8,3

FONTE: O autor (2015)

NOTA: Análise restrita a estudantes que declararam sofrer *Bullying* ou *Bullie*.

(1) $p=0,02$.

(2) $p=0,04$.

(3) $p<0,01$.

(4) $p<0,01$ (Teste exato de Fisher, $p<0,05$).

4.4.2 Avaliação da associação de sexo, faixa etária e tipo de escola com a prática do *Bullying* e *Bullie*

Considerando-se cada um dos fatores sexo, faixa etária e tipo de escola (análise univariada), investigou-se se há associação entre cada um desses fatores e

o *Bullying*. Em seguida, ajustou-se um modelo de Regressão Logística para avaliar esta mesma associação de forma conjunta (análise multivariada).

Os resultados indicaram que, tanto na análise univariada quanto na análise multivariada, não há associação significativa entre *Bullying* e sexo, faixa etária e tipo de escola (Tabela 5).

Para avaliar a associação de sexo, faixa etária e tipo de escola com o *Bullie*, inicialmente, foi feita uma análise univariada considerando-se cada variável e, em seguida, foi ajustado um modelo de Regressão Logística (análise multivariada). Nesta análise os resultados indicaram que, independentemente da faixa etária e do tipo de escola, este fator está significativamente associado ao *Bullie*. Observou-se que o *Bullie* é mais frequente entre estudantes do sexo masculino do que entre estudantes do sexo feminino. A partir do ajuste do modelo multivariado, o valor estimado da *odds ratio* foi de 2,0 com intervalo de confiança de 95% dado por: 1,4 a 3,0. Com isso, pode-se afirmar que, independentemente da faixa etária e do tipo de escola, estudantes do sexo masculino tem duas vezes mais chance de praticar *Bullying* (*Bullie*) do que estudantes do sexo feminino. Não foi encontrada associação significativa de faixa etária e de tipo de escola com o *Bullie*.

TABELA 5 - AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS FATORES SEXO, FAIXA ETÁRIA E TIPO DE ESCOLA COM *BULLYING* E *BULLIE* – ANÁLISES UNIVARIADA E MULTIVARIADA, EM CURITIBA - 2011-2012

FATOR/ CLASSIFICAÇÃO	BULLYING (%)				BULLIE (%)			
	Não	Sim	p ¹	p ²	Não	Sim	p ¹	p ²
Sexo ⁽¹⁾								
Feminino	38,8	61,2			72,0	28,0		
Masculino	33,8	66,2	0,26	0,31	55,9	44,1	<0,01	<0,01
Faixa etária								
Até 11 (ref)	33,3	66,7			58,9	41,1		
12 a 14	37,1	62,9	0,46	0,60	68,5	31,5	0,06	0,15
15 ou mais	37,1	62,9	0,56	0,65	58,4	41,6	0,95	0,63
Tipo de escola								
Pública	36,2	63,8			63,8	36,2		
Particular	35,8	64,2	0,93	0,94	63,8	36,2	1	0,83

FONTE: O autor (2015)

NOTAS: n=478.

p¹: Teste exato de Fisher ou teste de Qui-quadrado, p<0,05.

p²: Modelo de Regressão Logística e teste de Wald, p<0,05.

(1) 6 dados perdidos.

4.4.3 Comparação dos tipos de escola (pública e particular) em relação aos tipos de maus-tratos no *Cyberbullying* e *Cyberbullie*

Na escola particular, quando comparada à escola pública, observou-se um percentual maior de estudantes que sofrem de humilhação pelos meios digitais (14,4% na escola particular e 31,9% na escola pública) e essa diferença se apresentou como sendo significativa ($p < 0,01$). Para os demais tipos de maus-tratos, não foi encontrada diferença significativa entre as escolas pública e particular (Tabela 6).

Ao comparar as escolas pública e particular em relação aos tipos de maus-tratos no *Cyberbullie* foi encontrada diferença significativa quanto à prática de humilhação. Na Escola Pública esta prática foi relatada por 4,4% dos estudantes, enquanto que na Escola Particular o percentual foi de 30,0% ($p = 0,01$). Para os demais tipos de maus-tratos, não foi encontrada diferença significativa entre os dois tipos de escolas (Tabela 6).

TABELA 6 - COMPARAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA COM A ESCOLA PARTICULAR EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE MAUS-TRATOS NO CYBERBULLYING E NO CYBERLBULLIE, EM CURITIBA - 2011-2012

TIPOS DE MAUS-TRATOS	GERAL (%)		ESCOLA PÚBLICA (%)		ESCOLA PARTICULAR (%)	
	<i>Cyberbullying</i> n=249	<i>Cyberbullie</i> n=73	<i>Cyberbullying</i> n=111	<i>Cyberbullie</i> n=23	<i>Cyberbullying</i> n=138	<i>Cyberbullying</i> n=50
Apelidar	48,6	54,8	49,6	56,5	47,8	54,0
Humilhar	24,1	21,9	⁽¹⁾ 14,4	⁽²⁾ 4,4	⁽¹⁾ 31,9	⁽²⁾ 30,0
Xingar	31,3	35,6	36,0	⁽³⁾ 52,2	27,5	⁽³⁾ 28,0
Ameaçar	18,1	15,1	17,1	8,7	18,8	18,0
Fazer fofocas e espalhar mentiras	36,1	15,1	31,5	4,4	39,9	20,0

FONTE: O autor (2015)

NOTA: Análise restrita a estudantes que declararam sofrer *Bullying* ou *Bullie*.

(1) $p < 0,01$.

(2) $p = 0,01$.

(3) $p = 0,07$ (Teste exato de Fisher, $p < 0,05$).

4.4.4 Avaliação da associação de sexo, faixa etária e tipo de escola com o *Cyberbullying* e *Cyberbullie*

Ao avaliar a associação entre sexo, faixa etária e tipo de escola e o *Cyberbullying*, tanto na análise univariada quanto na análise multivariada, os resultados indicam que essa associação não é estatisticamente significativa (Tabela 7).

Os resultados da análise multivariada indicam que, independentemente do sexo e da faixa etária, o fator tipo de escola está significativamente associado ao *Cyberbullie*. Observou-se que o percentual de *Cyberbullie* entre estudantes de escola particular é maior do que entre os estudantes de escola pública. A partir do ajuste do modelo multivariado, o valor estimado da *odds ratio* foi de 1,9 com intervalo de confiança de 95% dado por: 1,1 a 3,2. Com isso, pode-se afirmar que, independente do sexo e da faixa etária, estudantes de escola particular tem 1,9 vezes mais chance de praticar *Cyberbullying* (*Cyberbullie*) do que estudantes de escola pública. Não foi encontrada associação significativa de sexo e de faixa etária com o *Cyberbullie* (Tabela 7).

TABELA 7 - AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS FATORES SEXO, FAIXA ETÁRIA E TIPO DE ESCOLA COM *CYBERBULLYING* E *CYBERBULLIE* – ANÁLISES UNIVARIADA E MULTIVARIADA, EM CURITIBA - 2011-2012

FATOR/ CLASSIFICAÇÃO	CYBERBULLYING (%)				CYBERBULLIE (%)			
	Não	Sim	p ¹	p ²	Não	Sim	p ¹	p ²
Sexo ⁽¹⁾								
Feminino	50,0	50,0			87,2	12,8		
Masculino	46,8	53,2	0,49	0,65	83,3	16,7	0,24	0,22
Faixa etária								
Até 11 (ref)	44,0	56,0			85,8	14,2		
12 a 14	48,4	51,6	0,40	0,47	83,9	16,1	0,61	0,50
15 ou mais	52,8	47,2	0,19	0,20	85,4	14,6	0,93	0,89
Tipo de escola								
Pública	47,1	52,9			89,0	11,0		
Particular	48,5	51,5	0,77	0,77	81,3	18,7	0,02	0,03

FONTE: O autor (2015)

NOTAS: n=478.

p¹: Teste exato de Fisher ou teste de Qui-quadrado, p<0,05.

p²: Modelo de Regressão Logística e teste de Wald, p<0,05.

(1) 6 dados perdidos.

4.5 AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS RELATIVOS AO BULLYING

4.5.1 Identificação dos estudantes que sofrem ou sofreram *Bullying*

Dos 306 estudantes que sofreram *Bullying*, 228 (64,0%) relataram ter sofrido *Bullying* do tipo verbal declarado (apelido, humilhação, xingamento, ameaça, risadas e apontar), 55 (18,0%) sofreram agressão (socos, pontapés ou empurrões) e 91 (29,7%) eram referentes a *Bullying* do tipo verbal não declarado. Mais de um tipo de *Bullying* poderia ser observado.

Os tipos de maus-tratos, quando ocorreram, com que frequência e os locais das ocorrências são apresentados na tabela 8. Na tabela 9 são apresentados os resultados de acordo com os sentimentos experimentados pelos estudantes ao sofrerem *Bullying*, bem como se contou para alguém, com que idade teve início e quem maltratou.

Dos 306 estudantes que afirmaram sofrer *Bullying*, 77,8% relatam ter contado para alguém. Destes, 39,5% contaram para a família, 9,8% para o professor, 10,5% para alguém da escola, 17,6% para algum colega e 5,9% para algum colega de fora da escola.

TABELA 8 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS DO *BULLYING*: QUANDO, COM QUE FREQUÊNCIA OCORREU, LOCAL E TIPOS DE MAUS-TRATOS, EM CURITIBA - 2011-2012

CARACTERÍSTICA/CLASSIFICAÇÃO	n	%
Quando ocorreu ⁽¹⁾		
Há mais de um ano	66	40,5
Nos últimos 6 meses	13	8,0
Há 15 dias	84	51,5
Tipos de maus-tratos ⁽²⁾		
Apelidar	142	46,4
Humilhar	76	24,8
Xingar	106	34,6
Dar socos, pontapés, empurrões – agressão	39	12,7
Ameaçar	41	13,4
Fazer fofocas e espalhar mentiras sobre mim	77	25,2
Isolar, não deixar fazer parte do grupo	36	11,8
Ficar de mal	25	8,2
Dar risadas e apontar para mim	53	17,3
Esconder, estragar ou tomar minhas coisas	36	11,8
Com que frequência é maltratado na escola ⁽¹⁾		
Diária	23	9,2
Semanal	80	31,9
Mensal	98	39,0
Episódio único	50	19,9
Local da ocorrência ⁽²⁾		
Na sala de aula	158	51,6
No pátio de recreio	109	35,6
Na sala de aula, com o professor	102	33,3
No corredor	46	15
No portão da escola	25	8,2
No banheiro	17	5,6
Na ida ou volta da escola	15	4,9

No transporte escolar	6	2,0
-----------------------	---	-----

FONTE: O autor (2015)

NOTA: Análise restrita aos estudantes que relataram sofrer *Bullying* (n=306).

(1) Percentuais calculados sobre o total de casos que informaram quando foram maltratados (n=163).

(2) A pergunta admitiu mais de uma opção de resposta.

TABELA 9 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS DO *BULLYING*: SENTIMENTOS, SE CONTOU PARA ALGUÉM, IDADE NO INÍCIO DAS OCORRÊNCIAS E QUEM MALTRATOU, EM CURITIBA - 2011-2012

CARACTERÍSTICA/CLASSIFICAÇÃO	n	%
Sentimento em relação ao <i>Bullying</i> ⁽²⁾		
Tristeza	120	39,2
Raiva	119	38,9
Chateação	83	27,1
Mágoa	76	24,8
Revolta	68	22,2
Indiferença	40	13,1
Desproteção	37	12,1
Medo	36	11,8
Assustado	22	7,2
Julgou ser brincadeira/ engraçado	41	13,4
Idade no início das ocorrências		
De 5 a 11	133	52,2
De 11 a 14	109	42,7
15 ou mais	13	5,1
Quem maltratou		
Um menino	95	31,0
Vários meninos	47	15,4
Uma menina	36	11,8
Várias meninas	28	9,2
Meninos e meninas	77	25,2
Não informou	23	7,5

FONTE: O autor (2015)

NOTA: Análise restrita aos estudantes que relataram sofrer *Bullying* (n=306).

(1) A pergunta admitiu mais de uma opção de resposta.

(2) Percentuais calculados sobre o total de casos que informaram a idade das ocorrências (n=255).

Ao comparar escola pública com escola particular em relação aos tipos de maus-tratos observados no *Bullying*, foi encontrada diferença significativa entre as escolas quando comparadas em relação à prevalência de estudantes que sofrem por isolamento dos colegas. Dos 134 estudantes de escola pública que afirmaram sofrer *Bullying*, 7 (5,2%) indicaram esse tipo de agressão. Já dos 172 estudantes de escola particular que afirmaram sobre *Bullying*, 29 (16,9%) relataram esse tipo de agressão. Essa diferença foi estatisticamente significativa ($p < 0,01$). Quanto aos demais tipos de maus-tratos analisados, não foi encontrada diferença significativa entre escola pública e escola particular.

4.5.2 Descrição das características do *Bullie*

Dos 173 estudantes que praticam *Bullying* (*Bullie*), 128 (74,0%) foram *Bullie* do tipo verbal declarado (apelido, humilhação, xingamento, ameaça, risadas e apontar), 22 (12,7%) foram agressão (socos, pontapés ou empurrões) e 40 (23,1%) foram *Bullie* do tipo verbal não declarado. Mais de um tipo de agressão poderia ser observada.

Na tabela 10 são apresentadas frequências e percentuais de estudantes de acordo com a frequência dos maus-tratos aos colegas, os tipos de maus-tratos, o local de ocorrência e os sentimentos vivenciados pelo *Bullie* ao agredir a vítima.

TABELA 10 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DAS CARACTERÍSTICAS DO *BULLIE*: FREQUÊNCIA COM QUE MALTRATA OS COLEGAS NA ESCOLA, TIPOS DE MAUS-TRATOS PRATICADOS, LOCAL DA OCORRÊNCIA E SENTIMENTOS DO *BULLIE* EM RELAÇÃO À VÍTIMA, EM CURITIBA - 2011-2012

CARACTERÍSTICA/CLASSIFICAÇÃO	n	%
Com que frequência maltrata colegas na escola ⁽¹⁾		
Diário	9	6,7
Semanal	40	29,6
Mensal	86	63,7
Tipos de maus-tratos ⁽²⁾		
Apelido	79	45,7
Xingamento	49	28,3
Risadas	24	13,9
Socos	22	12,7
Humilhação	17	9,8
Fofocas	15	8,7
Ameaça	13	7,5
De mal	13	7,5
Esconder objetos	13	7,5
Isolamento	10	5,8
Local da ocorrência ⁽²⁾		
Na sala de aula	74	42,8
No pátio de recreio	64	37,0
Na sala de aula, com o professor	44	25,4
No corredor	34	19,7
No portão da escola	11	6,4
No banheiro	2	1,2
No transporte escolar	9	5,2
Na ida ou volta da escola	8	4,6
Sentimento do <i>Bullie</i> quando comete <i>Bullying</i> ⁽²⁾		
Indiferença	54	31,2
Raiva	47	27,2
Tristeza	41	23,7
Alívio	21	12,1
Satisfação	17	9,8
Prazer	13	7,5
Superioridade	13	7,5
Alegria	11	6,4
Brincadeira	3	1,7

FONTE: O autor (2015)

NOTA: Análise restrita aos estudantes que relataram praticar *Bullying* (*Bullie*) (n=173).

(1) Percentuais calculados sobre o total de casos que informaram a frequência (n=135).

(2) A pergunta admitiu mais de uma opção de resposta.

4.6 AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS RELATIVOS AO CYBERBULLYING

4.6.1 Descrição das características do *Cyberbullying*

As características do *Cyberbullying* são apresentadas nas tabelas 11 e 12. Foram descritos os resultados da frequência de ocorrência, idade quando começou a sofrer essas agressões, os tipos de agressão, como ficou sabendo. Também foram descritos a frequência das ocorrências, os sentimentos em relação ao *Cyberbullying*, e o impacto sobre a vida social do estudante. Boa parte dos estudantes (48,6%) afirmou que o *Cyberbullying* não prejudica sua vida social.

TABELA 11 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS DO *CYBERBULLIE*: QUANDO OCORREU, IDADE QUANDO COMEÇOU A SOFRER AGRESSÕES, TIPOS DE AGRESSÕES E COMO FICOU SABENDO, EM CURITIBA - 2011-2012

CARACTERÍSTICA/CLASSIFICAÇÃO	n	%
Quando ocorreu o <i>Cyberbullying</i> ⁽¹⁾		
Há mais de um ano	31	47,0
Nos últimos 6 meses	7	10,6
Há 15 dias	28	42,4
Que idade você tinha quando começou a sofrer essas agressões ⁽²⁾		
De 5 a 11	99	48,1
De 11 a 14	88	42,7
15 ou mais	19	9,1
Quais são os tipos de agressão que você recebe ⁽³⁾		
Apelidar	121	48,6
Fazer fofocas e espalhar mentiras sobre mim	90	36,1
Xingar	78	31,3
Humilhar	60	24,1
Ameaçar	45	18,1
Como você ficou sabendo destas agressões ⁽³⁾		
Através de redes sociais	87	34,9
Pessoas (amigos, colegas ou outros)	65	26,1
Enviaram para o meu celular	52	20,9
Enviaram para meu e-mail	34	13,7
Colocaram em um site da internet	24	9,6

FONTE: O autor (2015)

NOTA: Análise restrita aos estudantes que relataram sofrer *Cyberbullying* (n=249).

(1) Percentuais calculados sobre o total de estudantes que informaram quando foram maltratados (n=66).

(2) Percentuais calculados sobre o total de estudantes que informaram a idade (n=206).

(3) A pergunta admitiu mais de uma opção de resposta.

TABELA 12 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS DO *CYBERBULLYING* (VÍTIMA): SENTIMENTOS E IMPLICAÇÕES NA VIDA SOCIAL DO ESTUDANTE, EM CURITIBA - 2011-2012

CARACTERÍSTICA/CLASSIFICAÇÃO	n	%
Frequência em que recebe as agressões ⁽¹⁾		
Diário	8	6,1
Semanal	38	28,8
Mensal	75	56,8
Episódio único	11	8,3
Sentimento quando recebe a agressão ⁽²⁾		
Tristeza	91	36,5
Raiva	78	31,3
Chateação	73	29,3
Revolta	59	23,7
Mágoa	52	20,9
Medo	47	18,9
Assustado	41	16,5
Desproteção	37	14,9
Indiferença	19	7,6
Brincadeira/ engraçado	20	8,0

FONTE: O autor (2015)

NOTA: Análise restrita aos estudantes que relataram sofrer *Cyberbullying* (n=249).

(1) Percentuais calculados sobre o total de estudantes que informaram a frequência (n=132).

(2) A pergunta admitiu mais de uma opção de resposta.

4.7 AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS RELATIVOS AO *CYBERBULLIE*

4.7.1 Descrição das características do *Cyberbullie*

As frequências dos maus-tratos por meio digital, a descrição do tipo de maus-tratos e os sentimentos experimentados ao praticar o *Cyberbullying* (*Cyberbullie*) são apresentadas na tabela 13.

TABELA 13 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS DO *CYBERBULLIE*: FREQUÊNCIA DA PRÁTICA, TIPOS DE MAUS-TRATOS PRATICADOS E SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À OCORRÊNCIA, EM CURITIBA - 2011-2012

CARACTERÍSTICA/CLASSIFICAÇÃO	n	%
Frequência ⁽¹⁾		
Diário	3	5,0
Semanal	18	30,0
Mensal	39	65,0
Tipos de maus-tratos ⁽²⁾		
Apelidar	40	54,8
Xingar	26	35,6
Humilhar	16	21,9
Fazer fofocas	11	15,1
Ameaçar	11	15,1
Sentimento em relação ao <i>Bullying</i> ⁽²⁾		
Nada	21	28,8
Tristeza	16	21,9
Raiva	15	20,5
Alívio	15	20,5
Satisfação	9	12,3
Superioridade	7	9,6
Alegria	6	8,2
Prazer	3	4,1

FONTE: O autor (2015)

NOTA: Análise restrita a estudantes que declararam praticar *Cyberbullying* (*Cyberbullie*) (n=73).

(1) Percentuais calculados sobre o total de estudantes que informaram a frequência (n=60).

(2) A pergunta admitiu mais de uma opção de resposta.

4.8 AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE *BULLYING*, *BULLIE*, *CYBERBULLYING* E *CYBERBULLIE*

Para investigar se estudantes que sofrem *Bullying* ou *Cyberbullying* têm maior chance de também adotar essas práticas, foram apresentados os cruzamentos entre essas duas variáveis, os valores de p das comparações e os valores estimados de *odds ratio* (OR) com respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%).

Dos estudantes que afirmaram sofrer *Bullying*, 49,7% também praticam *Bullying* (*Bullie*), enquanto que, dos que afirmaram não sofrer *Bullying*, apenas 12,2% afirmaram praticar *Bullying* (*Bullie*). Os resultados indicaram que esta diferença é significativa (p<0,01; OR: 7,0; IC95%: 4,2 – 11,6) (Tabela 14).

TABELA 14 - AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE *BULLYING* E *BULLIE*, EM CURITIBA - 2011-2012

<i>BULLIE</i>	<i>BULLYING</i>			
	Não		Sim	
	n	%	n	%
Não	151	87,8	154	50,3
Sim	21	12,2	152	49,7
TOTAL	172	100,0	306	100,0

FONTE: O autor (2015)

NOTA: n=478.

Na avaliação da associação entre *Cyberbullying* e *Cyberbullie* também foi observada significância estatística. Dos participantes que sofrem *Cyberbullying*, 25,3% também o praticam. Já dos participantes que não sofrem, apenas 4,4% praticam *Cyberbullying* ($p<0,01$; OR: 7,4; IC95%: 3,7 – 14,9) (Tabela 15).

TABELA 15 - AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE *CYBERBULLYING* E *CYBERBULLIE*, EM CURITIBA - 2011-2012

<i>CYBERBULLIE</i>	<i>CYBERBULLYING</i>			
	Não		Sim	
	n	%	n	%
Não	219	95,6	186	74,7
Sim	10	4,4	63	25,3
TOTAL	229	100,0	249	100,0

FONTE: O autor (2015)

NOTA: n=478.

Para investigar se estudantes que sofrem *Bullying* também sofrem *Cyberbullying* e se estudantes que praticam *Bullying* também praticam *Cyberbullying*, foram apresentados os cruzamentos entre essas duas variáveis, os valores estimados de *odds ratio* (OR) com respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%).

Os resultados indicaram que existe associação significativa entre *Bullying* e *Cyberbullying*. Estudantes que sofrem *Bullying* têm mais chance de sofrer *Cyberbullying* do que estudantes que não sofrem *Bullying* ($p<0,01$; OR: 8,2; IC95%: 5,3 – 12,7) (Tabela 16).

TABELA 16 - AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE *BULLYING* E *CYBERBULLYING*, EM CURITIBA - 2011-2012

<i>CYBERBULLYING</i>	<i>BULLYING</i>			
	Não		Sim	
	n	%	n	%
Não	135	78,5	94	30,7
Sim	37	21,5	212	69,3
TOTAL	172	100,0	306	100,0

FONTE: O autor (2015)

NOTA: n=478.

Da mesma forma, quando ocorre *Bullie*, há uma chance maior de também ocorrer *Cyberbullie*. Essas duas práticas estão significativamente associadas ($p < 0,01$; OR: 10,8; IC95%: 5,8 – 20,0) (Tabela 17).

TABELA 17 - AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE *BULLIE* E *CYBERBULLIE*, EM CURITIBA - 2011-2012

<i>CYBERBULLIE</i>	<i>BULLIE</i>			
	Não		Sim	
	n	%	n	%
Não	291	95,4	114	65,9
Sim	14	4,59	59	34,1
TOTAL	305	100,0	173	100,0

FONTE: O autor (2015)

NOTA: n=478.

4.9 AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE *BULLYING*, *BULLIE*, *CYBERBULLYING* E *CYBERBULLIE* E A QUANTIDADE DE BONS AMIGOS

Sobre o número de bons amigos que o estudante tem na escola, 2,5% afirmaram não ter amigos e 4,8% disseram ter um único amigo. Ter dois ou três amigos foi relatado por 13,8% dos participantes e quatro ou cinco amigos, foi relatado por 17,6%. A maioria dos participantes afirmou ter 6 ou mais amigos (61,2%) e, destes, uma parte expressiva (17%) tinha mais de 20 amigos.

Ao analisar a associação entre a quantidade de bons amigos na escola e a presença de *Bullying*, *Bullie*, *Cyberbullying* e *Cyberbullie*, foi encontrada significância

estatística apenas para a *Bullying* ($p=0,002$). Observou-se que um número maior de amigos implica em menor ocorrência de *Bullying* (Tabela 18).

TABELA 18 - AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE *BULLYING*, *BULLIE*, *CYBERBULLYING* E *CYBERBULLIE* E A QUANTIDADE DE BONS AMIGOS NA ESCOLA, EM CURITIBA - 2011-2012

PRESENCÇA DE	QUANTIDADE DE BONS AMIGOS NA ESCOLA										p ¹
	0		1		2 OU 3		4 OU 5		6 OU MAIS		
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
Bullying	9	75,0	20	87,0	53	80,3	49	58,3	174	59,6	<0,01
Bullie	5	41,7	10	43,5	26	39,4	30	35,7	101	34,6	0,86
Cyberbullying	8	66,7	15	65,2	37	56,1	40	47,6	148	50,7	0,42
Cyberbullie	4	33,3	4	17,4	10	15,2	7	8,3	48	16,4	0,16

FONTE: O autor (2015)

NOTAS: n=478.

p¹: Teste de Qui-quadrado, $p<0,05$.

4.10 PREVALÊNCIA DE ESTUDANTES QUE PRESENCIAM MAUS-TRATOS E SUAS REAÇÕES

Dos 478 participantes do estudo, 355 afirmaram já ter presenciado colegas praticando *Bullying* na escola, representando 74,3% com intervalo de confiança de 95% dado por 70,3% a 78,2%. A frequência com que isso ocorre e as atitudes tomadas ao presenciar o *Bullying*, os sentimentos frente a essa ocorrência e a opinião do estudante sobre o motivo dos maus-tratos dos colegas são apresentados na tabela 19.

TABELA 19 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ESTUDANTES DE ACORDO COM AS ATITUDES, OS SENTIMENTOS FRENTE AO TESTEMUNHO DE *BULLYING* E A OPINIÃO DOS ESTUDANTES SOBRE OS MOTIVOS DESSA PRÁTICA, EM CURITIBA - 2011-2012

CARACTERÍSTICA/ CLASSIFICAÇÃO	n	%
Você já presenciou algum colega(s) maltratando outro(s)? (n=477) ⁽¹⁾		
Não, nunca presenciei	122	25,6
Sim, apenas uma vez	85	17,8
Sim, várias vezes	270	56,6
O que você fez ao presenciar um colega maltratando outro(s) ⁽²⁾ (n=355)		
Pedi aos agressores que parassem	102	28,7
Saí em defesa da vítima	65	18,3
Não fiz nada, eu que comecei	58	16,3

Fingi não ter visto nada	47	13,2
Contei para um adulto na escola	43	12,1
Dei risada	26	7,3
Contei para os colegas	26	7,3
Ajudei os agressores	13	3,7
O que você sentiu ao presenciar o <i>Bullying</i> ⁽²⁾ (n=355)		
Fiquei triste	102	28,7
Nada, fazem isso comigo também	95	26,8
Senti pena	90	25,3
Fiquei chateado	86	24,2
Fiquei com medo de acontecer comigo	77	21,7
Fiquei com raiva	65	18,3
Fiquei revoltado	57	16,1
Fiquei assustado	43	12,1
Nada, são brincadeiras	30	8,4
Achei engraçado	20	5,6
Não me incomodou	19	5,3
Por que você acha que alguns colegas maltratam outros ⁽²⁾ (n=355)		
Acham-se melhores que os outros	184	51,8
Querem ser populares	153	43,1
Por diversão	114	32,1
São maus	99	27,9
São maltratados também	80	22,5
Não são punidos	67	18,9
São fortes	60	16,9
Os adultos ignoram os maus tratos	50	14,1
As vítimas merecem	17	4,8

FONTE: O autor (2015)

NOTA: Os percentuais relativos às perguntas sobre atitudes, sentimentos e opiniões foram calculados sobre o total de estudantes que afirmaram já ter presenciado o *Bullying* (n=355).

(1) Houve um caso que não informou.

(2) A pergunta admitiu mais de uma opção de resposta.

4.11 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A identificação do *Bullying* (sofre ou não sofre) foi realizada quando o estudante apontou pelo menos três características de ter sofrido *Bullying*. A identificação do *Bullie* (praticou ou não praticou *Bullying*) foi realizada com os mesmos critérios. De igual forma se procedeu para a identificação do *Cyberbullying* (sofre ou não sofre) e do *Cyberbullie* (praticou ou não praticou *Cyberbullying*). Considerou-se constância o fato do respondente ter preenchido pelo menos três características em cada um dos papéis.

O questionário foi elaborado para fazer perguntas de reasseguramento, ou seja, perguntas com o mesmo objetivo, mas realizadas de formas diferentes, visando identificar a constância de resposta.

As perguntas foram desmembradas para pegar todo o conceito tradicional do que é *Bullying/Cyberbullying* e os papéis de *Bullie* e *Cyberbullie*, tendo que apresentar persistência em pelo menos três itens em perguntas diferentes. A pesquisa mostra o *Bullying* pelos critérios de intencionalidade do comportamento (OLWEUS, 1993), isto é, o comportamento tem o objetivo de provocar mal-estar e ter controle sobre outra pessoa. Repetição ao longo do tempo (MELLOR, 1990; OLWEUS, 1998). As questões abertas foram analisadas qualitativamente e não quantitativamente. À primeira questão aberta: "*O que você acha que deveria ser feito para que estas agressões pela internet e na escola acabassem?*", os entrevistados responderam que acharam que as agressões acabariam se as sanções fossem mais severas. Em relação à questão "*O que você acha que a escola deveria fazer para que estas agressões pela internet e na escola acabassem?*" os entrevistados responderam que a escola precisa ensinar mais sobre o que é o *Bullying* e conscientizar os estudantes a mudarem a sua conduta.

5. DISCUSSÃO

A pesquisa sobre o comportamento de agressão e vitimização na escola pôde ajudar a esclarecer algumas das questões relacionadas com o padrão de comportamento desviante e suas vias de desenvolvimento. Principalmente esclarecer quais fatores podem estar associados à manifestação de comportamentos agressivos na infância e na pré-adolescência (SPRIGGS *et al.*, 2007).

5.1 PREVALÊNCIAS DE *BULLYING*, *BULLIE*, *CYBERBULLING* E *CYBERBULLIE*

Myron-Wilson e Smith (1998) apontaram o *Bullying* como o mais grave problema existente nas escolas em todo o mundo, pois provoca danos em todos os envolvidos (agressor, alvo e testemunhas). O *Bullying* e o *Cyberbullying* não são brincadeiras entre crianças, são formas de violência que atingem ambos os sexos de todos os níveis socioeconômicos, como foi constatado nos resultados do presente estudo. Segundo Lopes Neto (2005), fatores econômicos, sociais e culturais, bem como aspectos de personalidade e a influência do meio (amigos e familiares) constituem riscos para o envolvimento no *Bullying*.

Esta pesquisa encontrou índice de *Bullying* de 64,0% em estudantes de cinco escolas em Curitiba. Due e Holstein (2008), comparando resultados de estudos em 66 países, encontrou índices oscilando entre 10% e 60% dos estudantes, dependendo dos critérios utilizados para definir “ação reincidente”. Ao considerar uma prevalência de vítimas de *Bullying* em torno de 10% a 60% traduzida a uma escala global, tendo em conta a população suscetível em torno de 1 bilhão, pode-se inferir que existe um total de 100-600 milhões de estudantes sofrendo *Bullying*.

Neste estudo foi observada uma prevalência de *Bullie* em estudantes de cinco escolas em Curitiba de 36,2%. Este índice é maior que o descrito na literatura, tipicamente entre 5-15% (PELLEGRINI, BARTINI; BROOKS, 1999; CRAIG; HAREL, 2004). Esta diferença pode ser explicada pelo intervalo de tempo em que os

comportamentos agressivos ocorreram, pois não há uma padronização deste período. A ampla variação dos resultados aponta para heterogeneidade das pesquisas.

A prevalência do *Cyberbullying* em estudantes de cinco escolas em Curitiba foi de 52,1%. Smith *et al.* (2008) em pesquisa realizada com noventa e dois alunos, de quatorze escolas em Londres, na faixa etária entre 11 a 16 anos, constataram prevalência de *Cyberbullying* inferior ao *Bullying* tradicional, o que correspondeu aos resultados desta pesquisa. Raskauskas e Stoltz (2007) encontraram prevalência de 49% de *Cyberbullying* em 84 alunos de duas escolas do Ensino Médio nos EUA, com idades entre 13 a 18 anos. No Brasil Varela (2009) realizou um estudo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFC) – Campus Araquari/SC com 28 professores e servidores e 60 alunos do Ensino Médio e encontrou prevalência de 49% de vítimas de algum constrangimento por meio de ferramentas digitais, sendo a maior fonte as mensagens instantâneas (33%).

Este estudo identificou um percentual de 15,3% de *Cyberbullies* em estudantes em cinco escolas em Curitiba. Smith *et al.* (2008), identificaram que 11% da população estudada Londres admitiu já ter praticado *Cyberbullying* no último ano. Raskauskas e Stoltz (2007) encontraram nos EUA um índice de 21% de *Cyberbullies*. Varela (2009) identificou que 16% da sua população de estudo afirmou já ter praticado *Cyberbullying*. Muitas das *cyber-vítimas* nesta pesquisa, também eram vítimas de *Bullying* tradicional, e muitos dos *cyberbullies* eram também *Bullies* tradicionais, como relatado no estudo de Smith *et al.* (2008).

5.2 PERFIL DO USO DO MEIO DIGITAL PELOS ESTUDANTES

Quase a totalidade da amostra deste estudo respondeu que utiliza a internet. O tempo de uso da internet por dia apontado por 39,7% dos entrevistados foi de 1 a 2 horas, porém 23% da população estudada utiliza a internet por um período de 6 a 8 horas diariamente, revelando a elevada interatividade dos estudantes com o computador. É preocupante saber que alguns estudantes ficam tantas horas por dia no computador, o equivalente a um expediente de trabalho.

O uso dos meios digitais como meio para os comportamentos agressivos tem a possibilidade de gerar uma maior audiência para esses acontecimentos, uma vez que a internet pode ser acessada por inúmeras pessoas (PERREN *et al.*, 2010). As tecnologias digitais são veiculadas por telefones celulares (*smartphones*), *tablets*, computadores e outros equipamentos. A divulgação das agressões ocorre através das redes sociais como o *MSN Messenger*®, o *Facebook*®, *Twitter*® e *YouTube*®, utilizadas por 63% da população estudada.

A literatura descreve que também são utilizados meios como vídeo, vídeo-mensagem, foto, *vlog*, *blog*, grupo de discussão fechado, aberto, aplicativos de comunicação digital (PERREN *et al.*, 2010). Os e-mails eram utilizados por 44,1% e as mensagens instantâneas por 37,2% dessa mesma população.

5.3 BULLYING, CYBERBULLYING, BULLIE E CYBERBULLIE NAS ESCOLAS PESQUISADAS

5.3.1 Descrição das características do *Bullying*

Os dados do presente estudo mostraram que, nas cinco escolas analisadas, grande parte dos estudantes respondeu que, em algum momento de suas vidas, foi alvo de *Bullying*.

Calhau (2011) classifica o *Bullying* pela natureza das agressões: física, verbal declarada, psicológica e psicológica dissimulada. Neste estudo encontrou-se um número significativo de agressões do tipo verbal, como colocar apelido, humilhação, xingamento, ameaça, risadas e apontar; as agressões físicas com socos, pontapés ou empurrões ocorreram com menor frequência e o *Bullying* do tipo verbal não declarado foi o menos comum. Os dados mostraram que não há diferença estatisticamente significativa na ocorrência destas agressões com relação ao tipo de escola na amostra estudada.

Os dados obtidos se assemelham aos relatados por Moura, Cruz e Quevedo (2011), em pesquisa com cerca de mil e cem alunos de escolas públicas, frequentando do 1.º ao 8.º ano do Ensino Fundamental, que encontrou 75% de agressões do tipo verbais seguidas das agressões físicas com 63% (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011).

Craig, Pepler e Blais (2007) constataram que práticas de *Bullying* direto foram mais comuns em *playgrounds* e as ocorrências de *Bullying* indireto prevalentes em sala de aula. Melim (2011) explica que:

Alguns alunos mais introvertidos ou socialmente retraídos procuram recantos do recreio onde há menor número de crianças, por terem dificuldade de se integrar em grupo. Esta atitude, que visa certa defesa pessoal, acaba por ter o efeito oposto, pois ficam mais longe da vigilância de um funcionário. Procurando proteção nos espaços calmos, podem encontrar quem os agreda, sem ninguém a quem recorrer para pedir ajuda. Estas agressões são com frequência mais graves. Os agressores agem à vontade, pois não haverá testemunhos da ocorrência e nenhuma criança ou adulto virá ajudar (MELIM, 2011, p.29).

A maior prevalência do *Bullying* ainda é observada em meninos no papel de agressores e vítimas (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003). Entretanto, de forma indireta, o *Bullying* é tipicamente praticado pelas meninas, o que dificulta o reconhecimento da agressão. Isso não significa que as meninas são menos agressivas do que os meninos; mas que as meninas utilizam formas mais sutis de agressão (BJÖRKQVIST; ÖSTERMAN; KAUKIAINEN, 1992; CRICK; DODGE, 2000).

Ao responder sobre o gênero do agressor, a principal resposta das vítimas foi “um menino quem maltratou” e a segunda resposta mais comum foi “meninos e meninas”. Estudos internacionais recentes têm evidenciado uma maior proximidade entre os gêneros (MELIM, 2011, p.225):

Em grande parte dos estudos internacionais o *Bullying* ocorre sobretudo no gênero masculino, quer como agressor ou vítima, mas pesquisas recentes (e.g. Craig & Harel, 2004; Melim & Pereira, 2010; Swearer & Cary, 2007) evidenciam uma maior proximidade entre gêneros, sobretudo no que respeita à vitimização."

No entanto, neste estudo a maior incidência de agressão e a constatação de *Bullying* entre colegas no contexto escolar se deu entre os garotos, tanto da escola

particular como pública, como já mostrado nos resultados da pesquisa. Neste estudo foi identificada uma diferença estatisticamente significativa ao comparar a ocorrência de *Bullying* de natureza psicológica dissimulada (CALHAU, 2011) entre as escolas públicas e particulares. A agressão do tipo “isolamento dos colegas” foi relatada por mais estudantes de escola particular do que por estudantes de escola pública.

Nesta pesquisa, em relação ao sentimento relacionado a sofrer *Bullying*, os estudantes relataram mais frequentemente “ficar triste”, “sentir raiva” e “ficar chateado”, assim como contaram para alguém que estão sofrendo *Bullying*. Ao contarem, o fizeram para algum familiar. Segundo Moura, Cruz e Quevedo (2011), os estudantes que sofrem os abusos do *Bullying* e *Cyberbullying* têm maior probabilidade de retraírem-se e interiorizar seus problemas. As consequências dessas agressões são a curto e longo prazo e trazem prejuízos ao aprendizado e desenvolvimento escolar. A não aceitação em grupos, o sofrimento psíquico e diminuição da autoestima excluem ainda mais a criança vitimizada, podendo apresentar risco de suicídio, depressão, ansiedade e problemas de relacionamento (SALMIVALLI *et al.*, 1996).

5.4 DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DO *BULLIE*

Neste estudo observou-se uma prevalência do sexo masculino no papel de *Bullies*. Os estudantes do sexo masculino praticam duas vezes mais *Bullying* do que as estudantes do sexo feminino, resultado significativo para o fator sexo, corroborando outros estudos que demonstram maior frequência de envolvimento com *Bullying*, como agressores, dos indivíduos do sexo masculino (OLWEUS, 1998; LOPES NETO, 2005).

Nesta pesquisa, dos estudantes que praticam *Bullying* (*Bullie*), a maioria afirma fazer *Bullying* do tipo verbal declarado (apelido, humilhação, xingamento, ameaça, risadas e apontar) e um percentual mais baixo *Bullie* do tipo verbal não declarado. Afirmam praticar mais de um tipo de agressão. Mais da metade dos *Bullies* responderam que praticam as agressões de uma ou duas vezes por mês e num percentual menor uma vez por semana. Os tipos de maus-tratos praticados são os

mesmos que os estudantes que sofrem de *Bullying* relatam. Sendo consistente as respostas entre quem sofre e quem pratica *Bullying*. O mesmo índice acontece para o local da ocorrência de praticar o *Bullying*, na sala de aula, no recreio/pátio e na sala de aula com o professor. Fante (2005) encontrou resultados semelhantes em duas escolas públicas em Presidente Prudente, SP.

Quando questionados sobre o que sentiram ao ocupar a posição de *Bullie* a maioria da amostra desta pesquisa respondeu 'nada', 'raiva' e 'tristeza', sendo que a maioria dos estudantes assinalou mais de um sentimento. Lopes Neto & Saavedra (2003), apontaram que os agressores (*Bullies*) tem grande probabilidade de na vida adulta virem a adotar comportamentos antissociais e violentos. Perren *et al.* (2010) destaca que parece fazer parte do padrão de comportamento de vários *bullies* mesmo antes do envolvimento com o *Bullying*, a presença de transtornos de conduta, hiperatividade, tabagismo e alcoolismo e algum grau de comportamento antissocial. Com a frequência do *Bullying*, seus hábitos tornam-se cada vez mais inadequados e eles não aprendem a interagir ou comunicar-se socialmente, o que contribui para a manutenção do padrão comportamental inapropriado e persistente (PERREN *et al.*, 2010).

Dória (2011), pesquisando adolescentes em conflito com a lei, aponta que os problemas comportamentais precoces, principalmente externalizantes, que levam às dificuldades de socialização, com fracassos escolares, pares delinquentes e disponibilidade de drogas na vizinhança, são fatores que contribuem para que os adolescentes apresentassem problemas com a lei.

Crianças ou adolescentes com Transtorno de Conduta tendem a emitir comportamento agressivo e a manifestar reação agressiva a outras pessoas acreditando que suas respostas e atitudes são razoáveis e justificadas (DSM-5, 2014, p.473). Ainda segundo o DSM-5, a persistência do Transtorno de Conduta após os 18 anos de idade configura o Transtorno de Personalidade Antissocial.

Dória (2011) reforça que comportamentos disruptivos como agressão, impulsividade e violência presentes em crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, Transtorno Opositor Desafiante se relacionam com um maior risco de desenvolver Transtornos Relacionados a Substâncias e Transtornos

Aditivos, o que eleva a persistência dos comportamentos antissociais após os 18 anos de idade.

Ao comparar escola pública com escola particular em relação aos tipos de maus-tratos praticados pelo *Bullie*, esta pesquisa constatou que, na amostra estudada, poucos estudantes de escola pública afirmaram que "dão risadas e apontam para os colegas", porém na escola particular essa resposta foi quase quatro vezes mais frequente, o que foi estatisticamente significativo. Quanto aos demais tipos de maus-tratos analisados, não foi encontrada diferença significativa entre escolas públicas e particulares.

Ao classificarmos comportamento do *Bullie* pelo tipo de agressão praticada segundo Calhau (2011), na amostra estudada, as agressões do tipo "verbal declarado" tiveram distribuição semelhante entre as escolas públicas e particulares. Não foi constatada diferença significativa entre os tipos de escola em relação ao comportamento agressivo do tipo "verbal não declarado" pelo *Bullie*.

5.5 CARACTERÍSTICAS DO CYBERBULLYING

O *Cyberbullying* tem apresentado maior incidência, devido ao aumento da utilização dos meios digitais. Devido à possibilidade de esconder a real identidade do agressor, e por tratar-se de um fenômeno atemporal, pode iniciar hoje e retornar após anos com uma nova postagem em rede social. O *Cyberbullying* acontece a qualquer hora e em qualquer lugar, extrapolando os muros da escola (TROLLEY; HANEL; SHIELDS, 2006; KOWALSKI; LIMBER; AGATSTON, 2008; LI, 2008; SHARIFF, 2008).

Neste estudo a agressão por meio digital *Cyberbulling* aconteceu "há um ano, este ano ou desde o ano passado". A idade de início em sua maioria foi de 5 a 11 anos e de 11 a 14 anos. Os tipos de agressões mais comuns que receberam foi "apelido, fofocas e mentiras, xingamentos" por meios digitais. Entre as tecnologias apontadas sobre como receberam as agressões virtuais foram "através das redes

sociais, pessoas (amigos, colegas e outros), pelo telefone pessoal. A frequência sofrida em sua maioria de "uma a duas vezes por mês".

Em 25 de novembro de 2013 foi anunciado no www.tudocelular.com que, segundo a Microsoft, são lançados mais de 500 aplicativos por dia. Na época em que os dados da pesquisa foram levantados ainda não existia o aplicativo de celular whatsapp.

Constatou-se nesta pesquisa que na escola particular foi observado um percentual maior de estudantes que sofrem de *Cyberbullying* quando comparada à escola pública e essa diferença se apresentou como sendo significativa. Em relação aos maus-tratos por xingamento, há uma tendência a que isso ocorra mais na escola pública do que na particular. Para os demais tipos de maus-tratos, não foi encontrada diferença significativa entre as cinco escolas públicas e particulares de Curitiba pesquisadas.

Nesta pesquisa em estudantes de cinco escolas de Curitiba, os sentimentos de "tristeza, raiva, chateação, revolta, mágoa" foram relacionados às agressões sofridas por *Cyberbullying*. Todavia, em resposta à questão "O que estas agressões acarretam para sua vida social?", quase a metade da amostra deste estudo assinalou "Não prejudica minha vida social". Esta resposta sugere, no entanto, que o estudante possa ignorar os problemas do mundo real, a desmotivação e anedonia do mundo "real", e, a um isolamento pessoal e social, abrindo assim uma vulnerabilidade a outros riscos a sua saúde (MATOS, 2008).

Perren *et al.* (2010), afirmaram que as vítimas do *Cyberbullying*, ainda que distantes de seu agressor, sofrem danos que precisam ser avaliados e, se necessário, tratados. Difamação, invasão da privacidade, exposição são alguns dos problemas que enfrentam. A *cyber*-vitimização emergiu como um fator de risco para sintomas de depressão em adolescentes envolvidos em *Bullying*. Sourander *et al.* (2010), em estudo com 2215 adolescentes com idades de 13 a 16 anos na Finlândia, concluiu que as vítimas de *Cyberbullying* comumente não possuíam a estrutura familiar nuclear tradicional, apresentavam problemas psicossomáticos (dores de cabeça, dores abdominais ou alterações do sono), apresentavam problemas emocionais e de relacionamento e sentiam-se inseguros na escola e não cuidados pelos professores.

5.6 CARACTERÍSTICAS CYBERBULLIES

Os resultados indicaram que, independentemente do sexo e da faixa etária, o fator que está significativamente associado à prática de *Cyberbullying* (*cyberbullie*) na amostra foi o tipo de escola: Entre os estudantes de escola particular observou-se um percentual de estudantes que praticam *Cyberbullying* (*cyberbullie*) maior do que nos estudantes de escola pública: estudantes de escola particular tem 1,9 vezes mais chance de praticar *Cyberbullying* do que estudantes de escola pública. Uma hipótese para explicar tal diferença pode ser a de que os estudantes de escolas particulares apresentam um nível sócioeconômico melhor, o que possibilita mais acesso a meios e tecnologias digitais como celulares, tablets, computadores. Em uma das escolas pesquisadas, 100% dos estudantes responderam ao questionário online em seu próprio *tablet*.

Em resposta à questão "*O que você sente ao agredir alguém através da internet ou celular?*", não se observou diferença entre os sentimentos apontados pelos estudantes das escolas, tendo sido os sentimentos mais citados "*Nada*", "*Tristeza*" e "*Raiva*". Sourander *et al.* (2007; 2010), em estudo com 2215 adolescentes com idades de 13 a 16 anos na Finlândia, constatou que *Cyberbullies* apresentavam transtornos de conduta, hiperatividade, tabagismo e alcoolismo frequentes, além de algum grau de comportamento antissocial. Além disso, o estudo encontrou relação com depressão entre as vítimas de *Cyberbullying*, dado já comprovado em outros estudos (CRAIG, 1998; YBARRA, 2004; YBARRA; MITCHELL, 2004; KLOMEK *et al.*, 2008).

Ao comparar os tipos de escola em relação aos tipos de maus-tratos no *Cyberbullie* foi encontrada diferença significativa quanto à prática de humilhação, ameaça e fofocas pelos meios digitais. Para esses três tipos de maus-tratos, observou-se um percentual maior de estudantes que os praticam na escola particular do que na escola pública. Os estudantes relataram entrar em contato com o ambiente virtual desde muito cedo e terem o hábito de se comunicarem por redes sociais, acessando paginas de amigos e colegas. Paginas com conteúdos ofensivos, geralmente no anonimato, espalham informações sem o mínimo de compromisso com a realidade e

deixam a vítima ainda mais afetada, inclusive concomitantemente com o *Bullying* (COSTA, 2010).

5.7 AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE *BULLYING* E *BULLIE* E ENTRE *CYBERBULLYING* E *CYBERBULLIE*

Segundo Lopes Neto (2005), os estudantes envolvem-se de diversas maneiras no processo de *Bullying*, assumindo diferentes papéis, conforme agem diante da situação, podendo ser vítimas, agressores, vítimas-agressoras ou testemunhas (OLWEUS, 1993; SALMIVALLI, 1998; ALMEIDA, 2000; CRAIG; PEPLER, 2003; LOPES NETO, 2005). Neste estudo, quando da realização do cruzamento entre as variáveis *Bullying* e *Bullie*, foi observada significância estatística, ou seja, quem sofre *Bullying* também o pratica. A associação entre *Cyberbullying* e *Cyberbullie* apresentou resultado semelhante. Os resultados mostram diferença significativa confirmando assim os mesmos resultados dos estudos mundiais (SALMIVALLI, 1998).

Os estudantes que sofrem *Bullying* têm mais chance de sofrer *Cyberbullying* do que estudantes que não sofrem de *Bullying*. Da mesma forma o *Bullie* está significativamente associado ao *Cyberbullie*. No entanto, não há como prever qual papel o estudante adotará, uma vez que este pode ser alterado conforme as circunstâncias e o meio em que ele estiver inserido, podendo o estudante vítima de *Bullying* em uma situação não necessariamente se tornar vítima em outra (BJORKQVIST; OSTERMAN, HJELT-BACK, 1994).

5.8 ASSOCIAÇÃO DE *BULLYING*, *BULLIE*, *CYBERBULLYING*, *CYBERBULLIE* E QUANTIDADE DE BONS AMIGOS

Ao analisar a associação entre a quantidade de bons amigos na escola e a presença de *Bullying*, *Bullie*, *Cyberbullying* e *Cyberbullie*, foi encontrada significância

estatística apenas para a *Bullying*. Observou-se que um número maior de amigos implica em menor ocorrência de *Bullying*. Este resultado mostra que não é um fenômeno de exclusão social como propõe a maioria da literatura mundial; porém novos artigos mostram que sofrer ou praticar *Bullying* não é uma questão de falta de habilidades sociais, mas sim evolucionária (ARSENIO; LEMERISE, 2000; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005; LISBOA; KOLLER, 2004; SALMIVALLI *et al.*, 1996; SUTTON; SMITH; SWETTENHAM, 1999; VAILLANCOURT; HYMEL; McDOUGALL, 2003).

5.9 PREVALÊNCIA DE ESTUDANTES QUE PRESENCIAM MAUS-TRATOS E SUAS REAÇÕES

As testemunhas que, sujeitas a grande pressão, assistem à agressão constante dos seus colegas podem se perguntar quando se converterão nos próximos alvos. Os indivíduos nesta situação apresentam vários sentimentos e, por isso mesmo, decidem muitas vezes não denunciar os casos que presenciam, uma vez que, se o fizerem, temem ficar sujeitos a represálias por parte do agressor. Acontece de as testemunhas estabelecerem relações de empatia e aproximação com os agressores de modo a sentirem-se protegidas por eles, na tentativa de, assim, evitarem ser as próximas vítimas (LI, 2008; LOPES NETO, 2005).

A maioria dos estudantes, ao responderem o questionário, afirmaram já ter presenciado colegas praticando *Bullying* na escola. As atitudes mais frequentes tomadas pelos estudantes ao presenciar o *Bullying* foram: a) pedir ao agressores que parassem, b) sair em defesa da vítima e c) não fazer nada porque foi quem começou.

Os sentimentos mais citados descritos ao presenciar o *Bullying*, ocupando a posição de testemunha, foram: ficar triste, não sentir nada pois fazem com ele também, sentir pena, ficar chateado, ficar com medo de que façam com ele também, sentir raiva. Não obstante, podem sofrer influências rumo ao futuro de uma vida saudável, principalmente aqueles relacionados a auto-estima e do fortalecimento de sua saúde mental (DSM-5).

Na pergunta "por que você acha que alguns colegas maltratam os outros", as respostas mais frequentes foram "se acham melhores do que os outros" e "querem ser populares, por diversão".

As razões para o comportamento violento entre os adolescentes, no entanto, ainda são fonte de debate no campo acadêmico. As correntes teóricas tradicionais da psicologia indicam como responsáveis pelo fenômeno do *Bullying* o ambiente e dificuldades de adaptação ao meio social.

O campo da psicologia evolutiva, por sua vez, oferece uma perspectiva mais ousada: para Volk *et al.* (2012), o *Bullying* tem uma função evolutiva. Segundo estes pesquisadores, características do fenômeno, como sua quase universalidade – sendo identificado em todas as sociedades em que foi estudado – tornam o *Bullying* eletivo para uma análise como elemento constitutivo do processo de evolução mental do adolescente.

Com uma prevalência global de até 600 milhões de adolescentes envolvidos diretamente por ano, o *Bullying* pode ser identificado tanto em sociedades urbanas quanto em sociedades não-industrializadas, como os Yanomami – Volks *et al.* não indicaram, todavia, um estudo sobre o fenômeno entre estes povos; antes parecem ter encontrado evidências da prática em relatos etnográficos (2012, p. 222). Do mesmo modo, os autores apontam que o comportamento violento e opressivo entre os adolescentes, identificado como *Bullying*, também pode ser encontrado em sociedades históricas, como a China medieval.

O caráter pervasivo do *Bullying*, bem como questionamento quanto ao peso da deficiência nas habilidades sociais por parte do *Bullie* – estudos indicam que estes têm consciência das relações e estatutos sociais (p. 223) – estimularam o desenvolvimento da hipótese da adaptação evolutiva do comportamento de *Bullying*.

Volks *et al.* afirmam que, para tal caracterização, é forçoso identificar dois componentes clássicos da adaptação evolutiva no *Bullying*: a) o comportamento deve relacionar-se com a resolução de problemas vinculados ao sucesso reprodutivo afetos ao adolescente; e b) este comportamento deve ser herdado, ou seja, precisa compor a estrutura genética de seus antepassados.

A hipótese da adaptação evolutiva como explicação para o *Bullying*, porém, é ainda um estudo em desenvolvimento. É relevante notar os esforços da pesquisa para apontar causas e possíveis soluções para este grave fenômeno global.

6 CONCLUSÃO

A pesquisa sobre o comportamento de agressão e vitimização na escola pôde ajudar a esclarecer algumas das questões relacionadas com o padrão de comportamento desviante e suas vias de desenvolvimento. Principalmente esclarecer quais fatores podem estar associados à manifestação de comportamentos agressivos na infância e na pré-adolescência (SPRIGGS *et al.*, 2007).

- As prevalências encontradas no grupo estudado foram: *Bullying* 64,0%, *Cyberbullying* 52,1%, *Bullie* 36,2% e *Cyberbullie* 15,3%; Os estudantes da escola particular (16,9%) relataram ser isolados pelos colegas. Ao comparar escola pública com escola particular em relação aos tipos de maus-tratos do *Bullie*, foi encontrada diferença significativa e expressiva em relação à humilhação e xingamentos. Dos estudantes de escola pública que praticam *Bullying* (*Bullie*), 5,3% afirmaram dar risadas e apontar para os colegas. Já os estudantes de escola particular que praticam *Bullying* (*Bullie*), 20,6% relataram esse tipo de agressão. Humilhação foi relatada por 4,0% dos estudantes de Escola Pública contra 14,4% dos estudantes de Escola Particular – uma diferença significativa. Em relação a xingamentos, na Escola Pública este tipo de agressão foi declarado por 36,8% dos estudantes e, na escola particular, 21,7%, com significância estatística.
- Foi possível identificar que 49,7% dos *Bullies* também sofrem *Bullying*; e observou-se que 25,3% dos *Cyberbullies* também sofrem *Cyberbullying*. Assim, encontrou-se uma associação descritiva significativa, de 69,3%, entre sofrer *Bullying* e sofrer *Cyberbullying*. Foi possível identificar as maneiras como esta problemática se manifesta, sendo o *Bullying* tipo verbal declarado o mais utilizado 74,5%, a ocorrência é recente tendo como resposta esta semana, semana passada ou há duas semanas em 51,5% dos casos. A frequência mais comum foi de uma ou duas vezes por mês em 39,0% dos casos. A sala de aula foi o local de ocorrência mais frequente 51,6% e o pátio de recreio com 35,6%. O sentimento

prevalente das vítimas de *Bullying* no grupo estudado foi: "fiquei triste" 39,2% e "com raiva" 38,9%. Com o *Cyberbullying*, os tipos mais comuns de agressão sofrida em meio digital foram: "apelidaram-me" 48,6% e "fazem fofoca" e "espalham mentiras sobre mim" em 36,1% dos casos; a frequência foi de uma a duas vezes por mês em 56,8%. Os sentimentos associados da vítima de *Cyberbullying* foram: "fiquei triste" 36,5%, e "fiquei com raiva" em 31,3%. A maioria 48,6% considerou que as agressões sofridas em meio digital não prejudicam sua vida social.

- Dos *Bullies* estudados, 74% praticam agressão do tipo verbal declarado, com uma frequência de uma ou duas vezes ao mês em 63,7% dos casos. Apelido (45,7%) e xingamento (28,3%) foram os tipos mais comuns observados. O local de ocorrência mais frequente foi a sala de aula 42,8 e recreio 37,0%. O sentimento associado a prática de *Bullying* foi: "nada" em 31,2% dos casos e de raiva em 27,2% dos casos. O *Cyberbullie* menciona maltratar colegas na escola uma ou duas vezes por mês em 65,0%, os tipos de maus-tratos mais frequentes foram os apelidos 54,8% e xingamento 35,6%. Os sentimentos associados ao *Cyberbullie* foram "nada" em 28,8 % e tristeza em 21,9%. A prática de *Cyberbullying* foi significativamente associada aos estudantes de escolas particulares, com 1,9% chance de maior incidência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento da literatura a respeito do tema proposto neste estudo e pelos resultados obtidos das avaliações dos questionários respondidos, é possível destacar a relevância e a gravidade do assunto *Bullying* e *Cyberbullying* na escola. A consistência do questionário aplicado pode ser verificada pela correlação entre os dados de quem pratica e quem sofre o *Bullying/Cyberbullying*.

Muitos alunos relatavam ter medo de entregar o TCLE aos pais e se sentirem pressionados a falar sobre o assunto, além do receio de que os pais pudessem ir até a escola, expondo-os e gerando possibilidades de sofrer mais *Bullying* e/ou *Cyberbullying*. Em se tratando de pesquisas direcionadas à população infanto-adolescente, este receio não é infundado pois, como citado anteriormente, as diversas formas de violência sofridas por crianças e adolescentes são ainda desconhecidas ou subestimadas no mundo todo. Durante a pesquisa foram realizadas palestras de psicoeducação direcionadas aos pais e professores, com participação dos alunos.

Para participar da pesquisa os estudantes deveriam possuir noções básicas de informática, pois o questionário e o TALE eram totalmente respondidos online. Todas as escolas pesquisadas possuíam laboratório de informática e os alunos estavam familiarizados com seu uso. Esta forma de pesquisa, que não desperdiça recursos naturais, desponta como possibilidade de colaborar com a sustentabilidade do planeta.

Algumas limitações foram percebidas durante a aplicação do questionário e avaliações dos alunos. O estudo foi realizado em escolas e, por essa razão, algumas vezes o laboratório de informática não estava livre ou com a internet funcionando. Além de dificuldades técnicas, enfrentamos certa resistência por parte das pedagogas que demonstravam medo e/ou falta de compreensão para liberar as crianças para responderem os questionários, que dispensava apenas 20 minutos do seu tempo – em média. Esta resistência foi percebida, mesmo com a devida autorização dos pais das crianças e da solicitação por parte da escola em participar do estudo.

Em síntese e procurando integrar os resultados obtidos, pode-se concluir que foi possível perceber que o *Bullying* através do insulto verbal (Apelidos, Xingamentos,

Fofocas e Mentiras e Humilhações) são os padrões mais comuns deste fenômeno entre os estudantes participantes da pesquisa, grupo esse majoritariamente constituído por meninas. Contudo, quando o assédio é mais persistente, materializado em ataques físicos e ameaças, os meninos têm mais probabilidades de estarem envolvidos. Porém, a vitimização por *Bullying*, na sua globalidade, tende a decrescer com a idade dos alunos.

A colaboração entre escola e profissionais capacitados a lidar com situações que envolvam *Bullying* e *Cyberbullying* precisa ser estreitada e fortalecida. Assim, pais, alunos, professores e até mesmo sociedade poderão compreender mais os transtornos comportamentais, causas e consequências e também a lidar com a agressividade presente nas ações de *Bullying* e *Cyberbullying*, características e sintomas de alguns transtornos comportamentais disruptivos.

Programas que invistam em prevenção e minimização de violências na escola ou pela internet e mídias contribuem para o desenvolvimento infantil e também com a sociedade. Há necessidade de um investimento maior e fortalecimento de iniciativas.

O *Bullying/cyberbullying* apresentam consequências negativas não apenas no momento em que ocorre na vida da vítima ou do agressor, mas também, potencialmente, para o seu futuro. Possíveis efeitos negativos a longo prazo para os agressores incluem um aumento do risco de se envolver em atividades delinquentes e criminosas. As vítimas de *Bullying/cyberbullying* tornam-se mais vulneráveis a manifestar sintomas de baixa autoestima, depressão, além de outros transtornos mentais e do risco aumentado de suicídio quando em comparação com seus pares não vitimados .

Diante dos resultados obtidos nas escolas pesquisadas, recomenda-se uma reflexão a respeito das sugestões dos estudantes participantes quanto às intervenções necessárias por parte da escola em relação aos agressores: ainda que eles desconheçam a efetividade ou não das medidas expostas, que de fato não limitam, impedem ou, sequer, desencorajam violências dentro ou fora da escola, todos pedem por uma atitude de seus responsáveis e das autoridades. Os estudantes, quando questionados a respeito de quais deveriam ser as ações punitivas por parte da escola, sugeriam punições severas como comunicar aos pais, expulsar da escola

e denunciar ao conselho tutelar e à polícia, o que demonstra uma percepção por parte dos estudantes da gravidade do *Bullying*.

O conhecimento por parte dos profissionais que trabalham com a população infanto-adolescente tanto na educação quanto na área de saúde é vital para que estes sejam protegidos de diagnósticos equivocados, quando muitas vezes apresentam queixas e comportamentos que podem se assemelhar aos encontrados em outras psicopatologias.

Este trabalho se encerra com o pensamento de Albert Einstein: "O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer". Todos têm o dever de agir.

REFERÊNCIAS

- ACRE. **Projeto de Lei n.º 49, de 22 de fevereiro de 2011.** Dispõe sobre o desenvolvimento de política "*antiBullying*" por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos e dá outras providências. Assembleia Legislativa. Disponível em: <<http://legislador.aleam.gov.br/LegislatorWEB/LegislatorWEB.ASP?WCI=ProjetoTexto&ID=201&INEspecie=1&nrProjeto=49&aaProjeto=2011&dsVerbete=Bullying>>. Acesso em: 22 set. 2014.
- ALAGOAS. **Lei n.º 7.269, de 26 de julho de 2011.** Institui o dia 7 de abril como o dia de combate ao *Bullying* nas escolas públicas estaduais de Alagoas. Disponível em: <http://www.gabinetecivil.al.gov.br/legislacao/leis/leis-ordinarias/2011/lei-ordinaria-7.269/at_download/file>. Acesso em: 28 ago. 2014.
- ALMEIDA, A. M. T. **As relações entre pares em idade escolar.** Braga: Bezerra, 2000.
- AMAPÁ. **Lei n.º 1.527, de 29 de dezembro de 2010.** Institui o Programa de Combate ao "*Bullying*" nas escolas públicas e privadas do Estado do Amapá. Assembleia Legislativa. Disponível em: <http://www.al.ap.gov.br/ver_texto_lei.php?iddocumento=27806>. Acesso em: 22 set. 2014.
- AMAZONAS. **Projeto de Lei Ordinária n.º 115/2009, de 06 de julho de 2010.** Instituir Campanha Permanente de Combate ao *Bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas escolas públicas e privadas do Estado do Amazonas. Assembleia Legislativa. Disponível em: <<http://aleam01.aleam.gov.br/ANMateria.asp?id=5650>>. Acesso em: 22 set. 2014.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 5.ed. São Paulo : Artmed, 2014.
- ARSENIO, W.; LEMERISE, E. "Varieties of childhood Bullying. Values, emotion processes and social competence". **Social Development**, v.10, n.1, p.59-73, 2000.

BAHIA. **Projeto de Lei n.º 19.244, de 14 de junho de 2011.** Dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao assédio escolar, "Bullying", no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas de educação básica do Estado da Bahia e dá outras providências. Assembleia Legislativa. Disponível em: <http://www.al.ba.gov.br/docs/proposicoes2011/PL__19_244_2011_1.rtf>. Acesso em: 22 set. 2014.

BELÉM DO PARÁ. **Lei Ordinária n.º 8.807, de 26 de abril de 2011.** Escolas deverão manter o histórico das ocorrências de *Bullying* em suas dependências devidamente atualizado e enviar relatório ao órgão municipal competente. Fica a cargo das escolas a criação de uma equipe multidisciplinar, com a participação de docentes, alunos, pais e voluntários, para a promoção de atividades informativas, de orientação e prevenção. Câmara Municipal de Belém. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/semaj/app/Sistema/view_lei.php?lei=8807&ano=2011&tipo=1>. Acesso em: 22 set. 2014.

BJORKQVIST, K., OSTERMAN, K.; HJELT-BACK, M. "Aggression among university employees". **Aggressive Behaviour**, v.20, n.3, p.173-184, 1994.

BJÖRKQVIST, K.; ÖSTERMAN, K.; KAUKIAINEN, A. "Social intelligence – Empathy = Aggression?". **Aggression and Violent Behavior**, v.5, n.2, p.191-200, 1992.

BLATT, M.; KOLHBERG, L. "The Effects of Classroom Discussion on the Development of Moral Judgement". **Journal of Moral Education**, v.4, n.2, 129-161, 1975.

BOLTON, J. M. "Psychological Factors Associated with Bullying Typologies in a Mental Health Population of Adolescents". **PCOM Psychology Dissertations**. Paper 177, 2011.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n.º 5.369-E/2009.** Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=437390>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

_____. **Decreto-Lei n.º 2.848, de 07 de dezembro de 1940.** Código Penal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm>. Acesso em: 28 ago. 2014.

_____. **Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 28 ago. 2014.

_____. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 28 ago. 2014.

CAHALI, Y. S. **Dano moral.** 3.ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2005.

CALHAU, L. B. **Bullying o que você precisa saber.** Rio de Janeiro: Impetus, 2011.

CAMPBELL, M. A. "Cyberbullying: an old problem in a new guise?" **Australian Journal of Guidance and Counselling**, v.15, n.1, p.68-76, 2005.

CEARÁ. **Lei n.º 14.943, de 22 de junho de 2011.** Institui o serviço Disque Denúncia de combate ao *Bullying* no Estado do Ceará e dá outras providências. Assembleia Legislativa. Disponível em: <<http://www.al.ce.gov.br/legislativo/legislacao5/leis2011/14943.htm>>. Acesso em: 22 set. 2014.

COSTA, I. M. M.; AGUIAR SOARES, S. C. **Cyberbullying: a violência no ambiente virtual.** 2010. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/Vl.encontro.2010/GT.7/GT_07_07_2010.pdf>. Acesso em: 27 maio 2015.

CRAIG, W. M. "The relationship among Bullying, victimization, depression, anxiety, and aggression in elementary school children". **Pers Individ Dif**, v.24 n.1, p.123-130, 1998.

CRAIG, W. M.; PEPLER, D.; BLAIS, J. "Responding to bullying; What Works?" **School Psychol Internacional**, v.28, n.4, p.465-477, 2007.

CRAIG, W.; HAREL, Y. "Bullying, physical fighting, and victimization". In: CURRIE, C. (Ed.). **Young people's health in context:** International report from the HBSC 2001/02 survey. WHO Policy Series: Health policy for children and adolescents issue 4. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe, 2004.

- CRAIG, W.; PEPLER, D. "Identifying and targeting risk for involvement in Bullying and victimization". **Canadian Journal of Psychiatry**, v.48, n.9, p.577-582, 2003.
- CRICK, N. R.; DODGE, K. A. "Social-information-processing mechanisms in reactive and proactive aggression". In: SMITH, P. K.; PELLEGRINI, A. D. (Eds.), **Psychology of education. Major Temas**. London: Routledge Falmer, 2000. p.469-484.
- DAWKINS, J. "Bullying in schools: doctors' responsibilities". **BMJ**, v.310, n.6975, p.274-275, 1995.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- DISTRITO FEDERAL. **Lei n.º 4.837, de 22 de maio de 2012**. Dispõe sobre a instituição da política de conscientização, prevenção e combate ao Bullying nos estabelecimentos da rede pública e privada de ensino do Distrito Federal e dá outras providências. Câmara Legislativa do Distrito Federal. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1-kv-glpF5nQ7GwEXKFEzJCgbX4ZQ4vAaYHe0fSjVfWU/edit>>. Acesso em: 22 set. 2014.
- DÓRIA, G. M. S. **Avaliação dos transtornos psiquiátricos em adolescentes em conflito com a lei**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- DUE, P.; HOLSTEIN, B. "Bullying victimization among 13 to 15 year old school children: Results from two comparative studies in 66 countries and regions". **International Journal of Adolescent Medicine and Health**, v.20, n.2, p.209-221, 2008.
- ESPÍRITO SANTO. **Projeto de Lei n.º 156, de 24 de maio de 2011**. Cria o "Programa de Combate à Agressão Doméstica de Crianças e Adolescentes" no Estado do Espírito Santo. Assembleia Legislativa. Disponível em: <http://www.al.es.gov.br/antigo_portal_ales/images/documento_spl/9441.html>. Acesso em: 22 set. 2014.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FLEMING, L. C.; JACOBSEN, K. H. "Bullying among middle-school students in low and middle income countries". **Health Promotion International**, v.25, n.1, p.73-84, 2010.

G1. **País não tem lei federal específica para o combate ao bullying**. Projeto de lei tramita em comissão de educação do Senado. Alguns estados e municípios aprovaram leis sobre o tema. 31.03.2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/03/pais-nao-tem-lei-federal-especifica-para-o-combate-ao-Bullying.html>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GLEW, G.; FAN, M. Y.; KATON, W.; RIVARA, F. P.; KERNIC, M. A. Bullying, "Psychosocial Adjustment and Academic Performance in Elementary School". **Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine**, v.159, n.11, p.1026-1031, 2005.

GOIÁS. **Lei n.º 17.151, de 16 de setembro de 2010**. Dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao "Bullying" escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas e privadas de Educação Básica do Estado de Goiás, e dá outras providências. Assembleia Legislativa. Disponível em: <http://www.gabinetecivil.go.gov.br/pagina_leis.php?id=9789>. Acesso em: 22 set. 2014.

GRADINGER, P.; STROHMEIER, D.; SPIEL, C. "Traditional bullying and cyberbullying: identification of risk groups for adjustment problems". **Zeitschrift fur Psychologie/Journal of Psychology**, v.217, n.4, p.205-213, 2009.

HAWKER, D. S. J.; BOULTON, M. J. "Twenty years' research on peer victimization and psychosocial maladjustment: A meta-analytic review of cross-sectional studies". **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v.41, n.4, p.441-455, 2000.

- HETZEL-RIGGIN, M. D.; PRITCHARD, J. R. "Predicting problematic internet use in men and women: the contributions of psychological distress, coping style, and body esteem". **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v.14, n.9, p.519-525, 2011.
- KLOMEK, A. B.; SOURANDER, A.; KUMPULAINEN, K.; PIHA, J.; TAMMINEN, T.; MOILANEN, I.; ALMQVIST, F.; GOULD, M. S. "Childhood Bullying as a risk for later depression and suicidal ideation among Finnish males". **Journal of Affective Disorders**, v.109, n.1-2, p.47-55, 2008.
- KOWALSKI, R. M.; LIMBER, S. P.; AGATSTON, P. W. **Cyberbullying: Bullying in the Digital Age**. Malden, MA: Blackwell Publishers/Hoboken, NJ: Wiley, John & Sons, 2008.
- LA TAILLE, Y. **Limites: três dimensões educacionais**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LI, Q. "Cyberbullying in schools: A research of gender differences". **School Psychology International**, v.27, n.2, p.157-170, 2006.
- _____. "New bottle but old wine: a research of Cyberbullying in schools". **Computers in Human Behavior**, v.23, n.4, p.1777-1791, jul. 2007.
- _____. "A cross-cultural comparison of adolescents' experience related to Cyberbullying". **Educational Research**, v.50, n.3, p.223-234, 2008.
- LISBOA, C. S. M.; KOLLER, S. H. "Interações na escola e processos de aprendizagem: fatores de risco e proteção". In: BZUNECK, A.; BORUCHOVITCH, E. (Eds.). **Aprendizagem e escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p.201-224.
- LOPES NETO, A. A. "Bullying: comportamento agressivo entre estudantes". **Jornal de Pediatria**, v.81, Supl. 5, p.S164-S172, 2005.
- LOPES NETO, A. L.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: Abrapia, 2003.

MALTA, D. C.; SILVA, M. A. I.; MELLO, F. C. M.; MONTEIRO, R. A.; SARDINHA, L. M. V.; CRESPO, C.; CARVALHO, M. G. O.; SILVA, M. M. A.; PORTO, D. L. "Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE), 2009". **Ciência & Saúde Coletiva**, v.15, Supl. 2, p.3065-3076, 2010.

MARANHÃO. **Lei n.º 9.297, de 17 de novembro de 2010**. Seminário na Assembleia debate *Bullying* em escolas. Assembleia Legislativa. Disponível em: <http://www.normasbrasil.com.br/norma/lei-9297-2010-ma_130081.html>. Acesso em: 22 set. 2014.

MASON, K. L. "Cyberbullying: a preliminary assessment for school personnel". **Psychology in the Schools**, v.45, n.4, p.323-348, 2008.

MATO GROSSO DO SUL. **Lei n.º 3.887, de 06 de maio de 2010**. Dispõe sobre o Programa de inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao *Bullying* escolar no projeto pedagógico elaborado pelas Instituições de Ensino. Disponível em: <http://www.pc.ms.gov.br/index.php?templat=vis&id_comp=1994&id_reg=4646&site_reg=160&id_comp_orig=1994>. Acesso em: 28 ago. 2014.

MATO GROSSO. **Lei n.º 9.724, de 19 de abril de 2012**. Assembleia Legislativa. Lei contra *Bullying* proposta por Maurício Picarelli é sancionada. Disponível em: <<http://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=240539>>. Acesso em: 22 set. 2014.

MATOS, M. G. "A saúde do adolescente: o que se sabe e quais são os novos desafios". **Análise Psicológica**, v.26, n.2, p.251-263, 2008.

MELIM, F. M. O. **Na escola, tu és feliz? Estudo das manifestações e implicações do bullying escolar**. Tese (Doutorado) – Estudos da Criança, Especialidade de Educação Física, Lazer e Recreação, Instituto de Educação, Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), Universidade do Minho, Portugal, 2011.

MELLOR, A. **Bullying in Scottish Secondary Schools**. Edinburg: Spotlights 23, 1990

MINAS GERAIS. **Projeto de Lei n.º 1.205, de 20 de setembro de 2011.** Dispõe sobre o desenvolvimento de política "antiBullying" por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos. Assembleia Legislativa. Disponível em: <<http://ws.mp.mg.gov.br/biblio/informa/230916354.htm>>. Acesso em: 22 set. 2014.

MOURA, D. R. de; CRUZ, A. C.; QUEVEDO, L. A. "Prevalence and characteristics of school age Bullying victims". **Jornal de Pediatria**, v.87, n.1, p.19-23, 2011.

MYRON-WILSON, P.; SMITH, P. K. "Attachment relationship and influence on Bullying". **Proceedings of the British Psychological Society**, v.6, n.2, p.89-90, 1998.

NOGUEIRA, S. D. **Crimes de informática.** 2.ed. Leme: BH, 2009.

OLWEUS, D. **Aggression in the schools: bullies and whipping boys.** London: John Wiley & Sons, 1978.

_____. **Bullying at school: what we know and what we can do.** Malden, MA; Oxford: Blackwell, 1993.

_____. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares.** Madrid: Morata, 1998.

PARÁ. **Projeto de Lei n.º 780, de 2011.** Disponível em: <<http://www.alepa.pa.gov.br/novoPortal/lerNoticia.php?idN=5561>>. Acesso em: 22 set. 2014.

PARAÍBA. **Lei n.º 9.858, de 13 de julho de 2012.** Dispõe sobre penalidades às escolas públicas e privadas do Estado da Paraíba quando verificada a prática do Bullying, e dá outras providências. Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba. Disponível em: <<http://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=243379>>. Acesso em: 22 set. 2014.

PARANÁ. **Lei n.º 17.335, de 10 de outubro de 2012.** Institui o Programa de Combate ao Bullying, de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas Escolas Públicas e Privadas do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=77838&indice=1&totalRegistros=1>>. Acesso em: 22 set. 2014.

PELLEGRINI, A. D.; BARTINI, M.; BROOKS, F. "School Bullies, victims, and aggressive victims: factors relating to group affiliation and victimization in early adolescence". **Journal of Educational Psychology**, v.91, n.2, p.216-224, 1999.

PERNAMBUCO. **Lei n.º 13.995, de 22 de dezembro de 2009**. Dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao Bullying escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas e privadas de educação básica do Estado de Pernambuco, e dá outras providências. Assembleia Legislativa. Disponível em: <<http://legis.alepe.pe.gov.br/arquivoTexto.aspx?tiponorma=1&numero=13995&complemento=0&ano=2009&tipo=>>>. Acesso em: 22 set. 2014.

PERREN, S.; DOOLEY, J.; SHAW, T.; CROSS, D. "Bullying in school and cyberspace: Associations with depressive symptoms in Swiss and Australian adolescents". **Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health**, v.4, p.28, 2010.

PIAGET, J. [1932]. **O juízo moral na criança**. 3.ed. São Paulo: Summus, 1994.

_____. **Seis estudos de psicologia**. 24.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

PIAUÍ. **Lei n.º 6076, de 31 de maio 2011**. Dispõe sobre o enfrentamento da prática de Bullying por instituições de ensino fundamental e médio, públicas ou privadas, no Estado do Piauí. Assembleia Legislativa. Disponível em: <http://www.normasbrasil.com.br/norma/lei-6076-2011-pi_151744.html>. Acesso em: 22 set. 2014.

RASKAUSKAS, J.; STOLTZ, A. D. "Involvement in traditional and electronic Bullying among adolescents". **Developmental Psychology**, v.43, n.3, p.564-575, 2007.

RIGBY, K. "Addressing bullying in schools: theoretical perspectives and their implications". **School Psychology International**, v.25, n.3, p.287-300, 2004.

RIO DE JANEIRO. **Lei n.º 6.084, de 22 de novembro de 2011.** Institui o programa de prevenção e conscientização do assédio moral e violência no âmbito do Estado do Rio de Janeiro. Assembleia Legislativa. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/f25edae7e64db53b032564fe005262ef/9f6a44aadc4d3cb4832579510063b100?OpenDocument>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

RIO GRANDE DO NORTE. **Veto ao Projeto de Lei n.º 139/10. 07 de fevereiro de 2011.** Disponível em: <<http://goo.gl/Dn5uiX>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei n.º 13.474, de 28 de junho de 2010.** Dispõe sobre o combate da prática de "Bullying" por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos. Assembleia Legislativa. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=54438&hTexto=&Hid_IDNorma=54438>. Acesso em: 22 set. 2014.

RONDÔNIA. **Lei n.º 2.590, de 28 de outubro de 2011.** Dispõe sobre a criação do dia de combate ao Bullying no âmbito do estado de Rondônia. Assembleia Legislativa. Disponível em: <http://sapl.al.ro.leg.br/sapl_documentos/norma_juridica/5509_texto_integral>. Acesso em: 22 set. 2014.

RORAIMA. **Projeto s/nº de 2011.** Criação do Programa Estadual de Combate ao Bullying nas escolas públicas e privadas de Roraima. Disponível em: <<http://www.bvnews.com.br/politica2206.html>>. Acesso em: 22 set. 2014.

SALGADO, G. M. "O bullying como prática de desrespeito social: Um estudo sobre a dificuldade lidar com o bullying escolar no contexto do Direito". **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v.79, 2010.

SALMIVALLI, C. "Not only bullies and victims - Participation in harassment in school classes: Some social and personality factors". Turun yliopiston julkaisu. In: **Annales Universitatis Turkuensis**. Turku: Turun Yliopisto, 1998. p.135-137.

_____. "Bullying and the peer group: a review". **Aggression and Violent Behavior**, v.15, n.2, p.112-120, 2010.

SALMIVALLI, C.; LAGERSPETZ, K.; BJÖRKQVIST, K.; ÖSTERMAN, K.; KAUKIAINEN, A. "Bullying as group process: participant roles and their relations to social status within the group". **Aggressive Behaviour**, v.22, n.1, p.1-15, 1996.

SALVO, G. C.; MAZZAROTTO, I. H. K.; LÖHR, S. S. "Promoção de habilidades sociais em pré-escolares". **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.15, n.1, p.54-64, 2005.

SANTA CATARINA. **Lei n.º 14.651, de 12 de janeiro de 2009**. Fica o Poder Executivo autorizado a instituir o Programa de Combate ao Bullying, de ação interdisciplinar e de participação comunitária nas escolas públicas e privadas do Estado de Santa Catarina. Assembleia Legislativa. Disponível em: <http://www.alesc.sc.gov.br/escola_legislativo/downloads/cartilhaBullying.pdf>. Acesso em: 25 out. 2011.

SÃO PAULO. **Projeto de Lei n.º 299, de 04 de abril de 2012**. Dispõe sobre criar Centros de Apoio para atender as crianças e adolescentes vítimas de Bullying, com profissionais especializados, atuando em forma de rede em todos os municípios do Estado, no âmbito da Secretaria de Educação. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/spl/2012/05/Propositura/26122543_1079568_PL299.doc>. Acesso em: 28 ago. 2014.

SÃO PAULO. [Município]. **Lei n.º 14.957, de 16 de julho de 2009**. Dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao "Bullying" escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas de educação básica do Município de São Paulo, e dá outras providências. Disponível em: <<http://goo.gl/JMW22M>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

SCHROEDER, B. A.; MESSINA, A.; SCHROEDER, D.; GOOD, K.; BARTO, S.; SAYLOR, J.; MASIELLO, M. "The Implementation of a Statewide Bullying Prevention Program: Preliminary Findings From the Field and the Importance of Coalitions". **Health Promotion Practice**, v.13, n.4, p.489-495, 2012.

SERGIPE. **Lei nº 7.055, de 16 de dezembro de 2010**. Dispõe sobre o combate da prática de "Bullying" por instituições de ensino e de educação, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos e dá providências correlatas. Assembleia Legislativa. Disponível em: <http://www.al.se.gov.br/Detalhe_Lei.asp?Numerolei=7605>. Acesso em: 22 set. 2014.

- SHARIFF, S. **Cyber-bullying: Issues and solutions for the school, the Classroom and the home**. New York, Routledge, 2008.
- SLONJE, R.; SMITH, P. K. "Cyberbullying: Another main type of Bullying?" **Scandinavian Journal of Psychology**, v.49, n.2, p.47-154, 2008.
- SMITH, P. "Bullying in primary and secondary schools: psychological and organizational comparisons". In: JIMERSON, S.; SWEARER, S.; ESPELAGE, D. (Eds.). **Handbook of bullying in schools: an international perspective**. New York: Routledge, 2010. p.137-150.
- SMITH, P. K.; COWIE, H.; OLAFSSON, R. F.; LIEFOOGHE, A. P.; ALMEIDA, A.; ARAKI, H.; DEL BARRIO, C.; COSTABILE, A.; DEKLEVA, B.; HOUNDOUMADI, A.; KIM, K.; OLAFSSON, R. P.; ORTEGA, R.; PAIN, J.; PATERAKI, L.; SCHAFER, M.; SINGER, M.; SMORTI, A.; TODA, Y.; TOMASSON, H.; WENXIN, Z. "Definitions of Bullying: A comparison of terms used, and age and gender differences in a fourteen-country international comparison". **Child Development**, v.73, n.4, p.1119-1133, 2002.
- SMITH, P. K.; MAHDAVI, J.; CARVALHO, M.; FISHER, S.; RUSSELL, S.; TIPPETT, N. "Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils". **Journal of Child Psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines**, v.49, n.4, p.376-385, 2008.
- SMITH, P. K.; MAHDAVI, J.; CARVALHO, M.; TIPETT, N. **An investigation into cyberbullying, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in cyberbullying**. London, England: Department for Education and Skills, 2006.
- SOURANDER, A.; BRUNSTEIN KLOMEK, A.; IKONEN, M.; LINDROOS, J.; LUNTAMO, T.; KOSKELAINEN, M.; RISTKARI, T.; HELENIUS, H. "Psychosocial risk factors associated with cyberbullying among adolescents: a population-based study". **Archives of General Psychiatry**, v. 67, n. 7, p. 720-728, jul. 2010.
- SOURANDER, A.; JENSEN, P.; RÖNNING, J. A.; NIEMELÄ, S.; HELENIUS, H.; SILLANMÄKI, L.; KUMPULAINEN, K.; PIHA, J.; TAMMINEN, T.; MOILANEN, I.; ALMQVIST, F. "What is the early adulthood outcome of boys who bully or are bullied in childhood? The Finnish "From a Boy to a Man" study". **Pediatrics**, v.120, n.2, p.397-404, 2007.

- SPRIGGS, A.; IANNOTTI, R. J.; NANSEL, T. R.; HAYNIE, D. L. "Adolescent bullying involvement and perceived family, peer and school relations: commonalities and differences across race/ethnicity". **The Journal of Adolescent Health**, v.41, n.3, p.283-293, 2007.
- STEPHAN, F.; ALMEIDA, A. A.; SALGADO, F. S.; SENRA, L. X.; LOURENÇO, L. M. "Bullying e aspectos psicossociais: estudo bibliométrico". **Temas em Psicologia**, v.21, n.1, p.245-258, 2013.
- SUTTON, J.; SMITH, P. K.; SWETTENHAM, J. "Bullying and theory of mind: A critique of the "social skills deficit" view of anti-social behavior". **Social Development**, v.8, n.1, p.117-127, 1999.
- TOCANTINS. **Projeto de Lei n.º 120, de 30 de maio de 2011**. Dispõe sobre a inclusão no calendário escolar a instituição da semana estadual de combate ao "Bullying" nas escolas públicas de educação básica do Estado do Tocantins. Disponível em: <http://sapl.al.to.gov.br/sapl/sapl_documentos/materia/25996_texto_integral>. Acesso em: 28 ago 2014.
- TROLLEY, B.; HANEL, C.; SHIELDS, L. **Demystifying and deescalating cyber Bullying in the schools: a resource guide for counselors, educators, and parents**. Bangor, ME: Booklocker.com, 2006.
- TUDISCO, R. F. **O fenômeno bullying na perspectiva do poder público estadual**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.
- VAILLANCOURT, T.; HYMEL, S.; McDOUGALL, P. "Bullying is power: Implications for school-based interventions strategies". **Journal of Applied School Psychology**, v.19, n.2, p.157-176, 2003.
- VALLE, N. do C. Pelos caminhos da educação: bullying, cyberbullying e dependências. Rio de Janeiro: Novo Ser, 2011.
- VARELA, L. G. (Org.). **Cyberbullying: o despertar para uma nova violência**. In: Mostra Científica e Tecnológica do Instituto Federal Catarinense. Araquari, MCT, 2009.

VARELA, L. G.; MÁXIMO, M. E. **Uma reflexão teórico-metodológica a partir de uma experiência de pesquisa sobre o cyberbullying**. Trabalho apresentado no XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (IntercomSul) realizado entre 31 de maio e 2 de junho de 2012, na UnoChapecó (Chapecó/SC).

VENOSA, S. de S. **Direito civil: responsabilidade civil**. 9.ed. São Paulo: Atlas, 2009. v.4.

VILLÉN, J. C. **Cyberbullying: prevalencia y características de un nuevo tipo de Bullying**. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicología, Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad de Córdoba, Córdoba, 2011.

VOLK, A. A.; CAMILLERI, J. A.; DANE, A. V.; MARINI, Z. A. "Is adolescent bullying an evolutionary adaptation?" **Aggressive Behavior**, v.38, n.3, p.222-238, 2012.

WILLIAMS, I. C. A.; STELKO-PEREIRA, A. C. "Por fora bela viola: pesquisa e intervenção sobre cyberbullying". In: ABREU, C. N. (Org.). **Vivendo esse mundo digital**. Porto Alegre: Artmed, 2013. p.49-59.

WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da educação**. 7.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

YBARRA, M. L. "Linkages between depressive symptomatology and Internet harassment among young regular Internet users". **Cyberpsychology & Behavior**, v.7, n.2, p.247-257, 2004.

YBARRA, M. L.; MITCHELL, K. J. "Online aggressor/targets, aggressors, and targets: a comparison of associated youth characteristics". **Journal of Child Psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines**, v.45, n.7, p.1308-1316, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

PESQUISA

"CYBERBULLYING E BULLYING: O IMPACTO SOBRE O ASSÉDIO POR MEIO DA INTERNET E OUTROS MEIOS NO ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO AO UNIVERSITÁRIO."

1. INVESTIGADOR:

Rita de Cássia Spréa Uhle

Função: Psicóloga – CRP 08/08901.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
1.º SEMESTRE – ANO 2010 – CURSO DE MESTRADO EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. – HC – UFPR.

LOCAL DA PESQUISA:

CENEP-CENTRO DE NEUROPEDIATRIA DO HOSPITAL DE CLINICAS – Rua Floriano
Essenfelder, 81 – Alto da Glória

Fone: 3362-5351 ou 3262-0808

Seu filho está sendo convidado a participar de uma pesquisa, coordenada por um profissional de saúde, agora denominado pesquisador. Para poder participar, é necessário que você leia este documento com atenção. Ele pode conter palavras que você não entenda. Por favor em caso de dúvidas ligue para a pesquisadora (41 9103 9571) e peça para explicar qualquer palavra ou procedimento que você não entenda claramente.

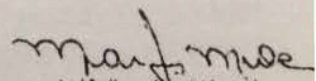
O propósito deste documento é dar a você as informações sobre a pesquisa e, se assinado, dará a sua permissão de participação de seu filho no estudo.

2. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa será realizada com alunos de ensino fundamental, médio e universitários para verificar a existência de *bullying* e *cyberbullying* (atitude agressiva, intencional, movido por um grupo ou indivíduo, utilizando ou não meios eletrônicos de comunicação, repetidamente e ao longo do tempo contra uma vítima que não pode facilmente se defender) nas escolas.

3. PROPÓSITO DO ESTUDO

Este estudo pretende determinar o impacto da incidência de casos de *Bullying* e *Cyberbullying* entre alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e Universitário de instituições de ensino privadas e públicas, em Curitiba, Paraná, visando compreender a forma como esta situação se manifesta, quais os meios utilizados e motivações.


MARIA DE CÁSSIA SPRÉA UHLE
Psicóloga - CRP 08/08901
Rua Floriano Essenfelder, 81 - Alto da Glória
Curitiba - PR

Rua Floriano Essenfelder 81 CEP: 80060-270-Fone (41)264-9101/360-1800 Ramal 6598-Fax (41)362-9385 Curitiba – PR
e-mail: cenepinho@yahoo.com.br

4. PROCEDIMENTOS QUE SERÃO UTILIZADOS

Questionário a ser respondido pelo seu filho na internet com mediação (ajuda) da pesquisadora. Para responder seu filho levará no máximo 20 minutos.

BENEFÍCIOS QUE PODERÃO SER OBTIDOS: Determinar a incidência de casos de bullying e cyberbullying entre alunos do Ensino fundamental, Médio e superior. Avaliar quais os meios mais utilizados nesta prática. Avaliar as consequências para a vida social da vítima de bullying e cyberbullying, bem como suas implicações emocionais.

Após o término da análise dos resultados e as escolas serão convidadas a participarem de treinamento/oficinas sobre como prevenir e tratar o bullying e cyberbullying, no CENEP (CENTRO DE NEUROPEDIATRIA - Rua Floriano Essensefelder, 81 - Alto da Glória).

5. PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

Sua decisão em participar deste estudo é voluntária. Você pode decidir não participar do estudo. Uma vez que você decidiu deixar seu filho participar do estudo, você pode retirar seu consentimento e participação a qualquer momento. Se você decidir não continuar no estudo e retirar sua participação, seu filho não perderá qualquer benefício ao qual tem direito.

6. CUSTOS

Não haverá nenhum custo a você relacionado aos procedimentos previstos, no estudo.

7. PAGAMENTO PELA PARTICIPAÇÃO

A participação e de seu filho é voluntária, portanto nem você e nem seu filho não receberão nenhum pagamento pela participação neste estudo.

8. PERMISSÃO PARA REVISÃO DE REGISTROS, CONFIDENCIALIDADE E ACESSO AOS REGISTROS

O Pesquisador responsável pelo estudo e equipe irá coletar informações sobre o seu filho. Em todos esses registros um código substituirá o nome do seu aluno. Todos os dados coletados serão mantidos de forma confidencial. Os dados coletados serão usados para avaliação do estudo, membros das Autoridades de Saúde ou do Comitê de Ética, podem revisar os dados fornecidos. Os dados também podem ser usados em publicações científicas sobre o assunto pesquisado. Porém a identidade do seu filho e a sua não será revelada em qualquer circunstância. Você pode discutir esta questão mais adiante com o pesquisador do estudo.

9. CONTATO PARA PERGUNTAS

Se você tem alguma dúvida com relação ao estudo, direitos do paciente, ou no caso de danos relacionados ao estudo, você deve contatar a Pesquisadora (Rita Uhle (41) 3103-9571) do estudo ou sua equipe (CENEP - CENTRO DE NEUROPEDIATRIA- FONE: 3362-5351 ou 3262-0808). Se você tiver dúvidas sobre os direitos como um paciente de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone: 3360-1898. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimentos científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

PESQUISA

"CYBERBULLYING E BULLYING: O IMPACTO SOBRE O ASSÉDIO POR MEIO DA INTERNET E OUTROS MEIOS NO ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO AO UNIVERSITÁRIO."

1. INVESTIGADOR:

Rita de Cássia Spréa Uhle

Função: Psicóloga – CRP 08/08901.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
1.º SEMESTRE – ANO 2010 – CURSO DE MESTRADO EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. – HC – UFPR.

LOCAL DA PESQUISA:

CENEP-CENTRO DE NEUROPEDIATRIA DO HOSPITAL DE CLINICAS – Rua Floriano
Essenfelder, 81 – Alto da Glória

Fone: 3362-5351 ou 3262-0808

Seu filho está sendo convidado a participar de uma pesquisa, coordenada por um profissional de saúde, agora denominado pesquisador. Para poder participar, é necessário que você leia este documento com atenção. Ele pode conter palavras que você não entenda. Por favor em caso de dúvidas ligue para a pesquisadora (41 9103 9571) e peça para explicar qualquer palavra ou procedimento que você não entenda claramente.

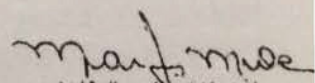
O propósito deste documento é dar a você as informações sobre a pesquisa e, se assinado, dará a sua permissão de participação de seu filho no estudo.

2. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa será realizada com alunos de ensino fundamental, médio e universitários para verificar a existência de *bullying* e *cyberbullying* (atitude agressiva, intencional, movido por um grupo ou indivíduo, utilizando ou não meios eletrônicos de comunicação, repetidamente e ao longo do tempo contra uma vítima que não pode facilmente se defender) nas escolas.

3. PROPÓSITO DO ESTUDO

Este estudo pretende determinar o impacto da incidência de casos de *Bullying* e *Cyberbullying* entre alunos do 8º ao 9º ano do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e Universitário de instituições de ensino privadas e públicas, em Curitiba, Paraná, visando compreender a forma como esta situação se manifesta, quais os meios utilizados e motivações.


MARIA DE CÁSSIA SPRÉA UHLE
Psicóloga - CRP 08/08901
Rua Floriano Essenfelder, 81 - Alto da Glória
Curitiba - PR

Rua Floriano Essenfelder 81 CEP: 80060-270 - Fone (41) 264-9101/360-1800 Ramal 6598 - Fax (41) 362-9385 Curitiba - PR
e-mail: cenepinho@yahoo.com.br

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO *BULLYING* CENEP

QUESTIONÁRIO *BULLYING* CENEP

*Obrigatório

Nome:

E-mail: *

Data (DD/MM/AAAA): *

Sexo: *

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Outro...

Idade: *

Data de Nascimento (DD/MM/AAAA): *

1. Você já sofreu algum tipo de agressão, perseguição ou ameaça na escola? *

☐ Sim

☐ Não

2. Você já foi maltratado ou te fizeram mal na escola? *

☐ Sim

☐ Não

3. Quantos amigos você tem na escola? *

☐ Apenas um bom amigo.

☐ Dois ou três bons amigos.

☐ Quatro ou cinco bons amigos.

☐ Mais de seis bons amigos.

☐ Não tenho nenhum bom amigo.

☐ Outro:

4. Você já foi maltratado por seus colegas de escola? *

☐ Sim, esta semana.

☐ Sim, semana passada.

☐ Sim, há duas semanas.

☐ Sim, no mês passado.

☐ Sim, nos últimos 6 meses.

☐ Sim, há um ano ou mais.

☐ Sim, desde o ano passado meus colegas de escola me maltratam.

☐ Sim, meus colegas de escola começaram a me maltratar este ano.

☐ Sim, já fui maltratado por colegas de escola, porém não sou mais.

☐ Não, nunca fui maltratado por colegas de escola.

5. Quais são os tipos de maus-tratos que você recebe? *

☐ Me apelidam.

☐ Me humilham.

☐ Me xingam.

☐ Me dão socos pontapés, empurrões.

☐ Me ameaçam.

☐ Fazem fofocas e espalham mentiras sobre mim.

☐ Me isolam, não me deixam fazer parte do grupo.

☐ Ficam de mal e não me deixam participar do grupo.

☐ Dão risadas e apontam para mim.

☐ Escondem, estragam ou tomam minhas coisas.

☐ Nunca fui maltratado na escola.

☐ Outro:

6. Com que frequência você é maltratado na escola? *

- ☐ Uma ou duas vezes por mês.
- ☐ Uma vez por semana.
- ☐ Várias vezes por semana.
- ☐ Todos os dias.
- ☐ Nunca fui maltratado na escola.
- ☐ Outro:

7. Onde costumam te maltratar com mais frequência? *

- ☐ Na sala de aula, com o professor.
- ☐ Na sala de aula, sem professor.
- ☐ No pátio de recreio.
- ☐ No banheiro.
- ☐ No corredor.
- ☐ No portão da escola.
- ☐ No transporte escolar.
- ☐ No celular.
- ☐ Na internet.
- ☐ Na ida ou volta da escola.
- ☐ Nunca fui maltratado na escola.
- ☐ Outro:

8. Como você se sente/sentiu quando foi maltratado pelos colegas? *

- ☐ Fiquei triste.
- ☐ Fiquei com medo.
- ☐ Fiquei chateado.
- ☐ Fiquei assustado.
- ☐ Fiquei revoltado.
- ☐ Fiquei com raiva.
- ☐ Fiquei magoado.
- ☐ Me senti indefeso.
- ☐ Achei engraçado.
- ☐ Nada, são brincadeiras.
- ☐ Não me incomodou.
- ☐ Nunca fui maltratado na escola.
- ☐ Outro:

9. Você contou para alguém sobre os maus-tratos recebidos? *

- ☐ Sim, para alguém da família.
- ☐ Sim, para algum(a) professor(a).
- ☐ Sim, para alguém da escola. Quem
- ☐ Sim, para algum colega da escola.
- ☐ Sim, para algum fora da escola.
- ☐ Não, nunca contei para ninguém.
- ☐ Outro:

10. Que idade você tinha quando você começou a sofrer esses maus-tratos? *

- ☐ Menos de 5 anos.
- ☐ De 5 a 11 anos.
- ☐ De 11 a 14 anos.
- ☐ De 15 a 18 anos.
- ☐ Mais de 18 anos.
- ☐ Nunca recebi maus tratos

11. Você já maltratou algum colega na escola? *

- ☐ Sim, desde o ano passado.
- ☐ Sim, comecei a maltratar este ano.
- ☐ Sim, já maltratei, porém, não maltrato mais.
- ☐ Sim, maltrato porque já fui maltratado.
- ☐ Não, nunca maltratei nenhum colega da escola.
- ☐ Se sim marque o próximo item "Outro", e informe quantos colegas você já maltratou?
- ☐ Outro:

12. Quais são os tipos de maus-tratos que você pratica? *

- ☐ Coloco apelidos.
- ☐ Xingo.
- ☐ Humilho.
- ☐ Dou socos, pontapés e empurrões.
- ☐ Ameaço.
- ☐ Faço fofocas e espalho mentiras.
- ☐ Isolo os colegas, não os deixo fazer parte do grupo.
- ☐ Fico de mal com os colegas e não os deixo participar do grupo.

- ☐ Dou risadas e aponto para eles.
- ☐ Escondo, estrago ou tomo as coisas.
- ☐ Nunca maltratei colegas de escola.
- ☐ Outro:

13. Com que frequência você maltrata seus colegas de escola? *

- ☐ Uma ou duas vezes por mês.
- ☐ Uma vez por semana.
- ☐ Várias vezes por semana.
- ☐ Todos os dias.
- ☐ Nunca maltratei colegas na escola.

14. Onde você costuma maltratar seus colegas de escola com mais frequência? *

- ☐ Na sala de aula, com o professor.
- ☐ Na sala de aula, sem professor.
- ☐ No pátio de recreio.
- ☐ No corredor.
- ☐ No portão da escola.
- ☐ No transporte escolar.
- ☐ Na ida ou volta da escola.
- ☐ No celular.
- ☐ Na internet.
- ☐ Nunca maltratei colegas na escola.

15. O que você sente ao maltratar colegas de escola? *

- ☐ Sinto satisfação.
- ☐ Sinto raiva de mim mesmo.
- ☐ Sinto tristeza.
- ☐ Sinto alívio.
- ☐ Sinto alegria.
- ☐ Sinto prazer.
- ☐ Sentimento de superioridade.
- ☐ Não sinto nada.
- ☐ Nunca maltratei colegas na escola.
- ☐ Outro:

16. Você já presenciou algum colega(s) maltratando outro(s)? *

- ☐ Sim, apenas uma vez.
- ☐ Sim, várias vezes.
- ☐ Não, nunca presenciei colega(s) maltratando outro.

17. O que você fez ao presenciar um colega maltratando outro? *

- ☐ Sai em defesa da vítima.
- ☐ Dei risada.
- ☐ Ajudei os agressores.
- ☐ Pedi aos agressores que parassem.
- ☐ Não fiz nada, eu que comecei.
- ☐ contei para um adulto na escola.
- ☐ contei para os colegas.
- ☐ Fingi não ter visto nada.
- ☐ Não presenciei maus-tratos.
- ☐ Outro:

18. O que você sentiu ao presenciar o *Bullying*? *

- ☐ Fiquei triste.
- ☐ Fiquei com medo de acontecer comigo.
- ☐ Fiquei chateado.
- ☐ Fiquei assustado.
- ☐ Fiquei com pena.
- ☐ Fiquei com raiva.
- ☐ Fiquei revoltado.
- ☐ Achei engraçado.
- ☐ Nada, fazem isso comigo também.
- ☐ Nada, são brincadeiras.
- ☐ Não me incomodou.
- ☐ Não presenciei maus-tratos.
- ☐ Outro:

19. Por que você acha que alguns colegas maltratam outros? *

- ☐ Porque querem ser populares.
- ☐ Porque são maltratados também.
- ☐ Porque são maus.
- ☐ Por diversão.
- ☐ Porque são fortes.
- ☐ Porque se acham melhores do que os outros.
- ☐ Porque não são punidos.
- ☐ Porque os adultos ignoram os maus-tratos.
- ☐ Porque as vítimas merecem.
- ☐ Outro:

20. Quem te maltratou? *

- ☐ Um menino
- ☐ Uma menina
- ☐ Vários meninos
- ☐ Várias meninas
- ☐ Meninos e meninas
- ☐ Outro:

21. Você faz uso da internet? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

22. Qual é seu tempo diário de uso do computador? *

- ☐ 1 a 2h
- ☐ 3 a 5h
- ☐ 6 a 8h
- ☐ 9h ou mais
- ☐ Não uso Computador

23. Qual tecnologia você costuma usar com frequência? *
(Poderá ser marcada mais de uma opção)

- ☐ E-mails
- ☐ Telefonemas
- ☐ Mensagens de celular
- ☐ Redes Sociais (Orkut, Twitter, Facebook)
- ☐ Mensagens Instantâneas (MSN)

☐ Blogs

☐ Simuladores virtuais (jogos)

24. Você divulga fotografias e/ou arquivos de vídeo na internet? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

25. Você divulga dados pessoais? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

26. Você acha que corre algum risco ao divulgar seus dados pessoais? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

27. Você já sofreu algum tipo de agressão, perseguição, ameaça, foi humilhado ou constrangido por alguma característica física ou de comportamento através da internet ou celular? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

28. Quando você sofreu estas agressões através da Internet ou celular? *

- ☐ Esta semana.
- ☐ Semana passada.
- ☐ Há duas semanas.
- ☐ No mês passado.
- ☐ Nos últimos 6 meses.
- ☐ Há um ano ou mais.
- ☐ Desde o ano passado sou agredido na Internet.
- ☐ As agressões começaram este ano.
- ☐ Já fui agredido, porém não sou mais.
- ☐ Nunca fui agredido.

29. Que idade você tinha quando começou a sofrer essas agressões? *

- ☐ Menos de 5 anos.
- ☐ De 5 a 11 anos.
- ☐ De 11 a 14 anos.
- ☐ De 15 a 18 anos
- ☐ Mais de 18 anos.

30. Quais são os tipos de agressão que você recebe? *

- ☐ Me apelidam.
- ☐ Me humilham
- ☐ Me xingam.
- ☐ Me ameaçam.
- ☐ Fazem fofocas e espalham mentiras sobre mim.
- ☐ Outro:

31. Como você ficou sabendo destas agressões? *

- ☐ Enviaram para o meu e-mail.
- ☐ Colocaram em um site da Internet.
- ☐ Através de redes sociais (MSN, Orkut, Twitter, Facebook).
- ☐ Enviaram para o meu celular.
- ☐ Outro:

32. Com que frequência você recebe estas agressões? *

- ☐ Uma ou duas vezes por mês.
- ☐ Uma vez por semana.
- ☐ Várias vezes por semana.
- ☐ Todos os dias.
- ☐ Nunca fui agredido na Internet.
- ☐ Outro:

33. Como você se sente/sentiu quando recebeu a agressão? *

- ☐ Fiquei triste.
- ☐ Fiquei com medo.
- ☐ Fiquei chateado.
- ☐ Fiquei assustado.
- ☐ Fiquei revoltado.
- ☐ Fiquei com raiva.
- ☐ Fiquei magoado.
- ☐ Me senti indefeso.
- ☐ Achei engraçado.
- ☐ Nada, são brincadeiras.

- ☐ Não me incomodou.

☐ Nunca fui agredido através da internet.

☐ Outro:

34. O que estas agressões acarretam para sua vida social? *

- ☐ Meus colegas me isolam, não me deixam fazer parte do grupo.
- ☐ Meus colegas ficam de mal e não me deixam participar do grupo.
- ☐ Dão risadas e apontam para mim
- ☐ Escondem, estragam ou tomam minhas coisas.
- ☐ Não prejudica minha vida social.
- ☐ Outro:

35. Você já agrediu alguém através da Internet, computador ou celular? *

- ☐ Sim, desde o ano passado.
- ☐ Sim, comecei este ano.
- ☐ Sim, já agredi, porém, não agrido mais.
- ☐ Sim, agrido porque já fui agredido.
- ☐ Não, nunca agredi ninguém pela Internet.
- ☐ Se sim, quantos pessoas você já agrediu através da Internet? _____

36. Com que frequência você agride pessoas ou seus colegas pela Internet ou pelo celular? *

- ☐ Uma ou duas vezes por mês.
- ☐ Uma vez por semana.
- ☐ Várias vezes por semana.
- ☐ Todos os dias.
- ☐ Nunca maltratei colegas na escola.

37. Se você respondeu sim a pergunta anterior, quais são os tipos de maus-tratos que você pratica? *

- ☐ Coloco apelidos.
- ☐ Xingo.
- ☐ Humilha.
- ☐ Ameaço.
- ☐ Faço fofocas e espalho mentiras.
- ☐ Outro:

38. O que você sente ao agredir alguém através da internet ou celular? *

- ☐ Sinto satisfação.
- ☐ Sinto raiva de mim mesmo.
- ☐ Sinto tristeza.
- ☐ Sinto alívio.
- ☐ Sinto alegria.
- ☐ Sinto prazer.
- ☐ Sentimento de superioridade.
- ☐ Não sinto nada.
- ☐ Nunca maltratei colegas na escola.
- ☐ Outro:

39. O que você acha que deveria ser feito para que estas agressões pela Internet e na escola acabassem? *

A rectangular text input field with a light gray border. It contains no text. On the right side, there are three small, vertically stacked square buttons with upward, middle, and downward arrows. On the bottom left, there are two small square buttons with left and right arrows.

40. O que você acha que a escola deveria fazer para que estas agressões pela Internet e na escola acabassem? *

A rectangular text input field with a light gray border. It contains no text. On the right side, there are three small, vertically stacked square buttons with upward, middle, and downward arrows. On the bottom left, there are two small square buttons with left and right arrows.

ANEXOS

ANEXO A

MAPEAMENTO DOS PROJETOS DE LEI E LEIS ESTADUAIS SOBRE *BULLYING*

- Acre – Projeto de Lei n.º 49, de 22.02.2011;
- Alagoas – Lei n.º 7.269, de 26.07.2011;
- Amapá – Lei n.º 1.527, de 29.12.2010;
- Amazonas – Projeto de Lei n.º 115/2009, de 06.07.2010;
- Bahia – Projeto de Lei n.º 19.244, de 14.06.2011;
- Ceará – Lei n.º 14.943, de 22.06.2011;
- Distrito Federal – Lei n.º 4.837, de 22.05.2011;
- Espírito Santo – Projeto de Lei n.º 156, de 24.05.2011;
- Goiás – Lei n.º 17.151, de 16.09.2010;
- Maranhão – Lei n.º 9.297, de 17.11.2010;
- Mato Grosso – Lei n.º 9.724, de 19.04.2012;
- Mato Grosso do Sul – Lei n.º 3.887, de 06.05.2010;
- Minas Gerais – Projeto de Lei n.º 1.205, de 20.09.2011;
- Pará – Projeto de Lei n.º 780, de 2011;
- Paraíba – Lei n.º 9.858, de 13.07.2012;
- Paraná – Lei n.º 17.335, de 10.10.2012;
- Pernambuco – Lei n.º 13.995, de 22.12.2009;
- Piauí – Lei n.º 6.076, de 31.05.2011;
- Rio de Janeiro – Lei n.º 6.084, de 22.11.2011;
- Rio Grande do Norte – Projeto de Lei n.º 139/10, vetado pela Governadora em 07.11.2011;
- Rondônia – Lei n.º 2.590, de 28.10.2011;
- Roraima – Projeto s/n.º, de 2011;
- Santa Catarina – Lei n.º 14.651, de 12.01.2009;
- São Paulo – Projeto de Lei n.º 299, de 04.04.2012;
- Sergipe – Lei n.º 7.055, de 16.12.2010;
- Tocantins – Projeto de Lei n.º 120, de 30.05.2011.

ANEXO B

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS
DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

2ª VIA

Curitiba, 11 de abril de 2011.

Ilmo (a) Sr. (a)
Rita de Cássia Spréa Uhle
Neste

Prezada Pesquisadora:

Comunicamos que o Projeto de Pesquisa intitulado “CYBERBULLYNG E BULLYING: O IMPACTO SOBRE O ASSÉDIO POR MEIO DA INTERNET E OUTROS MEIOS NO ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO AO UNIVERSITÁRIO”, foi analisado COM PENDÊNCIA pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, em reunião realizada no dia 30 de novembro de 2010. Após, analisada as respostas das pendências encaminhadas pela pesquisadora, este CEP/HC considera o projeto aprovado em 11 de abril de 2011. O referido projeto atende aos aspectos das Resoluções CNS 196/96, e demais, sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Ministério da Saúde.

CAAE: 0329.0.208.000-10
Registro CEP: 2366.260/2010-11

Conforme a Resolução 196/96, solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos.

Data para entrega do primeiro relatório: 11 de outubro de 2011.

Atenciosamente,

Renato Tambara Filho
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa
em Seres Humanos do Hospital de Clínicas/UFPR

PRODUÇÃO ACADÊMICA

***Cyberbullying*: entre crianças e adolescentes no ensino fundamental e médio em cinco escolas de Curitiba-PR**

Título abreviado: *Cyberbullying*: prevalência do assédio pela internet

Rita de C. S. Uhle^a, Sérgio A. Antoniuk^b, Suzane Löhr^c

^a Psicóloga, Mestranda do programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Departamento de Pediatria, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná. E-mail: ritasprea@gmail.com

^b Professor Adjunto da disciplina de Neuropediatria do Departamento de Pediatria da Universidade Federal do Paraná. E-mail: antoniuk@uol.com.br

^c Doutora em psicologia clínica. Professora associada do departamento de Teorias e Fundamentos da educação da Universidade Federal do Paraná. E-mail: lohr@superig.com.br

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Os autores possuem currículo cadastrado na plataforma Lattes do CNPq.

Autora: Rita de C. S. Uhle, coautor: Sérgio A. Antoniuk, coautora: Suzane Löhr.

Autor responsável pelos contatos pré-publicação: Rita de C. S. Uhle

Correspondência: Rita de Cassia Sprea Uhle – Rua Hildebrando Cordeiro, 147, 2º andar. Campina Siqueira – CEP 22011-002 – Curitiba, PR –
Tel.: (41) 3019 9571/91039571 – E-mail: ritasprea@gmail.com

Contagem total das palavras do texto [excluindo resumo, agradecimentos, referências bibliográficas, tabelas e legendas das figuras]: 2.517.

Contagem total das palavras do resumo: 257

Número de tabelas e figuras: 03

Resumo

Objetivo: Verificar a prevalência de *Cyberbullying*; verificar correlação com tipo de escola; identificar se as vítimas de *Bullying* sofrem também *Cyberbullying*. Identificar características do *Cyberbullying* e *Cyberbullie* e sentimentos associados.

Método: Trata-se de um estudo observacional, analítico, transversal, retrospectivo, com coleta de dados para avaliação da prevalência *Cyberbullying* em âmbito escolar em alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio em cinco escolas. Foi elaborado e aplicado questionário on-line com 38 questões fechadas, cujos dados foram exportados para o Programa *Statistica* v.8.0 (*Statsoft*®). Para avaliar a associação entre as variáveis foram usados o teste exato de Fisher e o teste de Qui-quadrado. Para análise multivariada foram ajustados modelos de Regressão Logística e usado o teste de Wald.

Resultados: 478 estudantes de cinco escolas, 210 (43,9%) de escola pública e 268 (56,1%) de escolas particulares. A prevalência de *Cyberbullying* foi 52,1%, e *Cyberbullye* 15,3%. Verificou-se aumento da possibilidade de sofrer *Cyberbullying* em vítimas de *Bullying* ($p < 0,001$; OR: 8,2; IC95%: 5,3 – 12,7). O *Bullie* foi associado a *Cyberbullie* ($p < 0,001$; OR: 10,8; IC95%: 5,8 – 20,0). Foi identificada maior prevalência do *Cyberbullying* em escolas particulares: (OR: 1,9 IC 95%: 1,1 - 3,2). O sentimento da vítima de *cyberbullying* foi tristeza em 91(36,5%). O sentimento do agressor (*Cyberbullie*) mais frequente foi de indiferença, representado pela expressão, "*Nada*" (28,8%).

Conclusões: A prevalência de *Cyberbullying* foi semelhante à da literatura internacional e maior em escolas particulares. As vítimas de *Bullying* apresentam maior possibilidade de sofrer *Cyberbullying*. O *Cyberbullying* gera nas vítimas sentimentos de tristeza, raiva e medo; nos agressores, indiferença.

Palavras-chave: *Cyberbullying*; vítimas; escola; agressões.

Introdução

O *Cyberbullying*^{1,2} pode ser definido como um ato agressivo, intencional, movido por um grupo ou por um indivíduo, utilizando meios eletrônicos de comunicação, repetidamente e ao longo do tempo contra uma vítima que não pode facilmente se defender. O termo *Cyberbullying*, assim como o *Bullying*, carece de uma tradução formal em português. É uma palavra composta, sendo o termo: *Cyber* relativo ao uso de novas tecnologias de comunicação (NTC) acrescido ao termo: "*Bullying*", indicando que se trata de um *Bullying* cibernético. Para um dos pioneiros no estudo¹, *Bullying* é uma ação de violência sistemática, desigual e recorrente no âmbito escolar na qual se identifica um agressor ou grupo deles que tem a intenção de causar dano a alguém (vítima), que se encontra, normalmente, com pouco ou nenhum recurso de revidar. O *Cyberbullying* é considerado como o *Bullying* que ocorre por meio das tecnologias digitais, veiculadas por telefones celulares (*smartphones*), *tablets*, computadores e equipamentos digitais em redes sociais, das quais as mais comuns são o *Whatsapp*®, *Facebook*®, *Twitter*® e *YouTube*®. Igualmente são utilizados vídeo, vídeo-mensagem, foto, *vlog*, *blog*, grupos de discussão fechado, aberto, aplicativos de comunicação digital os 'APPS' (*app* é uma abreviação para *application*, do inglês, que significa aplicativo, programa, *software*).³

O *Cyberbullying* é uma forma de intimidação com pontos em comum com o *Bullying*, porém muito mais abrangente, uma vez que a internet (meio em que as agressões são realizadas) pode ser acessada por inúmeras pessoas, gerando uma maior audiência para esses acontecimentos.³ As vítimas de *Cyberbullying* – em sua maioria adolescentes e crianças — tendem a sofrer as agressões do *Bullying*, de forma equivalente à decorrente dos métodos mais tradicionais⁴. As consequências do *Cyberbullying* são muito semelhantes ao *Bullying* tradicional^{5,6}. E ambos apresentam danos físicos e psicológicos.^{3,7,8}

No *Cyberbullying* cria-se a imagem de terror que se quer transmitir, personalizando e personificando uma figura aterradora para a vítima, diferente do real agressor.^{8,9}

As vítimas do *Cyberbullying*, ainda que distantes de seu agressor, sofrem danos que precisam ser avaliados, e se necessário, tratados. Difamação, invasão da privacidade, exposição são alguns dos problemas que enfrentam.^{9,10} A *cyber*-vitimização emergiu como um fator de risco para sintomas de depressão em adolescentes envolvidos em *bullying*.³ Para o autor há uma sobreposição conceitual e prática entre os dois tipos de *Bullying* tanto que a maioria dos jovens que sofre de *Cyberbullying* tende a ser intimidado por *Bullying*.^{3,8,10}

O protagonista de *Cyberbullying* se protege muitas vezes pelo anonimato viabilizado pelos recursos das tecnologias, tornando esta forma de violência um grande atrativo. Não há limitação quanto à faixa etária, ou formação sociocultural para que alguém aja como "*cyberbullie*"¹¹. Por não presenciarem a reação da vítima, os *cyberbullies* demonstram redução da culpa.^{12,13}

O *Cyberbullying* tem recebido mais adeptos em curto espaço de tempo – tal qual a rapidez do avanço da tecnologia —, devido à possibilidade de esconder a real identidade do agressor.^{11,14} E, também, por tratar-se de um fenômeno atemporal, pode iniciar hoje e retornar após anos com uma nova postagem em rede social. O *Cyberbullying* acontece a qualquer hora e em qualquer lugar, extrapolando os muros da escola.^{9,14,15,16}

Os estudantes que sofrem os abusos do *Bullying* e *Cyberbullying* têm maior probabilidade de retraírem-se e interiorizar seus problemas.¹⁸ As consequências para a maioria das vítimas de *Cyberbullying* são semelhantes ao *Bullying* tradicional.^{3,11,7} As vítimas geralmente desenvolvem algum grau de rebaixamento de sua autoestima, impacto acadêmico, podendo ocorrer grande influência sobre o processo de desenvolvimento da identidade e personalidade que estão em curso na adolescência.¹⁰ O sentimento de insegurança pode ser ainda maior do que no *Bullying* tradicional, pois enquanto o primeiro fica circunscrito ao espaço escolar, o *Cyberbullying* não tem limites territoriais, estando a vítima acessível 24 horas por dia, em qualquer local, mesmo em sua residência.¹⁰

Além da vítima e do agressor, há outro protagonista nestes incidentes violentos, os espectadores. Essa postura conivente com as situações de intimidação, seja por medo de se tornar um alvo dos ataques, por não saber como ajudar, reforça a violência no espaço cibernético. A reação desses espectadores pode tanto

contribuir para a solução de problemas assim como também na direção oposta, fazer com que se mantenham ou intensifiquem.¹⁹

Os estudantes caracterizados como espectadores no *Cyberbullying* acabam se envolvendo de forma ativa ou passiva no episódio, podendo agir como: incentivadores desses atos violentos, ao repassarem imagens, mensagens que receberam e com palavras de incentivo e risadas na violência contra a vítima; podem ser indiferentes sem repassar as mensagens e os conteúdos recebidos; defensores da vítima, tomando partido da vítima, oferecendo seu suporte e conforto.²⁷

Método

Trata-se de um estudo observacional, analítico, transversal, retrospectivo, com coleta de dados para avaliação da prevalência de *Cyberbullying* em âmbito escolar em alunos do 6.º ao 9.º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio, em cinco escolas de Curitiba, Paraná.

A classificação da pesquisa foi determinada a partir dos seus objetivos gerais, caracterizando uma pesquisa exploratória e explicativa.

O estudante respondia o questionário de avaliação, com 40 questões referentes ao seu conhecimento e/ou envolvimento com *Bullying* e/ou *Cyberbullying*. O questionário era respondido pelos adolescentes, de forma individual e sigilosa, no computador da sala de informática disponibilizada pela escola participante, seguindo um programa delineado especialmente para o estudo que preservava em sigilo os dados do respondente. O questionário foi dividido em seis grandes categorias: dados de identificação, *Bullying*, *Bullie*, *Cyberbullying*, *Cyberbullie* e sugestões.

Os dados da planilha eletrônica foram conferidos e exportados para o Programa *Statistica v.8.0 (Statsoft®)*. A idade dos participantes foi descrita por média e desvio padrão. Variáveis qualitativas foram descritas por frequências e percentuais. Para as estimativas das prevalências *Cyberbullying* e *Cyberbullie* foram apresentados intervalos de confiança de 95%. Para avaliar a associação, *Cyberbullying* e *Cyberbullie* e os fatores sexo, faixa etária e tipo de escola (pública ou particular),

foram ajustados modelos de Regressão Logística e considerado o teste de Wald para os testes estatísticos. Após o ajuste do modelo foram estimados os valores de *odds ratio* (OR) com respectivos intervalos de confiança de 95%. Para avaliar a associação entre variáveis qualitativas foi usado o teste exato de Fisher ou o teste de Qui-quadrado de Pearson. Valores de $p < 0,05$ indicaram significância estatística.

Participaram 478 estudantes da 6.º ao 9.º ano do ensino fundamental e médio de dois tipos de escola: 210 (43,9%) de escola pública, 268 (56,1%) de escola particular. A faixa etária foi de 8 a 19 anos, com média de idade $12,7 \pm 1,9$ anos. Quanto ao sexo, 222 estudantes eram do sexo masculino (47,0%); 250, feminino (53,0%).

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná.

Resultados

O uso da internet foi constatado em (443) 92,7% dos estudantes, com um tempo diário de uso de 1 a 2 horas em (176) 39,7% e 6 a 8 h em (102) 23,0%. As redes sociais foram apontadas como tecnologia usada por (301) 63,0% dos estudantes e os e-mails por (211) 44,1%. Afirmaram divulgar de fotografias e ou arquivos de vídeos na internet 51,6% dos alunos e 77,1% responderam não divulgar dados pessoais, enquanto que 67,9% acham que correm algum risco ao divulgar dados pessoais.

A prevalência de sofrer *Cyberbullying* encontrada foi de (249) 52,1% e de ser *Cyberbullie* (73) 15,3%. Os resultados indicaram que existe associação significativa entre *Bullying* e *Cyberbullying*. Estudantes que sofrem *Bullying* tem mais chance de sofrer *Cyberbullying* do que estudantes que não sofrem de *Bullying* ($p < 0,001$; OR: 8,2; IC95%: 5,3 – 12,7). Da mesma forma, *Bullie* está significativamente associado *Cyberbullie* ($p < 0,001$; OR: 10,8; IC95%: 5,8 – 20,0).

Não foi identificada diferença significativa entre o gênero do agressor, porém o tipo de escola apresentou significativa estatística quanto à prática de *Cyberbullying*

(Tabela 1). Entre os estudantes de escola particular observou-se que o percentual de participantes que praticam *Cyberbullying* é maior do que o percentual para participantes de escola pública. A partir do ajuste do modelo multivariado, o valor estimado da *Odds ratio* foi de 1,9 com intervalo de confiança de 95% dado por: 1,1 a 3,2. Com isso, é possível afirmar que, independente do sexo e da faixa etária, estudantes de escola particular tem 1,9 vezes mais chance de praticar *Cyberbullying* do que estudantes de escola pública. Não foi encontrada associação significativa de sexo e de faixa etária com a prática de *Cyberbullying*, porém os estudantes de escola particular apresentaram prevalência 1,9 vezes maior de praticar *Cyberbullying* do que estudantes de escola pública ($p=0,021$) (Tabela 2).

A faixa etária mais frequente do início das agressões foi de até 11 anos, $n=79$ (56,0%); seguida de 12 a 14 anos, $n=128$ (51,6%). Os tipos de agressão mais comum sofrida por meio digital foram: "me apelidaram" 48,6% e "fazem fofoca e espalham mentiras sobre mim" em 36,1% dos casos. A frequência "de uma a duas vezes por mês" foi relatada por 56,8% da população. Ficaram sabendo "através das redes sociais" 34,9% e "através de pessoas" 26,1%. O sentimento associado ao sofrer *Cyberbullying* foi: "fiquei triste" em 36,5%, e "fiquei com raiva" em 31,3%. A maioria (48,6%) afirmou que as agressões sofridas em meio digital não prejudicam sua vida social (Tabela 3).

Ao comparar as escolas pública e particular em relação aos tipos de maus-tratos no *Cyberbullie* foi encontrada diferença significativa quanto à prática de humilhação. Na Escola Pública esta prática foi relatada por 4,4% dos estudantes, enquanto que na Escola Particular o percentual foi de 30,0% ($p=0,01$). Para os demais tipos de maus-tratos, não foi encontrada diferença significativa entre os dois tipos de escolas (Tabela 2).

A frequência de maus-tratos pelo *Cyberbullie* foi de "uma ou duas vezes por mês" em 65%, seguida de várias vezes por semana. Os tipos de maus-tratos mais frequentes foram os apelidos (54,8%) e o xingamento (35,6%). Como resposta à pergunta "O que você sente ao agredir alguém através da internet ou celular?" a principal resposta observada foi "Nada" em 20,5% dos casos (Tabela 4).

Discussão

Este estudo identificou um percentual de 15,3% de *Cyberbullies* em estudantes em cinco escolas em Curitiba. Um estudo realizado em Londres identificou que 11% da população estudada admitiu já ter praticado *Cyberbullying* no último ano.¹¹ Outro estudo realizado nos EUA, apontou 21% de *Cyberbullies*.⁸ Em estudo realizado no Brasil, Santa Catarina, com 60 alunos do Ensino Médio identificou que 16% da população do estudo afirmou já ter praticado *Cyberbullying*.²⁰

Neste estudo o fator que está significativamente associado à prática de *Cyberbullying* (*cyberbullie*) na amostra foi o tipo de escola. Entre os estudantes de escola particular observou-se um percentual de estudantes que praticam *Cyberbullying* (*cyberbullie*) maior do que nos estudantes de escola pública. Independente do sexo e da faixa etária, estudantes de escola particular tem 1,9 vezes mais chance de praticar *Cyberbullying* do que estudantes de escola pública. Em relação aos maus-tratos por xingamento, há uma tendência a que isso ocorra mais na escola pública do que na particular. No entanto, Cléo Fante (2005) em pesquisas concluiu que engloba violência tanto em sala de aula como nas redes sociais independente do turno escolar, localização, do tamanho da escola ou se ela é pública ou particular.

Muitas das *cyber-vítimas* nesta pesquisa, também eram vítimas de *Bullying* tradicional, e muitos dos "*Cyberbullies*" eram também "*Bullies*" tradicionais, como relatado no estudo de Smith et al., em Londres.²

Os tipos de agressões mais comuns que as vítimas de *Cyberbullying* receberam foi "apelidar, fazer fofoca e espalhar mentiras," por meios digitais. Entre as tecnologias utilizadas pelos *Cyberbullies* destacam-se as redes sociais, como já descrito na literatura.³

Nesta pesquisa com estudantes de cinco escolas de Curitiba, os sentimentos de "tristeza, raiva, chateação, revolta, mágoa" foram relacionados às agressões sofridas por *Cyberbullying*. Entretanto em resposta à questão, "O que estas agressões acarretam para sua vida social?", quase a metade da amostra deste estudo assinalou "Não prejudica minha vida social". Esta resposta sugere, no entanto, que o estudante possa ignorar os problemas do mundo real, apresentar

desmotivação e anedonia do mundo "real", tendendo a um isolamento pessoal e social, abrindo assim uma vulnerabilidade a outros riscos à sua saúde.²¹

Perren et al., afirmaram que as vítimas do *Cyberbullying*, ainda que distantes de seu agressor, sofrem danos que precisam ser avaliados e, se necessário, tratados. Difamação, invasão da privacidade, exposição são alguns dos problemas que enfrentam.³ A *cyber*-vitimização emergiu como um fator de risco para sintomas de depressão em adolescentes envolvidos em *Bullying*. Estudo com 2215 adolescentes com idades de 13 a 16 anos na Finlândia, concluiu que as vítimas de *Cyberbullying* comumente não possuíam a estrutura familiar nuclear tradicional, apresentavam problemas psicossomáticos (dores de cabeça, dores abdominais ou alterações do sono), apresentavam problemas emocionais e de relacionamento e sentiam-se inseguros na escola e não cuidados pelos professores.⁷

Em resposta à questão, "*O que você sente ao agredir alguém através da internet ou celular?*", não se observou diferença entre os sentimentos apontados pelos estudantes das escolas, tendo sido os sentimentos mais citados "*Nada, Tristeza e, Raiva.*"

Ao comparar os tipos de escola em relação aos tipos de maus-tratos no *Cyberbullie* foi encontrada diferença significativa quanto à prática de humilhação, ameaça e fofocas pelos meios digitais. Para esses três tipos de maus-tratos, observou-se um percentual maior de estudantes que os praticam na escola particular do que na escola pública. Os estudantes relataram entrar em contato com o ambiente virtual desde muito cedo e terem o hábito de se comunicarem por redes sociais, acessando paginas de amigos e colegas. Paginas com conteúdos ofensivos, geralmente no anonimato, espalham informações sem o mínimo de compromisso com a realidade e deixam a vitima ainda mais afetada, inclusive concomitantemente com o *Bullying*.²⁵

Neste estudo, quando da realização do cruzamento entre as variáveis *Bullying* e *Bullie*, foi observada significância estatística, ou seja, quem sofre *Bullying* também o pratica. A associação entre *Cyberbullying* e *Cyberbullie* apresentou resultado semelhante, confirmando assim os mesmos resultados dos estudos mundiais.⁹

Os estudantes que sofrem *Bullying* tem mais chance de sofrer *Cyberbullying* do que estudantes que não sofrem de *Bullying*. Da mesma forma o *Bullie* está significativamente associado ao *Cyberbullie*. No entanto, não há como prever qual

papel o estudante adotará, uma vez que este pode ser alterado conforme as circunstâncias e o meio em que ele estiver inserido, podendo o estudante vítima de *Bullying* em uma situação não necessariamente se tornar vítima em outra.²⁶

A colaboração entre escola e profissionais da educação e saúde capacitados a lidarem com situações que envolvam *Cyberbullying* precisa ser estreitada e fortalecida. Assim, pais, alunos, professores, profissionais da saúde e até mesmo a sociedade poderão compreender mais os transtornos comportamentais, causas e consequências para melhor lidar com a agressividade presente nas ações de *Cyberbullying*.

Programas que invistam em prevenção e minimização de violências pela internet e mídias podem agir como fatores de proteção no desenvolvimento infantil, sugerindo-se que haja um investimento maior e fortalecimento de iniciativas desta natureza.

Referências

- 1 Olweus D. Bullying at school: What we know and what we can do. Malden, MA; Oxford: Blackwell; 1993.
- 2 Olweus, D. Annotation: bullying at school: basic facts & effects of a school-based intervention program. J. Child Psychol. Psychiatry, n.35, p.1171-1190, 1994.
- 3 Smith PK, Mahdavi J, Carvalho M, Fisher S, Russell S, Tippett N. Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. J Child Psychol Psychiatry. 2008;49(4):376-85.
- 4 Perren S, Dooley J, Shaw T, Cross D. Bullying in school and cyberspace: Associations with depressive symptoms in Swiss and Australian adolescents. Child Adolesc Psychiatry Ment Health. 2010;4(28).
- 5 Fleming LC, Jacobsen KH. Bullying among middle-school students in low and middle income countries. Health Promot Int. 2010;25(1):73-84.
- 6 Grading P, Strohmeier D, Spiel C. Traditional bullying and cyberbullying: identification of risk groups for adjustment problems. Z Psychol. 2009;217(4):205-13.
- 7 Mason KL. Cyberbullying: a preliminary assessment for school personnel. Psychol Sch. 2008;45(4):323-48.
- 8 Sourander A, Brunstein-Klomek A, Helenius H, Ikonen M, Lindroos J, Luntamo T, et al. Psychosocial risk factors associated with cyberbullying among adolescents: a population-based study. Arch Gen Psychiatry. 2010;67(7):720-8.
- 9 Raskauskas J, Stoltz AD. Involvement in traditional and electronic Bullying among adolescents. Dev Psychol. 2007 May;43(3):564-75.
- 10 Shariff S. Cyber-Bullying: Issues and solutions for the school, the Classroom and the home. New York, Routledge; 2008.

- 11 Ortega R, Elipe P, Mora-Merchán JA, Genta ML, Brighi A, Guarini A, Smith PK, Thompson F, Tippet N. The emotional impact of bullying and cyberbullying on victims: a European cross-national study. *Aggress Behav*. 2012 Sep-Oct;38(5):342-56.
- 12 Smith PK, Mahdavi J, Carvalho M, Tippet N. An investigation into Cyberbullying, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in Cyberbullying. London, England: Department for Education and Skills; 2006.
- 13 Li Q. New bottle but old wine: a research of cyberbullying in schools. *Comput Human Behav*. 2007;23(4):1777-91.
- 14 Hetzel-Riggin MD, Pritchard JR. Predicting problematic internet use in men and women: the contributions of psychological distress, coping style, and body esteem. *Cyberpsychol Behav Soc Netw*. 2011;14(9):519-25.
- 15 Li Q. A cross-cultural comparison of adolescents' experience related to Cyberbullying. *Educ Res*. 2008;50(3):223-34.
- 16 Kowalski RM, Limber SP, Agatston PW. Cyberbullying: bullying in the digital age. Malden, MA: Blackwell Publishers/Hoboken, NJ: Wiley, John & Sons; 2008.
- 17 Trolley B, Hanel C, Shields L. Demystifying and deescalating cyber Bullying in the schools: A resource guide for counselors, educators, and parents. Bangor, ME: Booklocker.com; 2006.
- 18 Moura DR, Cruz AC, Quevedo LA. Prevalence and characteristics of school age Bullying victims. *J Pediatr (Rio J)*. 2011;87(1):19-23.
- 19 Bolton JM. Psychological Factors Associated with Bullying Typologies in a Mental Health Population of Adolescents. PCOM Psychology Dissertations. 2011. Paper 177.
- 20 Li Q. Cyberbullying in schools: a research of gender differences. *Sch Psychol Int*. 2006;27(2):157-70.
- 21 Varela LG org. Cyberbullying: o despertar para uma nova violência. In: Mostra Científica e Tecnológica do Instituto Federal Catarinense. Araquari, MCT; 2009.

- 22 Matos MG. A saúde do adolescente: o que se sabe e quais são os novos desafios. *Aná Psicológica*. 2008;26(2):251-63, 2008.
- 23 Ybarra ML. Linkages between depressive symptomatology and Internet harassment among young regular Internet users. *Cyberpsychol Behav*. 2004;7(2):247-57.
- 24 Craig W, Harel Y. Bullying, physical fighting, and victimization. In Currie C ed. *Young people's health in context: International report from the HBSC 2001/02 survey*. WHO Policy Series: Health policy for children and adolescents issue 4. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe; 2004.
- 25 Ybarra ML, Mitchell KJ. Online aggressor/targets, aggressors, and targets: a comparison of associated youth characteristics. *J Child Psychol Psychiatry*. 2004;45(7):1308-16.
- 26 Costa IMM, Aguiar Soares SC [Internet]. Cyberbullying: a violência no ambiente virtual. [cited 27 maio 2015]. Available from: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.7/GT_07_07_2010.pdf
- 27 Bjorkqvist K, Osterman K, Hjelt-Back M. Aggression among university employees. *Aggress Behav*. 1994;20(3):173-84.
- 28 Salmivalli C. Bullying and the peer group: A review. *Aggress Violent Behav*. 2010;15:112-20.
- 29 Seixas, S. R. (2005). Violência escolar: metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 23(2), 97-110.
- 30 Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2009). *Bullying beyond the schoolyard: Preventing and responding to Cyberbullying*. Thousand Oaks, CA: Corwin Press.
- 31 Slonje, R., & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying? *Scandinavian Journal of Psychology*, 49(2), 147-154. doi:10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x

TABELAS

Tabela 1. Avaliação da associação dos fatores sexo, faixa etária e tipo de escola com *Cyberbullying* e *Cyberbullie* – análises univariada e multivariada, em Curitiba - 2011-2012

Fator/ Classificação	Cyberbullying (%)				Cyberbullie (%)			
	Não	Sim	p ¹	p ²	Não	Sim	p ¹	p ²
Sexo*								
Feminino	50,0	50,0			87,2	12,8		
Masculino	46,8	53,2	0,49	0,65	83,3	16,7	0,24	0,22
Faixa etária								
Até 11 (ref)	44,0	56,0			85,8	14,2		
12 a 14	48,4	51,6	0,40	0,47	83,9	16,1	0,61	0,50
15 ou mais	52,8	47,2	0,19	0,20	85,4	14,6	0,93	0,89
Tipo de escola								
Pública	47,1	52,9			89,0	11,0		
Particular	48,5	51,5	0,77	0,77	81,3	18,7	0,02	0,03

n=478; p¹: Teste exato de Fisher ou teste de Qui-quadrado, p<0,05; p²: Modelo de Regressão Logística e teste de Wald, p<0,05.

* 6 dados perdidos.

Tabela 2. Comparação da escola pública com a escola particular em relação aos tipos de maus-tratos no *Cyberbullying* e no *Cyberbullie*, em Curitiba - 2011-2012

Tipos de maus-tratos	Geral (%)		Escola pública (%)		Escola particular (%)	
	<i>Cyberbullying</i> n=249	<i>Cyberbullie</i> n=73	<i>Cyberbullying</i> n=111	<i>Cyberbullie</i> n=23	<i>Cyberbullying</i> n=138	<i>Cyberbullying</i> n=50
Apelidar	48,6	54,8	49,6	56,5	47,8	54,0
Humilhar	24,1	21,9	*14,4	4,4 ^b	*31,9	**30,0
Xingar	31,3	35,6	36,0	52,2 ^c	27,5	***28,0
Ameaçar	18,1	15,1	17,1	8,7	18,8	18,0
Fazer fofocas e espalhar mentiras	36,1	15,1	31,5	4,4	39,9	20,0

Análise restrita a estudantes que declararam sofrer *Bullying* ou *Bullie*.

* p<0,01.

** p=0,01.

*** p=0,07 (Teste exato de Fisher, p<0,05).

Tabela 3. Frequência e percentual de estudantes de acordo com as características do *Cyberbullying* (vítima): sentimentos e implicações na vida social do estudante, em Curitiba - 2011-2012

Característica/Classificação	n	%
Frequência em que recebe as agressões*		
Diário	8	6,1
Semanal	38	28,8
Mensal	75	56,8
Episódio único	11	8,3
Sentimento quando recebe a agressão**		
Tristeza	91	36,5
Raiva	78	31,3
Chateação	73	29,3
Revolta	59	23,7
Mágoa	52	20,9
Medo	47	18,9
Assustado	41	16,5
Desproteção	37	14,9
Indiferença	19	7,6
Brincadeira/ engraçado	20	8,0

Análise restrita aos estudantes que relataram sofrer *Cyberbullying* (n=249).

* Percentuais calculados sobre o total de estudantes que informaram a frequência (n=132).

** A pergunta admitiu mais de uma opção de resposta.